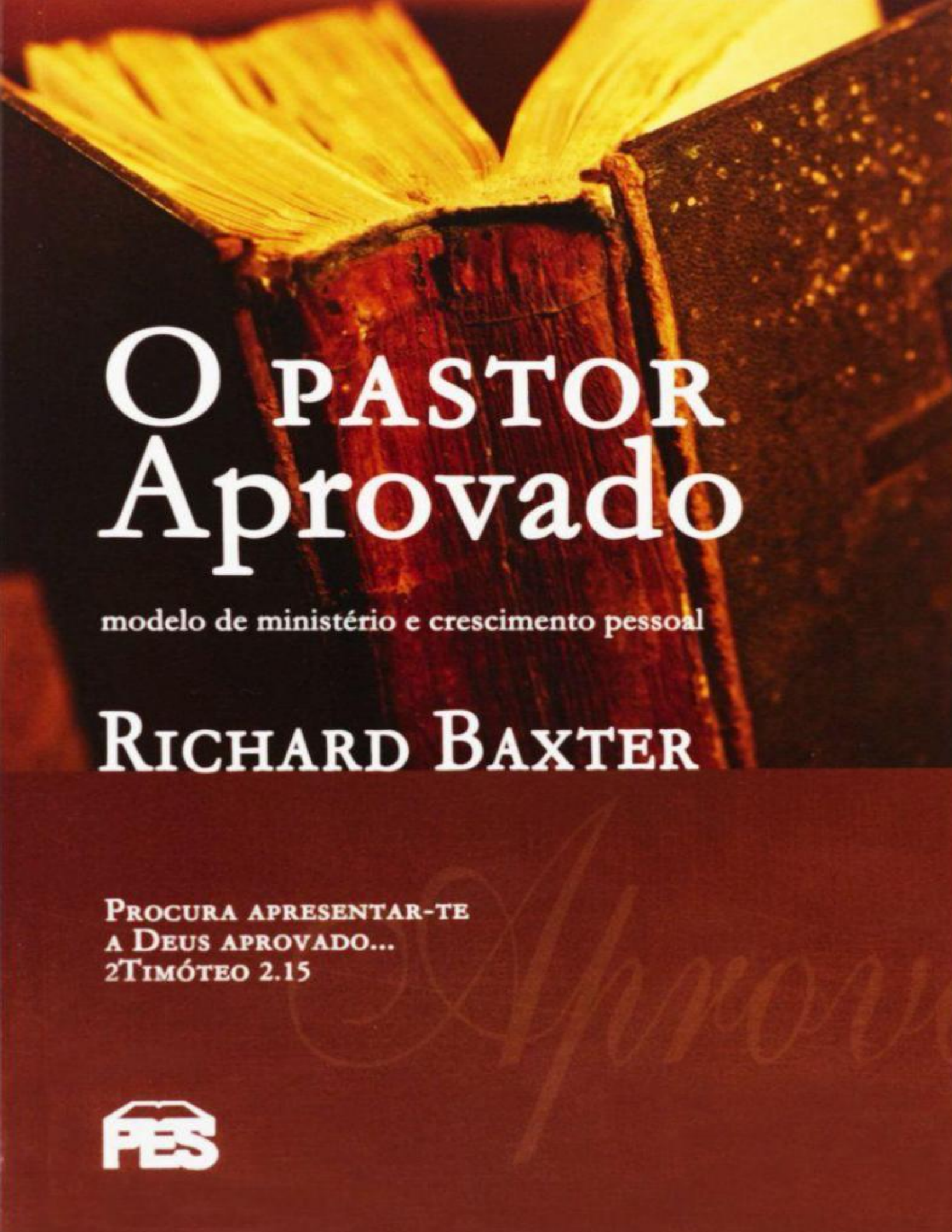




O PASTOR Aprovado

modelo de ministério e crescimento pessoal

RICHARD BAXTER

PROCURA APRESENTAR-TE
A DEUS APROVADO...
2TIMÓTEO 2.15



O PASTOR Aprovado

Este livro é um dos mais extraordinários já publicados na língua inglesa. Sobre ele, Spurgeon se expressou desta forma: "Se você quiser conhecer a arte de argumentar, leia *O pastor aprovado*. Richard Baxter é o escritor mais poderoso (da sua época)".

O dr. J. I. Packer descreve Baxter como "o mais notável pastor, evangelista e escritor sobre temas práticos e devocionais que o puritanismo produziu".

Philip Doddridge escreveu: "*O pastor aprovado* é um livro fenomenal... extraordinário. Muitos ministros são apenas sombras do que poderiam ser se seguissem esforçadamente os conceitos e princípios expostos nesse tratado incomparável".

Richard Baxter levava a sério o encargo pastoral. A oração dos editores desta "pérola puritana" é que ela sirva de grande proveito para todos os seus leitores na língua portuguesa.



Sumário

O PASTOR APROVADO

PREFÁCIO AOS CLÁSSICOS DE FÉ E DEVOÇÃO

NOTA DO EDITOR SOBRE BAXTER E SOBRE

A RELEVÂNCIA DA OBRA, O PASTOR

APROVADO O LIVRO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

EXAME DE NOSSAS

VIDAS PESSOAIS

INTRODUÇÃO PARA

PASTORES E LEIGOS

PARA O PASTOR

PARA O LEITOR LEIGO

A INCUMBÊNCIA BÍBLICA PARA TODOS

O CARÁTER DO PASTOR E NOSSO

INTERCÂMBIO COM OUTROS

PASTORES A NECESSIDADE DE

UNIDADE E COMPANHEIRISMO

ENTRE PASTORES

CUIDANDO DE NÓS MESMOS

MOTIVOS PARA CUIDARMOS DE NÓS MESMOS

O PASTOR E SUA

NECESSIDADE DE

ARREPENDIMENTO

CONFISSÃO DOS NOSSOS

PECADOS ATUAIS

SEGUNDA

PARTE

VELANDO

PELO

REBANHO

CUIDAND

O DO

REBANHO

A NATUREZA DESTE CUIDADO

OS MOTIVOS

DO CUIDADO

PASTORAL I.

SOMOS BISPOS

SOBRE O

REBANHO II.

TEMOS UMA

CAUSA

EFICIENTE

III. TEMOS GRANDE DIGNIDADE DE PROPÓSITO

IV. SUPERVISIONAMOS A IGREJA REDIMIDA POR UM
PRECIOSO RESGATE

MAIS EXORTAÇÕES SOBRE COMO E

POR QUE DEVEMOS CUMPRIR NOSSO

DEVER RAZÕES PARA A INSTRUÇÃO

PASTORAL

I. OS BENEFÍCIOS DO MINISTÉRIO PESSOAL DO PASTOR

II. AS DIFICULDADES

DO MINISTÉRIO

PASTORAL III. A

NECESSIDADE DO

MINISTÉRIO

PASTORAL TERCEIRA

PARTE

ALGUMAS DIRETRIZES

PARA A PRESERVAÇÃO DO

REBANHO DIRETRIZES

PARA A DIREÇÃO EFICAZ

DA OBRA PASTORAL I.

DIRETRIZES PRÁTICAS

II. ENSINO EFICAZ

ALGUMAS

DIFICULDADES DO

ENSINO PASTORAL

COMO LIDAR COM OS

CISMÁTICOS

O CRISTÃO

APÁTICO E

VACILANTE

APÊNDICES

CARTAS DE APELO

II. O ACORDO DA ASSOCIAÇÃO DE WORCESTERSHIRE

III. OBJEÇÕES À OBRA “THE REFORMED PASTOR”, DE
BAXTER

PREFÁCIO AOS CLÁSSICOS DE FÉ E DEVOÇÃO

Com a profusão de livros que agora estão sendo publicados, muitos leitores cristãos precisam de orientação para uma coleção básica de obras espirituais que permaneçam em sua companhia a vida toda. Esta nova série de clássicos de devoção está sendo editada para prover exatamente essa biblioteca básica geral para o lar. As obras selecionadas podem não ser do conhecimento geral hoje, mas o interesse central de cada uma delas é relevante para o cristão contemporâneo.

Outro objetivo desta coleção de livros é despertar o interesse pelos pensamentos e meditações espirituais dos séculos negligenciados. Muitos cristãos de hoje não têm noção do passado. Se a Reforma lhes é importante, eles saltam da Igreja apostólica para o século dezesseis, omitindo uns catorze séculos da obra do Espírito Santo em muitas vidas devotadas a Cristo. Estes clássicos eliminarão essa lacuna e enriquecerão os seus leitores pela fé e a devoção dos santos de Deus através da história toda.

E assim volvemos aos livros e ao seu propósito. Alguns deles transformaram as vidas dos seus leitores. Observe-se como *A Vida de Antônio*, por Atanásio, afetou Agostinho, ou como a obra, *Um Sério Chamamento Para Uma Vida Santa*, de William Law, influenciou a vida de João Wesley. Outras obras, como as *Confissões* de Agostinho, ou a *Imitação de Cristo*, de Tomaz à Kempis, permaneceram

como perenes fontes de inspiração através dos séculos. Esperamos sinceramente que as obras selecionadas nesta série produzam efeitos semelhantes sobre seus leitores de hoje.

Cada obra selecionada teve profunda significação para um líder cristão contemporâneo. Nalguns casos, os pensamentos e reflexões do escritor clássico espelham-se nas genuínas ambições e desejos do líder atual, num extraordinário emparelhamento de corações e mentes com séculos de distância entre eles. Por isso, solicitamos que esses líderes escrevessem a introdução do livro que tanta significação teve para a sua vida.

EDITANDO OS CLÁSSICOS

Tais clássicos da vida espiritual tiveram os seus obstáculos. Sua linguagem original, o estilo arcaico das edições posteriores, sua extensão, as digressões, as alusões a culturas ultrapassadas — todas estas coisas deixam neles suas marcas, desanimando o leitor moderno. Reimprimi-los (como foi feito em alta escala no século passado, e continua sendo feito neste século) não elimina estes defeitos de estilo, extensão e linguagem. Para buscar o cerne e tirar a casca, esta série envolve o trabalho de ampliar, reescrever e publicar cada livro. Ao mesmo tempo, procuramos manter-nos fiéis à mensagem essencial dada na obra, e ater-nos quanto possível ao estilo original do autor.

Os princípios de editoração da obra em inglês são como segue: usar frases curtas. Encurtar os parágrafos. Resumir o material, empregando digressões ou alusões para atualização ou para entendimento da época. As palavras arcaicas são substituídas. A ortografia segue a do dicionário de Webster. Pode-se acrescentar encadeamento lógico ao

material ampliado. Mantém-se vigorosamente em mente a identidade do tema ou do argumento. Alusões a outros autores recebem breve explanação. E são acrescentados títulos marginais para propiciar concisos sumários de cada seção de maior importância.

Para o cristão, a Bíblia é o texto básico para leitura espiritual. Todas as outras leituras devocionais são secundárias e jamais deverão substituir as Escrituras. Portanto, as alusões a elas nestes clássicos de devoção são localizadas, anotando-se as suas referências no texto. Aí está o ponto em que outras edições destes livros podem ignorar a qualidade escriturística destas obras, as quais são inspiradas e guiadas pela Bíblia. O ponto focal bíblico é sempre o sinete áureo da verdadeira espiritualidade cristã.

PROPÓSITO DOS CLÁSSICOS: LEITURA ESPIRITUAL

Visto que a nossa sensitiva e impaciente cultura torna a leitura espiritual estranha e difícil para nós, o leitor deve ter o cuidado de ler estes livros devagar, meditando e refletindo. Não se pode lê-los rapidamente como uma história de detetive. Em vez de novidades, eles focalizam rememorações, fazendo-nos lembrar valores que continuam sendo de conseqüência eterna. Podemos usufruir de muitas coisas novas, mas os valores são tão antigos como a criação divina.

O leitor destes livros não deverá ter por meta a busca de informação.

Ao invés disso, estes volumes nos ensinam a viver com sabedoria. Isso requer obediência, submissão da vontade, mudança do coração e um espírito brando e dócil. Quando João Batista viu a Jesus, sua reação foi: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”. Assim também a leitura espiritual faz que diminuam os nossos instintos naturais, para deixaro amor de Cristo crescer dentro de nós.

Tampouco estes livros são equipamentos ou textos de “habilitação rápida”. Eles nos tomam como somos — isto é, como pessoas e não como funcionários. Guiam-nos de modo

que “sejamos” autênticos, e não nos ajudam necessariamente a promover mais atividades profissionais. Livros como estes exigem que consigamos tempo para digeri-los lentamente, espaço para que os pensamentos neles contidos entrem em nossos corações, e disciplina para que cada nova compreensão “se fixe” e passe a ser parte do nosso caráter cristão.

James M. Houston

NOTA DO EDITOR SOBRE BAXTER E SOBRE A RELEVÂNCIA DA OBRA, O PASTOR APROVADO

O HOMEM

Condições precárias de saúde sempre caracterizaram a longa e febril vida de Richard Baxter (1615-1691). Mesmo assim, ele produziu material (mormente nas áreas da teologia prática ou pastoral) suficiente para encher vinte e três volumes, na edição que William Orme fez das suas obras no século dezanove (1830).

Baxter viveu num período da história da Inglaterra caracterizado igualmente por destruição e criatividade. De certo modo, a sua vida retratou a tumultuosa colisão dessas forças. Embora ordenado episcopal, rejeitou amargurado a posição que a igreja episcopal (anglicana) tomou por ocasião da Restauração, de que “a ordenação episcopal é essencial para a prática do ministério cristão”. Conseqüentemente, junto com cerca de mil e oitocentos dissidentes, ele se tomou um não conformista, e foi expulso do ministério que exercia em Kidderminster, onde trabalhara catorze anos.

Baxter foi para Londres, para continuar pregando, e ali foi preso, quando estava com setenta anos de idade; esteve preso durante vinte e um meses. Morreu cinco anos depois.

Uns 135 artigos de sua lavra foram publicados durante sua vida, e 5 obras póstumas foram impressas posteriormente.

Como estadista, Baxter foi um fracasso. Recusou um bispado quando este lhe foi oferecido. E, embora sendo o principal porta-voz dos não conformistas durante vinte anos, era demasiado franco para liderá-los politicamente. Conquanto seu coração desejasse a paz para sanar o cisma, ele era sempre demasiadamente duro, direto e franco, o que lhe impossibilitava a construção de pontes.

Mas como pastor, Richard Baxter era incomparável. E é essa capacidade que está expressa nesta obra — a mais conhecida de suas obras. O que ele deixou feito e registrado em Kidderminster é talvez uma das maiores realizações pastorais na história da Igreja.

Ele ensinava individualmente os membros de sua igreja por meio de aconselhamento pastoral, e os catequizava sistematicamente (isto é, ensinava-os pelo método de pergunta e resposta) no cristianismo básico. O que Baxter ensina e expressa na obra, *O Pastor Aprovado* (1656), ele de fato pôs em prática em seu próprio ministério. É por isso que este livro é tão fervoroso em sua convicção, tão prático e vivo em sua aplicação, e tão sincero e leal em sua compreensão das necessidades humanas.

SEU ESTILO E SUAS ÊNFASES

O melhor termo para descrever o estilo de Baxter é “verboso”. Achava difícil parar de escrever. Ele podia ser repetitivo, de longo fôlego e enciclopédico no conselho que dava. Daí os editores acharem necessário reduzir o volume das suas obras. Até mesmo a sua defesa em resposta às objeções levantadas contra a primeira edição de *O Pastor Aprovado* toma trinta e nove páginas. (Ele a incluiu como um apêndice nas edições posteriores.)

A prolixa liberdade do seu estilo é, em certa medida, compensada pelos pontos detalhados que ele salienta como guia espiritual. Ele ministra orientação de maneira específica

e clara. Para alguém que escrevia no século XVII para leitores puritanos, ele reunia elementos de ampla variedade de fontes. Ele é evidentemente bem versado em seus contemporâneos. Mas também é impressionante o quanto ele conhece e menciona os grandes “pais” cristãos, como Bernardo de Claraval, Agostinho, Gregório e Cipriano, bem como escritores eclesiásticos posteriores a eles.

Sua época foi marcada por controvérsias e cismas. Baxter se esforçava para evitar isso, mas nem sempre teve sucesso.

Portanto, a editoração reduz a sua prolixa extensão (aproximadamente 580 páginas) e muitas alusões específicas que visavam ao debate teológico, as quais são irrelevantes para o leitor moderno. Nossa confiança é que aquilo que permanece nesta edição é a vitalidade e a convicção do homem, sua sinceridade e honestidade, e seu modo narrativo e realista de aconselhar.

Sua franqueza revela-se no título do livro, *Gilda Salvianus*. Esse título refere-se a dois escritores do quinto e do sexto séculos, que atacavam duramente os pecados das suas gerações. “Com os nomes deles”, diz

Baxter, “ofereço-lhes uma desculpa... pelo tratamento franco”.

The Reformed Pastor, literalmente, *O Pastor Reformado*, era o subtítulo. Com “Reformed” Baxter não queria dizer “Protestante” ou mesmo “Calvinista”; referia-se com esse termo ao pastor revitalizado, renovado no coração e no espírito para servir plenamente a Deus. No século dezessete, o ministério na Inglaterra precisava angustiosamente dessa renovação. Seu livro hoje nos ajuda a focalizar a nossa atenção na situação atual e em nossa necessidade de renovação. Uma das críticas mais importantes feitas por Baxter era sobre a falta de disciplina na Igreja, que também está faltando na vida da Igreja contemporânea. Finalmente, ele percebeu a importância do

aconselhamento pessoal, que, nesta era moderna de tecnocracia eclesiástica desenvolvimentista e multitudinária, também precisa de uma ênfase renovada.

E quanto ao leigo, Baxter escreve a respeito da séria necessidade de instrução esclarecedora. Igualmente, ele defende vigorosamente a delegação de deveres de acordo com os dons presentes na igreja local, de modo que todos possam usar os seus dons no serviço a Deus. Temos grande necessidade destes ensinamentos hoje.

O LIVRO

A influência de *O Pastor Aprovado* tem sido realmente duradoura e poderosa na vida da Igreja, desde os dias de Baxter. Diversamente de algumas das obras menos conhecidas da coleção *Clássicos de Fé e Devoção*, *O Pastor Aprovado* é um livro célebre por sua perene popularidade. Na edição publicada por J. T. Wilkinson, lê-se informação sobre a influência desta obra durante os trezentos anos passados. Philip Jakob Spener, fundador do pietismo alemão, foi influenciado pelo livro de Baxter quando era estudante em Estrasburgo. O livro fora traduzido para o alemão em 1716, Cotton Mather, historiador das igrejas da Nova Inglaterra, atesta a sua influência ali.

Philip Doddridge achava que o livro era “uma realização sumamente extraordinária e que todo jovem ministro devia lê-lo antes de tomar um rebanho sob seus cuidados.

Entendia que as instruções práticas do livro deviam ser lidas de novo cada três ou quatro anos.¹ Charles Spurgeon considerava “Richard Baxter o escritor mais poderoso, e, se você quiser conhecer a arte de argumentar, leia... o seu livro, *O Pastor Aprovado*”} Na edição de 1821, William Brown concita “as diferentes sociedades missionárias... a darem a cada missionário, ou pelo menos a cada posto missionário, um exemplar de *O Pastor Aprovado*.

Hoje há disponíveis muitos manuais sobre técnicas de liderança. Precisamente este pequeno volume pode ajudar

a contrabalançar a ênfase empresarial que os autores impingem ávida da Igreja contemporânea, pois também é necessário ter coração de pastor na obra do Senhor.

Mais uma coisa é preciso dizer sobre o conteúdo de *O Pastor Aprovado*. Richard Baxter tinha uma idiossincrasia pessoal que foi corrigida nesta edição do livro. Há ocasiões em que ele enumera ou esboça o que pretende apresentar em seguida e, depois, quando começa a escrever, não é coerente com aquela ordem de assuntos. Portanto, para haver coerência com o plano esboçado no final do primeiro capítulo, dispusemos a seqüência de sua matéria de maneira que o capítulo 1 é seguido pelos capítulos 4,2,5,3,6,7,8 e 9 da sua edição original. A inserção de divisões em partes no índice e no próprio material do texto visa também maior clareza.

Poucos dentre nós exemplificam “O Pastor Aprovado” mais que o dr. Richard Halverson. Seu ministério pastoral na Igreja Presbiteriana de Hollywood, em Los Angeles, e depois na Quarta Igreja Presbiteriana de Washington, D.C., teve expressão nacional. Esta expressão elevou-se ainda mais, com o seu ministério atual, como Capelão do Senado dos Estados Unidos.

O ardente interesse pessoal que o dr. Halverson de há muito vem demonstrando na vida da Igreja e em seu ministério exercido a vida toda com o movimento “Fellowship” (Companheirismo), faz dele um pastor de pastores. Ficamos-lhe sinceramente agradecidos pelo valioso serviço que nos presta endossando um livro que ele ilustrou amplamente com o seu exemplo pessoal. Os princípios deste livro, que ele mantém o recomenda são vitalmente necessários para o futuro bem-estar da Igreja universal.

INTRODUÇÃO

Há numerosas razões pelas quais o livro de Richard Baxter, *O Pastor Aprovado*, é relevante para as igrejas e seus pastores nesta época atual. Em primeiro lugar, ele revela a verdade acerca dos puritanos, quanto ao seu estilo de vida e às suas crenças. Esta descrição contrasta com a imagem negativa que comumente é apresentada e que deu má fama ao autêntico espírito puritano.

O estereótipo dos puritanos é que eles eram estreitos, legalistas, inflexíveis, exclusivistas, fanáticos e pietistas nos sentidos mais feios dessas palavras. Página após página, parágrafo após parágrafo, frase após frase, a instrução dada por Baxter demonstra que esse estereótipo não passa de uma caricatura grotesca; ao invés recomenda as características puritanas autênticas ao observador mais crítico.

Segundo, o livro anima os que estão desanimados com a Igreja. Cada geração tende a considerar as suas más características como os piores males que a história já conheceu. De modo semelhante, a Igreja tem seus numerosos detratores hoje, dentro e fora dela. Seu pessimismo muitas vezes faz a gente pensar que nunca a Igreja foi tão corrupta e impotente como na época atual. Todavia, um dos mais benéficos resultados do conhecimento da história é colocar os eventos correntes em correta perspectiva. A múltipla e profunda compreensão que Baxter revela da Igreja do seu tempo anima o leitor a ter esperança no poder renovador do Espírito Santo.

Jesus Cristo falou seriamente quando declarou: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Em sua qualidade humana, a Igreja falha muitas vezes e de muitas maneiras. Na época de Baxter o desvio dela era assustador. Não obstante, Cristo cumpriu Sua palavra, e Sua Igreja foi preservada naquele tempo, como o será em nossa época, e até o momento da consumação do Seu triunfo na história.

Há muita coisa que nos desanima na Igreja atual; mas há também muita coisa que nos anima. Consideremos o que Jesus começou num íntimo relacionamento com doze homens num período de três anos: isto tem continuado por dois mil anos. Tem alcançado e transformado as vidas de milhões e milhões, transpondo todas as barreiras que dividem os seres humanos. Hoje continua mais forte do que nunca. Tal sucesso força a gente a crer na Igreja que Jesus disse que seria indestrutível. Impérios elevam-se e caem, reinos vêm e vão, mas a Igreja de Cristo permanece. Baxter viveu numa época em que seria fácil desistir da Igreja. Todavia, ele cria nela, e viveu, trabalhou e morreu por ela.

Uma terceira razão por que o livro é relevante é por vivermos num tempo em que o “crescimento da Igreja” se tomou virtualmente uma ciência. Pensa-se no crescimento primeiro e acima de tudo quantitativamente — em termos de números, e não qualitativamente — em termos de nutrição e edificação espiritual. A ênfase de Baxter à primorosa nutrição de cada membro constituirá uma inspiradora alternativa para a síndrome do sucesso do “grande negócio”.

Quando fui convidado para pastorear a Quarta Igreja Presbiteriana (de Washington) em 1958, fiz um acordo com os líderes no sentido de que não haveria pressão para aumentar o número de membros. Ficou entendido que a nossa responsabilidade era cuidar das pessoas, nutri-las com a Palavra de Deus, fortalecer a sua comunhão com Cristo e umas com as outras, e ajudá-las a crescer no amor. A convicção era que o crescimento numérico, à semelhança do que ocorreu no Novo Testamento, seria o resultado espontâneo e normal de uma saudável comunidade ligada pela fé (Atos 2:47; 6:7; 9:31; 16:5).

No passar dos anos, houve queixas de alguns freqüentadores não membros; indagavam admirados se éramos indiferentes quanto as pessoas se unirem à igreja ou não. Não éramos, mas a ênfase estava tão centralizada

no cuidado e nutrição dos fiéis que simplesmente não fazíamos nenhum esforço para *recrutar e* receber novos *membros*. Pouco a pouco, foram desenvolvidos métodos destinados a tornar a plena adesão à igreja

tão significativa quanto possível, e a ajudar os que se lhe uniam a saber com clareza o que estavam fazendo. Em vinte e dois anos o rol de membros quase quadruplicou, e houve muitos que vieram a Cristo e permaneceram em suas igrejas de origem. Isto aconteceu particularmente com os jovens.

Não significa que houve indiferença para com a evangelização, da parte da nossa igreja. Desde o meu nascimento em Cristo, fui discipulado segundo o princípio paulino de que o crente tem para com o mundo inteiro a dívida de alcançá-lo para Cristo. Não há alegria comparável à de ver uma alma passar da morte para a vida, e como seria bom ver toda gente nascer de Deus! Mas a nossa convicção era, e ainda é, que o Novo Testamento não define a evangelização como um departamento da vida da Igreja. Tampouco se trata de um dos muitos programas iniciados pela Igreja. Em vez disso, é a resultante normal de uma comunidade espiritualmente forte, a qualidade de cuja vida, individual e corporativamente, dá suporte ao testemunho dos crentes. O amor de Deus é caracterizado por uma aspiração à felicidade eterna de toda alma viva. O meio mais seguro para que isto se manifeste é a fiel instrução em todo o conselho de Deus, dada a todos os crentes. Para a maneira como Baxter entendia o que é ser pastor, isso era fundamental. “O *primeiro* e principal ponto que submeto à sua apreciação é que constitui um inquestionável dever de todos os ministros da Igreja catequizar e ensinar pessoalmente todos os que são entregues aos seus cuidados” (Capítulo I, página 25).

Uma quarta razão pela qual as considerações de Baxter são tão úteis hoje é seu interesse pela família, interesse que veio a ser zeloso cuidado em sua guarda pastoral da família e de cada um dos seus membros, no contexto de todo o corpo. Devemos acolher bem o seu exemplo, para a Igreja do século vinte, quando o amor, o matrimônio, a família e o lar sofrem tão intenso ataque.

É indiscutível que uma cultura não pode suportar

indefinidamente a desintegração do casamento, da família e do lar. A família é central para a perpetuação e preservação da humanidade, básica para a ordem social e o principal ambiente para a instrução e o crescimento. O mandamento de Deus a Israel incluía a responsabilidade de instrução religiosa na família (Deuteronômio 6:4-9). Na família se estabelecem sistemas de valor; aprendem-se autoridade, disciplina, amor, respeito; toma-se direção na vida. Embora o filho possa parecer, anos mais tarde, repudiar grandemente o que foi aprendido no lar, certamente ele leva grande vantagem sobre aquele que não teve orientação na fé em casa. Na crise, geralmente o filho retoma às suas raízes.

“Ouçam os filhos os poderosos feitos realizados por Deus na antigüidade, que em nossa meninice contemplamos, e outros, que os nossos pais nos relataram.

Manda-nos publicar

as Suas glórias, Suas

obras de poder, amor

e graça;

Suas maravilhas vamos transmitir a cada geração nova que surja.

Nossa boca as dirá aos nossos filhos, e estes as contarão aos filhos deles, para que as gerações que ainda virão as possam ensinar aos seus herdeiros.”

(Salmo 78 — Salmos Metrifcados [Metered Psalms], adaptados para uso no culto privado, comunitário e público. Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América — 1843.)

Richard Baxter centraliza a sua instrução na família. Escreve ele: “Passamos as segundas e terças-feiras, desde cedo de manhã até quase ao cair da noite, envolvendo umas quinze ou dezesseis famílias, toda semana, nesta obra de catequese. Com dois assistentes, percorremos completamente a congregação, que tem cerca de oitocentas

famílias, e ensinamos cada família durante o ano”. Baxter guardava as “anotações do que cada qual tinha aprendido, a fim de continuar” a instrução sistematicamente.

Uma quinta razão pela qual *O Pastor Aprovado* merece ser lido hoje tem como ponto focal a sua mensagem: a instrução ministrada por Baxter dirige-se repetidamente ao pastor propriamente dito. Ele nunca foge da perspicaz, amorosa (mas nem sempre gentil) reprovação e correção da eficiência do pastor para com o povo que Deus lhe confiou. Contudo, ele sempre escreve sobre isso com uma positiva e animadora série de arrazoados. Todos nós, como pastores, precisamos “olhar por” nós mesmos, como Paulo aconselhou aos presbíteros de Éfeso (Atos 20:28) e como o propugna Baxter. Uma coisa é certa: uma igreja não se elevará acima da sua liderança. A vida pessoal e familiar do pastor deve ser constantemente submetida ao escrutínio das Escrituras. À luz das Escrituras Sagradas, aquele que foi chamado a tão elevada vocação deve aspirar à santidade e pureza de vida.

Em todos os meus pastorados, sempre achei que um tempo reservado todo dia para cultivo e oração é absolutamente essencial para a minha eficiência. Na ocasião em que me formei no seminário, passei por uma fase legalista durante a qual eu dedicava um período diário a devoções pessoais em consideração tão somente a essa prática propriamente dita. Isso incluía muitos “golpes de culpa”, quando eu falhava. Logo no pastorado descobri a necessidade de devoções pessoais pelo bem do meu cultivo espiritual e para proteger o meu relacionamento com Cristo.

A vida do pastor sob o escrutínio das Escrituras é um princípio oriundo de Baxter que nem sempre é fácil aplicar. Uma lição que me veio com dificuldade e relativamente tarde foi sobre a minha responsabilidade para com minha esposa e filhos. No início do meu ministério, eu justificava minha negligência para com eles apoiando-me nas responsabilidades para com a igreja. Tive que aprender que Cristo esperava que eu amasse a minha esposa como Ele amou a Sua Igreja, e que eu cuidasse bem dos seus filhos. Embora a tensão raramente esteja ausente, nunca se deve permitir que o trabalho

venha antes da relação com Cristo ou com o Cônjuge e a família.

O capítulo da obra de Baxter sobre “*O pastor e sua necessidade de arrependimento*” é extraordinariamente contemporâneo. Ele discute a responsabilidade para com os pobres, e os pecados de negligenciarmos aqueles em favor de quem Deus é um advogado permanente. Em vários Contextos inesperados, Baxter nos lembra a obrigação implícita em nossa vocação: a de sermos sensíveis, compassivos e compreensivos para com os desafortunados.

A preocupação com a falta de conhecimento bíblico é a sexta razão da relevância deste clássico. Até nas igrejas evangélicas conservadoras a escassez da exposição bíblica do púlpito é matéria para séria consideração. O resultado é que não é incomum a Igreja como instituição, e seus membros em particular, enfrentarem os problemas sociais contemporâneos de um ponto de vista sociológico, psicológico ou político. As absolutas e inflexíveis verdades morais das Escrituras são usadas cada vez menos como critérios para a solução das questões éticas e sociais. Veja as palavras de Harry Blamires, “Não existe mente cristã”. A ênfase e a insistência de Baxter, portanto, na ministração de instrução bíblica não poderiam ser mais oportunas e relevantes em dias como estes.

O doutor Lucas foi inspirado pelo Espírito Santo para registrar o fato de que a Igreja apostólica, revigorada pelo evento pentecostal, dedicou-se a quatro coisas (Atos 2:42): “O ensino apostólico e a comunhão, o partir do pão e a oração”. A doutrina apostólica era essencial para a comunidade do Novo Testamento e é indispensável para a saúde e vigor da comunidade da fé hoje. Séculos *depois da era apostólica*, houve um *despertamento* da Igreja para a sua necessidade da Bíblia. Na Reforma, o púlpito com a Bíblia aberta instituiu o altar. O sacrifício do Senhor não se tomou menos importante; continuou sendo lembrado regularmente na celebração da Ceia. Mas surgiu a ênfase

de que o povo de Deus precisava ser ensinado na doutrina.

A finalidade do púlpito é a exposição da Palavra de Deus, e não há necessidade maior do que essa na Igreja atual. Nunca deixarei de ser grato ao professor de homilética no seminário, o dr. Andrew W. Blackwood, que instruía os seus alunos sobre a pregação bíblica. O seu curso, “Planejando Sermões para um Ano”, veio ser um dos mais valiosos para mim. Desde o meu primeiro pastorado até o último, segui esse plano com grande satisfação. Ele não só facilitava e melhorava o preparo dos sermões, mas também tencionava seguir os eventos do ano eclesiástico e, em geral, cobrir anualmente todas as partes da Bíblia.

A sétima razão da relevância deste livro diz respeito à palavra *discípulo*. Se Baxter estivesse vivo hoje, seria um poderoso defensor daquilo que atualmente se chama “discipulado”. Embora seja uma boa palavra bíblica, só foi descoberta recentemente e desde então passou a ser de uso geral. É de se esperar que essa boa palavra e sua prática não sejam apenas uma moda passageira, transformando-se numa simples chapa batida pelo uso exagerado.

Baxter dava ênfase à responsabilidade que o pastor tem de conhecer as necessidades das pessoas da sua igreja ou do seu campo eclesiástico para alimentá-las individualmente. Sua prática de tomar tempo com a instrução de cada membro de sua não pequena igreja deve servir de censura e inspiração para todo pastor que o leia.

Sua insistência em tão precioso cuidado e supervisão da comunidade de Cristo é fundamental para o trabalho pastoral. Nas palavras do próprio Baxter, “... como um cuidadoso pastor que cuida bem de todas as suas ovelhas, como um bom mestre-escola que cuida bem de cada aluno individual, ou como um bom médico que conhece cada um dos seus pacientes” (Capítulo 5, página 98). Seu propósito (Capítulo 5, páginas 94—95) quanto ao ministério é essencial. Sua classificação dos membros e de suas necessidades ébrilhante (Capítulo 5, páginas 97—105).

Certa ocasião, durante o segundo ano do meu primeiro

pastorado, senti-me cativado por um texto do Evangelho Segundo Marcos (3:14), onde está registrado que Jesus “nomeou doze para que estivessem com ele”. A importância desse texto simples para o meu ministério ulterior foi absolutamente incalculável. Jesus estava dando início a um movimento que atingiria o mundo inteiro e duraria para sempre. Ele dispunha de três anos para isso. E deliberadamente se dedicou a doze homens. Não negligenciava as multidões, mas “discipulou” doze homens. Ocorreu-me que essa estratégia não poderia ser melhorada, e isto me deu orientação para o meu ministério até o presente momento.

É interessante que, durante anos, tenho observado que o imperativo que os cristãos evangélicos conservadores têm transmitido, tirando-o da “Grande Comissão” (Mateus 28:18-20) é para ir. “Ide!” tem sido a grande palavra, e se tem exercido tremenda pressão, especialmente em auditórios de jovens, para irem. Geralmente significa ir para terras estrangeiras ou além-mar. Na verdade, o verbo “ir” aparece na forma de particípio e a única ordem presente na “Grande Comissão” é “fazei discípulos”.

Seja o que mais for que Baxter realizou como pastor, uma coisa é certa — ele discipulava as pessoas. Numa época em que a condição da Igreja era deploravelmente corrupta, Richard Baxter indefectivelmente discipulava o rebanho. E ele nos fala hoje com grande relevância e urgência.

Finalmente, a paixão de Baxter pela unidade é ainda outra persuasiva razão para a leitura de *O Pastor Aprovado*. Dos seus escritos se deduz que essa era virtualmente uma preocupação para ele. Ele seguia direção contrária à do estereótipo puritano, com seu exclusivismo legalista, separatista e estreito. Ao invés disso, Richard Baxter exorta encarecidamente os pastores a respeito da necessidade que têm uns dos outros e da unidade fundamental do corpo de Cristo.

Refletindo sobre *O Pastor Aprovado*, tem-se a sensação de um curso real e completo de seminário teológico sobre a prática do ministério pastoral — com seus pormenores mais meticulosos, específicos e explícitos. Quando o li e ponderei, desejei ter feito um curso de seminário assim, para com isso começar o meu ministério. A instrução dada por Baxter contém preceitos e princípios que vim a aprender relativamente tarde nos pastorados que exerci.

Pode ser, porém, que eu não tivesse sabido apreciar devidamente *O Pastor Aprovado* quando eu era estudante. Talvez o tivesse relegado aos domínios da teoria. Talvez esta seja uma obra só apreciada pelos já iniciados no ministério, pois é quando a pessoa está envolvida no trabalho pastoral e começa a perceber a relevância e/ou irrelevância de uma educação de seminário para a vida real.

Em todo caso, este livro nos vem do passado, de uma pessoa que levava a sério o trabalho pastoral. É uma receita bem-vinda e salutar para a Igreja contemporânea.

Richar

d C. Halverson

Capelão do

Senado dos

Estados Unidos

PRIMEIRA PARTE

EXAME DE NOSSAS VIDAS PESSOAIS

INTRODUÇÃO PARA PASTORES E LEIGOS

Permitam-me contar-lhes os antecedentes desta obra. O Senhor despertou os Seus servos deste condado e de algumas regiões vizinhas para o senso de dever quanto ao ensino da fé. Depois de se terem proposto consumir este objetivo com o catecismo (isto é, com cerrado interrogatório acerca dos princípios da religião) e com instrução particular de todos nos respectivos campos de trabalho pastoral, fizeram um acordo. O acordo era que cada um iria, no futuro, catequizar os membros da sua igreja com um profundo sentimento de humildade diante de Deus, e com atitude de arrependimento por ter negligenciado essa prática por tanto tempo.

Estes servos de Deus se reuniram em Worcester, em 4 de dezembro de 1655, para orarem fervorosamente, com estas três súplicas: o perdão por sua negligência anterior; a ajuda especial de Deus na obra que agora se comprometiam a empreender; e o sucesso no ensino renovado dos membros das suas igrejas. Foi para essa ocasião solene que preparei esta obra, visto que não pude comparecer pessoalmente por motivo de enfermidade.

PARA O PASTOR

Talvez vocês questionem o fato de eu falar tão francamente contra os pecados dos que se acham no ministério. Alguns dizem que eu não devia publicar isto diante de todo o mundo.

Confesso que há certa validade nessa objeção. Contudo, agi assim porque, se devíamos ser humildes, precisávamos fazer clara confissão dos nossos pecados. Devíamos confessar também os *nossos pecados pessoais* e, deste modo, trazer vergonha sobre nós mesmos. Poder-se-ia argumentar que deveríamos traduzir a obra para o latim, para nosso uso profissional, mas quando o pecado da negligência está aberto aos olhos do mundo, é inútil querer ocultá-lo. Todas as tentativas neste sentido só agravariam e aumentariam a nossa vergonha.

Quando o pecado é cometido em público, a confissão também deve ser feita em público — se é que buscamos plena remissão. O pecado não perdoado nunca nos deixará tranquilos e prósperos. “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia” (Provérbios 28:13).

São muitos os que se engajam na sagrada obra do ministério obstinadamente, caracterizados pelo interesse próprio, pela negligência, pelo orgulho, pelo divisionismo e outros pecados. Temos que admoestá-los. Se pudéssemos ver que eles se reformariam sem necessidade de repreensão, alegremente deixaríamos de publicar as suas faltas. Mas, que outra coisa podemos fazer? Desistir dos nossos irmãos e colegas é um mal sem remédio; é um erro. E tolerar os maus hábitos dos ministros é promover a ruína da Igreja.

Imaginem milhares num navio que faz água. Os que deviam estar bombeando a água e tapando as brechas estão se divertindo ou dormindo. Pois bem, vocês não os acordariam e não os chamariam para o seu trabalho, pela salvação das suas próprias vidas? Os homens os julgariam errados por falarem duramente e em tom de urgência com os preguiçosos? Vocês não diriam, “o trabalho tem que ser feito, ou, senão, todos morreremos”? “O navio está quase afundando, e vocês me vêm falar de reputação?” É este o nosso caso, irmãos! O trabalho de Deus tem que ser feito!

Mas há sempre alguns que estão prontos a julgar e a culpar os outros. O que eu disse aqui, procurei dizê-lo tão imparcialmente quanto pude, e sem partidarismo. É provável que alguns se sintam ofendidos por mim. Poderão sentir-se ofendidos se a razão for a necessidade de disciplina na Igreja, mas não, assim espero, por pertencerem a outras denominações.

Meu desejo é que todos nós consideremos até que ponto podemos ter comunhão uns com os outros. Naquilo em que não pudermos tê-la, pelo menos tratemos de consultar-nos uns aos outros e de chegar a um acordo sobre a maneira de lidar com *as nossas diferenças*. Os que promovem desnecessárias divisões entre as igrejas, devemos notar e evitar, exorta o apóstolo (Romanos 16:17). A estes ele chama carnaís (1 Coríntios 3:1-3).

Catequizar implica seis coisas

O primeiro e principal ponto que submeto à sua apreciação é que constitui um inquestionável dever de todos os ministros da Igreja catequizar e ensinar pessoalmente todos os que são entregues aos seus cuidados. Isto significa seis coisas.

1. Devemos ensinar às pessoas os princípios da religião e os assuntos essenciais à salvação.
2. Devemos ensinar-lhes esses princípios da maneira mais edificante e benéfica possível.
3. Orientações, exames e instruções pessoais têm muitas vantagens nesse processo de aprendizagem.
4. A instrução pessoal é-nos recomendada pelas Escrituras e pelos servos de Cristo de todas as épocas.
5. Desde que os nossos cuidados e o nosso amor pela nossa gente deve estender-se a todos, precisamos catequizar e ensinar todos os membros da nossa congregação.

6. Essa obra, realizada corretamente, tomará considerável parte do nosso tempo.

Portanto, rogo a todos os fiéis ministros de Cristo que, imediata e efetivamente, ponham em execução tal ministério. Rogo isso porque confesso e sei por experiência que esse trabalho efetuará uma reforma e um avivamento da fé, pela graça de Deus.

Causas da negligência nesse dever

Pergunto a mim mesmo: por que demorei tanto a cumprir um dever tão óbvio e tão vital? Mas isso me sucedeu como sucede a outros, suponho. Fazia tempo que eu estava convencido do seu valor, mas eu ficava apreensivo em face das dificuldades. Eu não via com bastante clareza quão importante era. Imaginava que, com desdém, as pessoas não quereriam envolver-se nisso, e que bem poucos o desejariam. Além disso, não me julgava capaz de fazê-lo, com tantos outros fardos que pesavam sobre mim.

Assim, procrastinei durante muito tempo, pelo que agora peço o perdão de Deus. Quando tentei ministrar catequese e ensino aos que estavam sob os meus cuidados, vi que as dificuldades em que eu pensava quase não existiam -- a não ser as minhas doentias condições de saúde. Ao contrário, vi que os benefícios e o fortalecimento propiciados por essa obra eram tais que doravante eu não deixaria de fazê-lo, nem por todas as riquezas do mundo.

Não me atrevo a prescrever regras ou formas para vocês, nem a animá-los a usar o mesmo catecismo ou as mesmas exortações que usamos. Mas deixem-me dizer-lhes o que faço em meu campo de trabalho. Passamos as segundas e terças-feiras, desde cedo de manhã até ao cair da noite, envolvendo umas quinze ou dezesseis famílias, toda semana, nesta obra de catequese. Com dois assistentes, percorremos completamente a congregação, que tem cerca de oitocentas famílias, e ensinamos cada família durante o ano. Nem uma só família se negou a visitar-me a meu pedido. E vejo mais sinais externos de sucesso com os que vêm do que em toda a minha pregação pública.

O grande número me força a tomar uma família completa por vez, uma hora cada. O secretário da igreja vai adiante, com uma semana de antecipação, para organizar os programas de horário e itinerário. Também guardo anotações daquilo que cada membro da família aprendeu, para poder continuar a ensiná-lo sistematicamente.

Meus conservos, vocês puseram a mão no arado de Deus. Foram duplamente santificados por Ele e estão duplamente dedicados a Ele, como cristãos e como pastores. Ousariam, então, retroceder e recusar-se a fazer o Seu trabalho? Vocês vêem que a obra de reforma está paralisada. Todavia, muitas obrigações os compelem a promovê-la. Ousarão negligenciar agora aqueles meios pelos quais ela deve ser realizada? Mostrarão os seus rostos a uma igreja cristã reunida, como ministros do evangelho, e orarão por avivamento, quando vocês mesmos se negam a usar os meios pelos quais isso pode ser feito?

Três pedidos aos ministros da Igreja

Rogo-lhes encarecidamente, em nome de Deus e por amor às almas dos seus rebanhos, que não exerçam o seu ministério descuidada e superficialmente. Façam-no vigorosamente e com todas as suas forças. Seja a sua grandiosa e séria atividade ensinar os fundamentos da fé a todos os membros das suas igrejas por meio destas instruções ministradas particularmente.

Sim, pois me dou conta de que a vida de serviço às ordens de Deus consiste no prudente e eficiente ministério de sondagem dos corações humanos, depositando ali as salvadoras verdades da fé. O que mais temo são os ministros que pregam bem e que são ineptos para a nutrição particular dos membros das suas igrejas. Se, porém, nós ministros não nos dedicarmos a esse ministério pessoal, particular, sem dúvida ele ficará por

fazer. Levantemo-nos, pois, e executemos com todas as nossas energias a tarefa que nos foi confiada, e o Senhor será conosco.

Meu segundo pedido aos ministros da Igreja é que se disponham, sem demora e unânimes, a praticar a disciplina cristã, pois é uma situação triste esta, em que um dever tão importante é tantas vezes negligenciado.

O clamor comum é que “as nossas igrejas não se acham preparadas para isso. Não o suportarão”. Contudo, se vocês disserem que as nossas igrejas não estão aptas para a ordem e governo de Cristo, não estarão abdicando da sua responsabilidade? Não estarão estimulando os outros a procurarem sociedades melhores, onde possam ter essa disciplina?

Rogo-lhes, pois, que estejam prontos a prestar contas ao Sumo Pastor. Não sejam infiéis na casa de Deus. Não fujam do dever por causa do problema que isso possa causar à carne. (Esse é um sinal por demais óbvio de hipocrisia.) Os deveres mais difíceis geralmente são os mais importantes.

Meu terceiro e último pedido é que, sem demora, os ministros cristãos fiéis se unam e se associem para a promoção desta obra do Senhor. Com isso, eles manteriam a unidade e a concórdia entre as diversas igrejas. Gostaria que eles não negligenciassem as suas reuniões fraternais para estes fins.

Que ninguém frustre a concordância nos pontos substanciais da fé e da piedade. Se é que de fato são cristãos, que se disponham a manter comunhão uns com os outros quanto lhes seja possível. Procurem descobrir como trabalhar juntos, apesar das suas diferenças, de modo que não causem o mínimo dano às verdades comuns e à causa cristã que eles professam sustentar e preservar.

PARA O LEITOR LEIGO

[Neste ponto, Baxter explica por que para ele esta é a primeira parte do livro.] Pretendo, se Deus me capacitar e

me der tempo, escrever uma segunda parte contendo o dever das pessoas com relação aos seus pastores. [Nesta, Baxter esperava assinalar quatro áreas do ministério pastoral aplicáveis especialmente ao leigo, informando-o e exortando-o acerca da justa razão e da necessidade de tal obra.]

1. Ajusta razão e a necessidade do ministério pastoral.
2. O meio pelo qual conhecer a verdadeira Igreja e o seu ministério, em distinção dos falsos mestres.
3. Até que ponto os leigos ajudam os pastores no evangelho.
4. Até que ponto as pessoas devem submeter-se aos seus pastores, e que outros deveres teriam nessa relação.

Mas, como o tempo e as energias são incertos, e como nem sequer sei se viverei para publicar isto, não deixarei passar oportunidade imediata de me dirigir aos leigos.

Três advertências aos leigos

A advertência que lhes devo fazer é em três pontos. O primeiro é que cuidem para não alimentar nenhum pensamento negativo sobre os seus pastores por termos nós, pastores, feito aberta confissão de pecados pessoais.

Nós os exageramos para humilhar-nos e então reformar-nos.

Vocês sabem que são homens, e não anjos, que Deus colocou no ofício de guias da Igreja. Vocês sabem que somos imperfeitos. Deixem que outros finjam que podem alcançar perfeição impecável. Não nos atrevemos a isso, mas, antes, confessamos que somos

pecadores. Se dizer-se perfeito tomasse perfeito o homem, ou dizer, “não tenho nenhum pecado”, o livrasse do pecado, como seria fácil percorrer o caminho da perfeição!

Mas, de nossa parte, acreditamos que “se dissermos que não temos pecado, enganamo- nos a nós mesmos, e não há verdade em nós” (1 João 1:8). E que “todos tropeçamos em muitas coisas” (Tiago 3:2). Portanto, vejam que amem e imitem a santidade dos seus pastores, mas não busquem oportunidades para menosprezá-los ou desmoralizá-los por suas fraquezas.

Segundo, quero adverti-los, como sentinela de suas almas, de como alguns procuram seduzi-los. O principal objetivo deles é tornar vocês inseguros e levá-los a crer que foram enganados o tempo todo. Com isto em mente, querem fazê-los suspeitar dos seus mestres, contestá-los e, por fim, rejeitá-los. Como um de vocês mesmos disse: “Nem sequer uma dentre dez pessoas baseia sua fé nas Escrituras, mas sim, todos baseiam o seu entendimento no bom nome dos seus mestres”. Daí, julgam eles que, se conseguirem fazer com que vocês desconfiem dos seus mestres e os rejeitem, vocês serão como ovelhas sem pastor.

Finalmente, o propósito seguinte deles é enfraquecer a autoridade e a suficiência das Escrituras. Mas eles não ousam falar abertamente contra a Bíblia, porque não têm nada para pôr no lugar dela. Assim, em vez disso, alguns deles lhes falarão de novos profetas e novas revelações, e outros lhes dirão que estão perplexos, não sabem no que crer, não têm religião e, certamente, não são cristãos.

Pelo que os advirto: se têm amor a suas almas, apeguem-se às Escrituras e ao fiel ministério da Palavra. Não desprezem os seus pastores, se é que desejam escapar dos lobos. Se alguém questionar a nossa vocação, digam-lhe que examine os nossos escritos, nos quais nós provamos plenamente a nós mesmos, ou que nos procure — pois, irmãos, permitam-me falar-lhes com franqueza: O mal agradecido desdém por um ministério fiel é a vergonha desta

terra!

Eis a minha última advertência: tratem de obedecer aos seus mestres fiéis. Tenham o cuidado de não negar-se a aprender o que eles querem ensinar-lhes. Sigam-nos, quando eles desejam ajudá-los. Sejam gratos por seu auxílio. Noutras ocasiões, quando vocês precisarem da ajuda deles, procurem-nos por sua própria iniciativa. Peçam-na. O propósito deles é servir de guia para vocês nas veredas da vida. Não sejam orgulhosos a ponto de pensar que vocês são os seus próprios diretores espirituais.

Se vocês continuam lendo este livro, lembrem-se do dever que vocês acham pertencer aos ministros e que também pertence a vocês, pois não pode ser nosso dever ministrar doutrina e aconselhamento, se não for o seu dever ouvir, aprender e buscar conselho.

Como William Gurnall nos exorta em seu livro sobre *O Cristão com Armadura Completa (The Christian in Complete Armour)*, saiam em busca dos seus mestres e não esperem que eles venham atrás de vocês. “Pois eu confesso que não é pequena tristeza para alguns de nós, que temos que lidar com multidões, não *termos* tempo nem forças para falar com todas e cada uma das pessoas de nossas igrejas e atendê-las conforme as exigências das suas necessidades. Mas tratemos de zelar por isso, de modo que, embora não fazendo da melhor maneira o que gostaríamos de fazer, não sejamos faltosos naquilo que temos capacidade para fazer. Mas, uma vez tendo os nossos corações repletos de zelo por Deus, e cheios de compaixão pelas almas do rebanho, levantar-nos-emos e o faremos.”

A INCUMBÊNCIA BÍBLICA PARA TODOS

O tema deste livro

O tema deste livro está contido nas palavras de Atos 20:28. “Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue.”

Conquanto alguns julguem que a exortação dirigida por Paulo a esses presbíteros prova que ele exercia autoridade sobre eles, realmente nos ensinamos uns aos outros como irmãos. Passagens como Colossenses 3:16 e Hebreus 3:13 lembram-nos o dever de exortar-nos uns aos outros diariamente. É o que fazemos, pois, quer sejamos mestres quer não, e desde que o façamos sem nenhum sentimento de supremacia em poder ou em grau. Temos os mesmos pecados para eliminar e as mesmas graças pelas quais revigorar-nos.

Tivessem os bispos e mestres da Igreja aprendido cabalmente essa curta exortação, como ficaríamos contentes — pela Igreja e por eles!

A admoestação de Paulo contém dois deveres, e descreve quatro motivos para o seu cumprimento.

O primeiro dever é cuidar de si próprios. O segundo é cuidar do rebanho todo. O principal trabalho do rebanho que deve ser feito assim com todo cuidado é alimentá-lo ou apascentá-lo.

Os motivos, estreitamente relacionados uns com os outros, são estes:

1. É seu ofício, o qual consiste em superintender o rebanho.
2. É o Espírito Santo, cuja autoridade os chamou para o referido ofício.
3. É a Igreja de Deus, cuja dignidade é o objeto de devoção deles.
4. É o compassivo olhar de Cristo, que os comprou com o Seu sangue.

Na qualidade de presbíteros, o Espírito Santo qualificou os que são mencionados em Atos 20:28, revestindo-os de dons que os tornaram aptos a agir como tais. O Espírito Santo foi quem também dirigiu as mentes dos que ordenaram os líderes dessa obra naquela igreja particular, a saber, a de Éfeso. Vê-se, então, que, se o rebanho deve ser cuidado, nenhuma igreja deve ser numericamente

maior que a capacidade de supervisão pessoal dos pastores, para que estes possam olhar “por todo o rebanho”.

Portanto, sejam os líderes homens capazes e fiéis, os quais farão da Palavra de Deus a sua regra. Oxalá os candidatos a líderes da Igreja tão somente se contentassem com a suficiente Palavra de Deus, e não lhe impusessem novos cânones e novas autoridades! Então eu não desobedeceria ao líder que agisse assim.

Seis partes desta obra

Dissertando mais amplamente sobre esse texto, terei em vista as seguintes tarefas que fazem parte desta obra.

Primeira, examinarei o caráter do pastor.

Segunda, desejo considerar o que é olhar por nós mesmos e como devemos fazê-lo. Terceira, demonstrarei por que devemos olhar por nós mesmos.

Quarta, proponho-me inquirir o que é olhar por todo o rebanho de Deus e como devemos fazê-lo.

Quinta, esboçarei alguns motivos pelos quais devemos olhar por todo o rebanho de Deus. Finalmente, planejo discutir algumas diretrizes práticas para a direção da obra pastoral, bem como algumas dificuldades dessa obra.

O CARÁTER DO PASTOR E NOSSO INTERCÂMBIO COM OUTROS PASTORES

Tendo sido dada uma incumbência bíblica para todos, concentremo-nos nas maneiras de ser e de agir do pastor. Podemos esboçar doze características da maior importância.

O CARÁTER DO PASTOR

1. Pureza dos motivos

A obra ministerial deve ser realizada exclusivamente para Deus e pela salvação do Seu povo. Jamais poderá ser realizada visando a algum lucro particular nosso.

Um motivo errado que visa um objetivo errado pode muito bem arruinar todo o ministério, por melhor que seja em si mesmo. Sim, pois, neste caso estará servindo a nós mesmos, e não a Deus. Sem abnegação, nem por uma hora ele poderá servir a Deus. Sem abnegação, nem por uma hora ele poderá servir a Deus.

A abnegação é essencial

O interesse próprio é uma escolha infeliz e contra-producente. Assim, a abnegação, a auto-negação, é absolutamente necessária a todo cristão. Mas é duplamente necessária ao ministro do evangelho, porque é seu dever ter redobrada santificação e dedicação a Deus. Sem abnegação, nem por uma hora ele poderá servir a Deus.

Árduos estudos, muito conhecimento e pregações excelentes são mais gloriosos, mas também são pecados de hipocrisia quando feitos para a nossa própria glória. A assertiva de Bernardo de Claraval é de conhecimento geral: “Há os que adquirem conhecimento pelo valor do conhecimento — e isto é vaidade de baixo nível. Mas há os que desejam tê-lo para edificar outros — e isto é amor. E há outros que o desejam para que eles mesmos sejam edificados — e isto é sabedoria” (*Cantares de Salomão*, 26).

2. Diligência e trabalho duro

A obra do ministério deve ser realizada com muita diligência e esforço, pois ela é de infinita importância para os outros e para nós mesmos. Nossa tarefa é livrar-nos e os outros da tentação, dominar o diabo, destruir o seu reino e edificar o reino de Deus. É nosso dever ajudar outros a alcançar a glória eterna.

São trabalhos imensos que temos que realizar; daí, como

fazê-los com mãos e mentes descuidadas. Vejamos, então, que sejam feitos com toda a diligência. Estudemos estrenuamente, pois o poço de conhecimentos espirituais é fundo, e nossos cérebros são rasos.

Ponham em prática o que pregam

Empenhem-se especialmente em pôr em prática e exercitar o seu conhecimento. Que as palavras de Paulo retinem continuamente em seus ouvidos: “pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!” (1 Coríntios 9:16).

Considerem, então, o que está em suas mãos — pois se eu não me mover ativamente, Satanás poderá prevalecer, caso em que o evangelho perecerá para sempre, e o sangue do meu próximo será requerido de mim. Como diz o já citado Bernardo de Claraval, “Os que não se envolvem na obra dos homens, seguramente se envolverão na dos demônios”. E como diz Gregório, o Grande, “Quantos forem os labores que você mostre pelo bem da verdade, outras tantas serão as promessas que poderá esperar”. Pois ninguém jamais sofreu prejuízo por servir a Deus como Ele quer.

3. Prudência e eficiência

Esta obra também deve ser realizada com prudência, com ordem e de maneira sistemática. Deve-se dar leite antes de alimento sólido. Devemos lançar os alicerces, antes de começar a construir. As crianças não devem ser tratadas como se fossem gente adulta. As pessoas devem ser introduzidas num estado de graça antes de se esperar que pratiquem as obras da graça.

As obras da conversão, do arrependimento das obras mortas, e da fé em Cristo devem ser ensinadas primeiro, com freqüência e de maneira completa. Os mordomos da casa de Deus devem dar a cada um à sua porção, e no devido tempo. Jamais devemos ir além das capacidades do nosso povo, nem devemos ensinar maturidade cristã aos que não aprenderam a primeira lição.

Dêem alimentação própria

Como diz Agostinho, “Se uma criança for alimentada de tação própria acordo com as’ suas forças, será capaz de receber mais nutrição à medida que cresça. Mas, se excedermos ao que um bebê pode receber, suas forças decrescerão, em vez de aumentar”. Gregório também disse: “Assim como não ensinamos às crianças os princípios avançados da ciência, mas primeiro lhes ensinamos o alfabeto e, depois, frases, assim também os doutores da Igreja devem ensinar primeiro às suas igrejas as doutrinas básicas da fé, e só então, e unicamente de maneira graduada, descerrar-lhes as questões mais profundas e misteriosas”.

É por isso que a Igreja se preocupa com os seus catecúmenos, antes de os batizar. Isso por não querer pedras brutas no edifício, como João Crisóstomo o assinala numa das suas homilias.

4. Certeza quanto às doutrinas básicas

Devemos também salientar a certeza com que ensinamos as nossas doutrinas básicas. Do restante podemos tratar menos freqüentemente. Ensinar Cristo ao nosso povo é ensinar tudo. Portanto, vejamos que cada qual obtenha o céu e tenha conhecimento suficiente para este propósito.

Assim, as grandes verdades, comumente reconhecidas, são aquelas pelas quais os homens vivem e são os grandes instrumentos que elevam os seus corações a Deus. São elas que destroem os pecados dos homens. Focalizem, pois, essas verdades centrais, e evitarão pormenores frívolos, enfeites desnecessários e controvérsias sem

proveito. Ao invés disso, lembrem-se daquilo que é verdadeiramente necessário. Outras verdades podem ser desejáveis, mas estas *precisam* ser conhecidas.

Lembrem-se de que são

limitados pelo tempo

Focalizem os pontos

essenciais

A necessidade é uma grande planejadora do tempo. Se fôssemos competentes em todas as coisas, poderíamos também dominar a enciclopédia inteira. Mas a vida é curta e nós somos limitados. Assim, a focalização das verdades eternas e do modo como as almas dependem do nosso ensino é de grande valor.

Confesso que essas limitações têm determinado o meu horário e as minhas prioridades quanto ao tempo e aos estudos. Elas me ajudam a determinar os livros que devo ler e o texto que devo escolher para o meu sermão. Como disse Xenofonte, “Não há melhor mestre que a necessidade, que ensina tudo com suma diligência”.

É por isso que o pregador deve focalizar muitas vezes as mesmas coisas, porque os pontos essenciais são poucos. Portanto, não se deixem tentar pelas novidades. Todavia, devemos recheiar os pontos essenciais com as mais variadas expressões. Muitíssimas vezes as controvérsias verbosas e tediosas que nos fazem desperdiçar tanto tempo e que tanto nos perturbam, são feitas de opiniões, e não das verdades essenciais. Como diz Gregório Nazianzeno, “Os pontos essenciais são comuns e óbvios. É com as coisas supérfluas que desperdiçamos o nosso tempo, trabalhando por elas e lamentando que não as conseguimos realizar”.

Portanto, os ministros devem estar vigilantes para, pelo bem do seu rebanho, saber quais são as prioridades. Semelhantemente, em seu programa de leitura, vocês não preferirão

os autores que dizem a verdade com simplicidade e clareza — e até com rude franqueza — aos que falam com eloqüência admirável, mas falsamente? Proponho-me seguir o conselho de Agostinho, quando diz: “Prefiro ter discursos verdadeiros, aos que apenas contêm coisas finas e elegantes. Exatamente como também prefiro ter amigos sábios aosque são apenas elegantes”.

5. Ensino claro e simples

Todo o nosso ensino deve ser tão claro e evidente quanto nos seja possível. Aquele que deve ser compreendido precisa falar à altura dos seus ouvintes. Deve ter como objetivo do seu afã fazer-se compreendido. A verdade ama a luz. É mais bela quando mais transparente, pois é sinal de invejosa inimizade odiar a verdade. É sinal de hipocrisia *fazê-lo*, fingindo revelá-la.

Falem com simplicidade

Se o seu objetivo não é ensinar, o que estão fazendo no púlpito? E se o seu objetivo é ensinar, por que não falar de maneira que sejam compreendidos? Não há melhor meio de fazer uma boa causa prevalecer do que fazê-la tão claramente, bem como universalmente, e também completamente compreendida quanto possível. Não ser claro mostra que, na verdade, vocês não digeriram bem o assunto.

Todavia, a verdade requer capacidade para recebê-la.

Assim, alguns não poderiam entender certas verdades, mesmo que vocês as expressassem com a maior clareza possível.

6. Dependência de Deus e docilidade perante os outros

Toda a nossa obra deve ser levada adiante com humilde senso da nossa incapacidade. Precisamos estar numa piedosa e confiante dependência de Deus em todas as coisas. Devemos recorrer a Ele em busca de luz, vida e poder, pois é Ele quem nos envia a trabalhar. Quando sentimos fraca a nossa fé e vemos que os nossos corações vão ficando melancólicos e desajustados face à tão

grandiosa obra que nos compete realizar, temos que recorrer ao Senhor que nos envia.

**Coloquem-se em profunda
dependência do Senhor**
**A oração
é vital**

Detestem o seu próprio orgulho

É então que perguntamos: “Senhor, enviarás alguém com o coração descrente como eu, a persuadir outros a crer? Deverei pelejar diária e zelosamente com os pecadores acerca da vida e da morte eternas, sendo que eu mesmo não tenho verdadeira fé e sinceros sentimentos quanto a estas importantes questões? Vendo-me, Senhor, como estou nu e despreparado para essa obra, prepara-me com os recursos necessários para tal tarefa”.

Agostinho fez esta observação: “O pregador deve esforçar-se para ser ouvido com entendimento, com boa vontade e com obediência. Não tenha ele dúvidas de que fará isto, mais com fervorosas orações do que com todo o vigor da sua oratória. Orando por si e por seus ouvintes, ele se disporá a ser um suplicante, antes de ser um mestre. Portanto, ao chegar e ao sair, trate de elevar sua voz a Deus, e faça a sua alma subir em fervorosa aspiração”.

Como a nossa pregação, a oração também é força motora na realização da nossa obra, pois quem não ora por seu rebanho não lhe pregará poderosamente. Se não persuadirmos Deus a dar-lhes fé e arrependimento, não teremos probabilidade de os persuadir a crer e arrepender-se. Desta forma, Paulo nos dá muitas vezes o seu próprio exemplo, como alguém que ora “dia e noite” por seus ouvintes. Quando os nossos corações não estão em

ordem, os deles também não estarão. Se não persuadirmos Deus a ajudar os outros, nosso trabalho será vão.

7. Humildade

Nossa obra deve ser conduzida também com grande humildade. Nós mesmos devemos conduzir-nos com modéstia diante de todos. Quando ensinamos, devemos estar abertos também para aprender de qualquer que nos possa ensinar. Deste modo, ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo. Não nos vangloriemos orgulhosamente das nossas pretensões de saber, desprezando os que nos contradizem. Não ajamos como se já tivéssemos chegado ao topo, e os outros tivessem que sentar-se aos nossos pés.

Detestem o seu próprio orgulho.

O orgulho é um mal que prejudica os que pretendem levar outros a marchar humildemente para o céu. Portanto, tenhamos cuidado, para não suceder que, tendo conduzido outros para lá, as portas se mostrem estreitas demais para nós mesmos. Ora, se Deus pôs para fora um anjo orgulhoso, tampouco tolerará um pregador orgulhoso. Na verdade, o orgulho está na raiz de todos os outros pecados: a inveja, o espírito belicoso, o descontentamento e todos os obstáculos que impedem a renovação espiritual.

Onde há orgulho, todos querem dirigir e ninguém quer seguir ou concordar. Daí, o orgulho é causa de cismas, apostasias, usurpação arrogante e outras formas de imposição. Daí, é causa também do ministério ineficaz de tantos e tantos ministros, que pura e simplesmente são demasiado orgulhosos para aprender. Como Agostinho disse a Jerônimo, “Embora seja mais próprio do idoso ensinar que aprender, também lhe é mais próprio aprender que ficar na ignorância”. A humildade nos ensina a aprender de boa vontade tudo que não sabemos, pois, se quisermos ser mais sábios do que todos, temos que estar dispostos a aprender de todos. Pois aquele que receber de todos será o mais rico.

8. Equilíbrio entre a severidade e a delicadeza

É preciso haver, igualmente, uma prudente mescla de severidade e delicadeza, tanto na nossa pregação como na nossa disciplina. Cada um deve ser admoestado de acordo com o contexto da personalidade de cada pessoa e da situação em que nos encontramos. Se não houver severidade *nenhuma*, nossas repreensões serão desprezadas. Se *só* houver severidade, tomar-nos-ão como dominadores, e não como persuasores da verdade.

9. Espírito zeloso e afetuoso

Também é importante que sejamos sinceramente afetuosos, de intenções sérias e zelosos em todas as nossas exortações públicas ou particulares. A importância daquilo que fomos comissionados a ensinar condenará toda frieza ou sonolenta moleza que podemos ser tentados a tolerar. Portanto, permaneçamos vivamente despertos. Permaneçamos em condições tais que despertemos outros.

Sabiamamente dizia Gregório: “Devemos ser como o galo. Antes de cantar, ele bate as asas e se golpeia com elas, para ficar mais vigilante. Semelhantemente, os pregadores, quando estão para proclamar a Palavra de Deus em público, primeiramente devem exercitar-se na devoção espiritual”.

Tratemos, pois, com muita feição, os nossos ouvintes, agucemos as nossas palavras para penetrarmos até mesmo os seus corações de pedra. Pois falar com frieza e superficialidade das coisas celestiais é muito pior que não dizer nada a ninguém.

10. Reverência

Façamos todo o nosso trabalho reverentemente, como convém aos que têm consciência da presença de Deus. Não ousemos usar as coisas santas como se fossem banalidades. Quanto mais Deus aparecer no meio dos nossos deveres, maior autoridade os

homens verão neles, porquanto a reverência é aquele afeto da alma que provém da profunda percepção de Deus. Revela uma mentalidade intimamente versada em Deus.

Mas mostrar irreverência para com as coisas de Deus é revelar hipocrisia. Ela mostra que o coração não a concorda de fato com a língua. Quanto mais reverente for o pregador, mais ele falará como se estivesse vendo a face de Deus. Tal homem afetará muito mais profundamente o meu coração — ainda que empregue linguajar bem simples — do que alguém que seja irreverente e apenas fale com eloquência. A transpiração não substitui a inspiração.

Portanto, se o calor da palavra não for acompanhado pela reverência a Deus, terá pouco efeito sobre os ouvintes.

Não brinquem nem entretenham

superficialmente o auditório

Dêem tom espiritual

Não desprezem os iletrados

De todas as formas de pregação que muito me desagradam, tenho ojeriza pela pregação que alegra os ouvintes com muitas pilhérias e os entretém com diversão superficial. É como se estivessem fazendo uma representação teatral, em vez de serem temidos pela santa reverenda ao *caráter* de Deus.

Escrevendo a Nepociano, disse Jerônimo: “Quando estiver pregando na igreja, não comova excitadamente o povo com um grito, mas faça com que ele cresça aos poucos, porque as lágrimas dos seus ouvintes tenderão para um verdadeiro louvor”. Devemos ver, pois, a realidade do trono de Deus, com suas miríades de anjos em serviço ali. Isto nos manterá em constante temor da Sua majestade, quando nos achegamos a Ele no cumprimento dos nossos santos deveres. É como devemos agir; do contrário, profanaremos o Seu nome e tomaremos o Seu nome em vão.

Assim, pois, toda a nossa obra deve ser realizada *espiritualmente*. Devemos realizá-la como homens que se acham diante do Espírito Santo e que provaram as coisas do Espírito de Deus. Nalguns homens há um tom espiritual que os ouvintes piedosos podem discernir e fruir, ao passo que a outros falta esse toque secreto, de modo que, mesmo quando estão falando de coisas espirituais, comportam-se como se estivessem tratando de assuntos triviais. Cuidemos, pois, que tudo que falemos seja espiritual, copio proveniente das Escrituras Sagradas, ao passo que aquilo que citamos dos chamados “pais da igreja”, é simplesmente secundário e deve ser citado cautelosamente.

A autoridade de escritores como Aristóteles é até de menor valor, visto que a sabedoria do mundo não deve ser engrandecida em contraste com a sabedoria de Deus. A filosofia deve ser ensinada a inclinar-se diante da fé e a servi-la, enquanto que a fé tem a principal influência sobre as nossas vidas. Os grandes estudiosos da escola de Aristóteles devem ter muito cuidado para não glorificar demasiadamente o seu mestre. Ao mesmo tempo, não desprezem eles os que estão abaixo da sua conquista intelectual. Não desprezem os que lhes são inferiores em sua capacidade intelectual. Sim, pois, enquanto que os intelectualmente dotados podem ser *grandes* aos olhos dos homens, podem ser os *menores* no reino de Deus.

Um homem mais sábio que qualquer deles declarou que não se gloriava senão em Cristo crucificado. Como disse Gregório, “Deus chamou primeiro os indoutos, e depois os filósofos. Ele não ensinou os pescadores por meio dos mestres da oratória, mas ensinou os mestres da oratória por meio dos pescadores”.

**As pessoas mais instruídas devem
ponderar sobre isto. Focalizem a
Palavra de Deus**

Todos os homens têm o seu mérito, mas nenhum se compara com a Palavra de Deus. Não recusemos os seus serviços, mas abominemo-los como rivais da Palavra. É sinal de fraqueza de alma, perder o gosto pela excelência das Escrituras. Há uma natureza comum no coração espiritualmente devotado à Palavra de Deus, porque esta é a semente que frutifica vida nova.

A Palavra é o selo que imprime tudo que é santo nos corações dos crentes verdadeiros, pois ela deixa estampada neles a imagem de Deus. Portanto, eles devem assemelhar-se à Palavra e dedicar-lhe alta estima, enquanto viverem. Agostinho fala de “certo seguidor de Platão que dizia que aparte inicial do Evangelho Segundo João deveria ser escrita com letras de ouro e ser colocada nos lugares mais proeminentes de todas as igrejas”. Se um simples pagão pôde dar tanto valor a um trecho que se ajustava ao seu platonismo, quanto mais devemos nós valorizar a Bíblia toda, como vital que é para todo o nosso caráter e interesse cristão! Deus é o melhor mestre da Sua natureza e da Sua vontade. ³

11. Amorosa preocupação pelo rebanho

Toda a causa do nosso ministério deve ser conduzida com terno amor pelas pessoas do nosso rebanho.

Precisamos fazer que vejam que nada nos agrada mais do que aquilo que lhes é proveitoso. Devemos mostrar-lhes que aquilo que lhes faz bem, igualmente nos faz bem.

Devemos sentir que nada nos preocupa mais do que aquilo que as fere.

Retornando a Jerônimo, diz ele, escrevendo a Nepociano: “Como os bispos não são senhores, mas pais, assim devem incumbir-se do seu povo como de seus filhos.

Sim, nem mesmo o mais temo amor da mãe por seu filho deve sobrepujar o deles”. Como afirma Paulo, devemos até sentir “as dores de parto, até que Cristo seja formado” neles (Gálatas 4:19). Nossos filhos na fé devem ver que nós não nos *preocupamos com as* coisas externas — nem dinheiro,

nem crédito econômico, nem liberdade, nem a própria vida — em comparação com a preocupação que temos com a salvação deles. Em vez disso, à semelhança de Moisés, devemos estar dispostos a ter o nosso nome riscado do livro da vida por amor deles, antes que deixá-los perecer e não se acharem no Livro da Vida do Cordeiro.

Sacrifiquem-se pelos outros.

Como o apóstolo João, não devemos ter nossas vidas, como preciosas para nós, de modo que possamos achar nossa coroa de alegria na realização da obra de Deus pela salvação deles. Quando o rebanho vir que vocês o amam verdadeiramente, ouvirá o que dizem — dará o que lhe pedirem — e os seguirá com a maior presteza. E quando, por amor, for aberta uma ferida, será aceita mais prontamente do que quando se diz uma palavra grosseira, proferida com ressentimento ou com ira.

Muitos julgam o conselho que recebem pelo modo como recebem a afeição do seu conselheiro. Vejam que tenham terno amor pelos membros do seu rebanho, e então eles o sentirão em seus discursos e o verão em seu modo de tratá-los. Façam-nos ver o que vocês passaram e passam por amor deles. Façam-nos ver que tudo o que vocês fazem é para o bem deles, e não para os seus próprios fins.

Para esta finalidade, as marcas do caridoso amor são essenciais, na medida do seu bolso, uma vez que palavras ocas dificilmente os convencerão de que vocês têm verdadeiro amor por eles. Quando não puderem dar, mostrem-lhes que de fato estariam dispostos a dar, se pudessem. Mostrem-lhes ao menos algumas ações práticas que evidenciem a sua sinceridade. Como disse Agostinho, em seu comentário do Salmo 103, “Se você pode dar, dê; se não pode, mostre que se preocupa”.

Não sejam mundanos

Assegurem-se de que o seu amor não é carnal, oriundo do orgulho; não seja proveniente de um coração interessado em seu amor próprio, mas de um amigo de Cristo. Cuidado, pois, que não sejam coniventes com pecados secretos, pretextando amor. Assim, a amizade sempre deve ser consolidada pela piedade, pois um homem mau nunca poderá ser um verdadeiro amigo.

Se vocês protegerem a iniquidade dos ímpios, mostrarão que vocês mesmos são ímpios. Portanto, não finjam amá-los, se lhes favorecem os pecados e não procuram verdadeiramente a salvação deles. Como dizia Basílio, o Grande: “Somente o santo, como Deus é santo, pode ter amizade verdadeira”. Por sua conivência com os pecados alheios, vocês mostram que estão em inimizade com Deus. Então, como é possível amarem os pecados deles como se fossem irmãos? Pois os pecados deles são os piores inimigos que eles têm. Como vocês poderão ser seus melhores amigos, se ajudam tais inimigos? Assim é que, como os pais corrigem os filhos que eles amam, Deus castigatodos os Seus filhos. ⁴

12. Paci ênci a

Finalmente, a duodécima característica pessoal do pastor é a paciência. Temos que suportar muitos abusos e ofensas daqueles a quem estamos fazendo o bem. Depois de termos dado bastante atenção à situação deles, depois de termos orado e suplicado com eles, e por eles, depois de o termos enaltecido e de nos termos desgastado por eles, ainda precisamos ter mais paciência com

eles. Ainda podemos esperar que, depois de termos olhado por eles como se fossem os nossos próprios filhos, alguns nos rejeitem com escárnio e até nos odeiem e nos desprezem. Lançar-nos-ão desdenhosamente em rosto a nossa bondade e nos verão como seus inimigos. Farão isto simplesmente porque lhes dissemos a verdade. Sim, quanto mais os amarmos, mais nos odiarão.

Sejam mans os

Tudo isso tem que ser aceito por nós, e ainda precisamos desejar inabalável e infatigavelmente fazer tudo que for bom para eles. Precisamos persistir em instruir com mansidão os que se opõem aos seus próprios interesses superiores. Deus poderá levá-los ao arrependimento. Mesmo quando eles menosprezarem e rejeitarem o nosso ministério e nos mandarem cuidar da nossa própria vida, devemos continuar cuidando deles com perseverança, desde que estamos tratando de pessoas desorientadas que rejeitam o seu médico. Não obstante, devemos persistir na busca da sua cura. É deveras indigno o médico que se retira apenas por causa do linguajar tolo do paciente.

Prevejam as reações dos ouvintes

Quando dizemos às pessoas que o homem natural não recebe bem as coisas de Deus, e que elas estão fora de si nas questões referentes à salvação, devemos estar preparados para as suas reações. Não esperemos que os estultos reajam agradecidamente como sábios. Nem todos podemos dizer estas coisas, mas talvez tenhamos que enfrentar más reações dirigidas a nós. Pode suceder que sejamos censurados e caluniados por nosso amor. Pode haver gente disposta a cuspir em nossos rostos, em vez de ser-nos grata por nosso conselho.

Todavia, estas são as espécies de provações que temos que aceitar como bons pastores. Servirão para testar-nos e

para mostrar-nos se os restos do velho Adão ainda são bastante fortes em nós para fazer que os nossos corações reajam com orgulho e raiva. É o novo

homem em Cristo que pode reagir com mansidão e paciência. Como é triste, porém, quando muitos ministros do evangelho fracassam nesta prova!

A NECESSIDADE DE UNIDADE E COMPANHEIRISMO ENTRE PASTORES

As doze qualidades consideradas acima são exigidas dos pastores como indivíduos. Mas é também necessário que sejamos unidos como companheiros na realização da obra do Senhor. Precisamos procurar as virtudes sociais da unidade e da paz das igrejas que estão sob os nossos cuidados. Precisamos preocupar-nos com o sucesso de toda a obra de Deus. Precisamos fortalecer a causa comum à qual servimos, bem como interessar-nos pelo bem-estar de cada membro do nosso rebanho. Isto é, precisamos ter visão mais larga, para a ampliação do reino de Cristo.

Portanto, como ministros, precisamos sofrer com as feridas da Igreja. Em vez de liderarmos cisões, devemos liderar as iniciativas que impeçam divisões e que favoreçam a cura. Dia e noite devemos dedicar-nos à busca de meios pelos quais fechar as brechas que possam abrir-se. Devemos não somente falar sobre a unidade da Igreja, mas realmente procurá-la e prestar serviço em seu favor. Não só devemos procurar a paz, mas ir atrás dela, quando foge de nós.

Sejam pacificadores

Precisamos apegar-nos à antiga simplicidade da fé cristã original, e construir os nossos alicerces sobre a sua unidade original. Devemos detestar a arrogância dos que hostilizam e dividem a Igreja de Deus sob o pretexto de corrigir erros e defender “a verdade”. É evidente que se deve defender a suficiência das Escrituras; mas não permitamos que acrescentem coisa alguma a elas.

Sejam defensores dos pontos verdadeiramente fundamentais

Devemos procurar saber com clareza a distinção entre certezas e incertezas, entre questões fundamentais e

explicações que não passam de teorias especulativas. Então poderemos distinguir claramente entre os fundamentos da fé e as questões que são apenas opiniões particulares. A paz da Igreja depende daqueles, e não destas.

Precisamos, pois, de uma sólida exposição da teologia histórica para vermos os modos pelos quais a Igreja tem pelejado para defender a verdade. Precisamos conhecer também os escritos dos chamados pais primitivos, para beneficiar-nos dos seus ensinamentos e explicações mais claros. Mas nada disso constitui a regra básica da nossa fé ou do amor de Deus em nós.

Distingam os pontos essenciais

Também devemos evitar a confusão dos que não fazem diferença entre lapsos verbais da língua e heresias fundamentais. Quão trágico é que alguns estraçalham seus irmãos como hereges, sem nenhum esforço anterior para compreendê-los!

Devemos aprender a entender os motivos básicos das controvérsias, e então reduzi-las ao ponto no qual possamos distinguir as falsas diferenças das genuínas, ao invés de só vermos os preconceitos. Então seremos capazes de refrear-nos, deixando de tornar as diferenças piores do que elas realmente são. Em vez de brigarmos com os nossos irmãos, cooperemos todos contra os nossos verdadeiros adversários comuns.

Por isso é importante que os ministros se unam para usufruir diversas formas de companheirismo, além de cultivar a correspondência. Reunamo-nos, pois, constantemente, com vistas a este objetivo de unidade. Então veremos que as diminutas diferenças de pontos de vista não interferem em nossa comunhão fraternal.

Devemos realizar a obra do Senhor com a máxima unidade e harmonia possível. [Era prática dos sínodos entre os puritanos.] Não devemos impor regras uns aos outros, nem fazer leis, mas evitar mal entendidos e trocar impressões para edificação mútua. Manter o amor e a comunhão uns com os outros é o que a Palavra de Deus nos manda fazer.

Se tão somente os ministros do evangelho tivessem sido homens de paz e possuidores de um espírito católico, e não faccioso, a Igreja de Cristo não estaria dividida como hoje está. Os conceitos dos “irmãos” e dos calvinistas forâneos, como também as diferentes denominações em nosso país, não estariam conspirando para destruir-se mutuamente. Seu crescente azedume uns para com os outros só serve para fortalecer o inimigo comum, assim como impede a edificação e a prosperidade que a Igreja deveria estar experimentando atualmente.

CUIDANDO DE NÓS MESMOS

O perigo de não experimentar pessoalmente a graça de Deus

Consideremos agora o que é olhar por nós mesmos. Vejamos o que devemos fazer. Empenhemos também os nossos corações nessa tarefa, à medida que a compreendamos.

Primeiro, somos exortados a olhar por nós mesmos, para não suceder estarmos vazios da divina graça salvadora que estamos oferecendo a outros, porquanto, é possível oferecermos esta graça a outros e, todavia, estarmos alheios às operações eficazes do evangelho que pregamos. Podemos proclamar a outros a necessidade de um Salvador, e em nossos próprios corações negligenciá-lo. Falta-nos conhecimento de Cristo e dos Seus benefícios salvadores!

Portanto, cuidemos de nós mesmos, para não perecermos, enquanto clamamos a outros que cuidem de si, para não perecerem! Podemos morrer de fome enquanto

preparamos comida para outros. Em Daniel 12:3, a promessa de que “refulgirão como as estrelas” é feita aos que levam muitos a converter-se à justiça. Contudo, é com base na suposição de que eles mesmos se converteram antes à justiça. Pois a sua sinceridade na fé é a condição da sua glória.

É possível que muitos tenham admoestado outros a não virem ao lugar de tormentos no qual eles próprios se precipitaram. Seria também possível que estejam agora no inferno muitos pregadores que tinham instado centenas de vezes com os seus ouvintes a que tomassem o máximo cuidado e empregassem a máxima diligência para escaparem desse destino tenebroso?

Poderá alguma pessoa razoável imaginar que Deus possa salvá-la por ter ela oferecido a salvação a outros, enquanto ela própria a recusa para si? Poderá salvar-se quando diz a outros as verdades que ela própria negligencia e injuria?

Muitos alfaiates podem andar vestido de trapos, enquanto confeccionam roupas caras para outros. Muitos cozinheiros podem ficar a lamber os dedos, tendo preparado os pratos mais suntuosos para outros comerem. Creiam, irmãos, que Deus jamais salvou homem algum por ser pregador. Tampouco rejeitou alguém por não ser pregador capaz. Ele salvou o pregador porque foi um homem justificado e santificado.

Portanto, cada qual de vocês olhe por si mesmo. Veja que *você seja* o adorador que persuade outros a serem. Certifique-se de que crê naquilo que diariamente persuade outros a crerem. Assegure-se de que já acolheu cordialmente a Cristo e ao Espírito Santo em sua alma, antes de os oferecer a outros. Aquele que o mandou amar o seu próximo como a si mesmo, quis dizer igualmente que você deve amar-se a si próprio, em vez de odiar-se e destruir-se a si próprio — e a outros também.

O perigo de conviver com os pecados contra os quais pregamos

Segundo, somos exortados a olhar por nós mesmos, para não suceder que convivamos com os mesmos pecados contra os quais pregamos. Cuidado para não sermos culpados daquilo que talvez condenemos diariamente.

Engrandecer a Deus seria a obra da qual nos incumbimos? E, havendo feito isso, iremos desonrá-lo como tantos outros? Proclamaremos o poder dominador de Cristo? E, contudo, tendo falado desse poder, nós mesmos O negaremos e nos rebelaremos contra Ele? Pregaremos as leis de Deus, e ao mesmo tempo as infringiremos deliberadamente? Se o pecado é mau, por que viver nele?

Se não há pecado, por que procuramos dissuadir dele os homens? Se é perigoso, como ousamos praticá-lo? Se não existe, como nos atrevemos a dizer aos homens que existe? Se as ameaças de Deus são verdadeiras, por que não as tememos? Se são falsas, por que afligimos desnecessariamente os homens com elas e os deixamos aterrorizados sem motivo?

Acaso vocês não conhecem o juízo de Deus? Os que praticam tais coisas são declarados dignos de morte, e, todavia, vocês persistiriam em praticá-las? (Romanos 1:32). Vocês, que ensinam outros, como não se ensinam a si próprios? Vocês, que dizem a outros que não cometam adultério, que não sejam bebedores nem glutões — vocês mesmos fazem essas coisas? Vocês que se jactam da lei, não percebem que, ao quebrar a lei, estão desonrando a Deus? (Romanos 2:21-23).

O perigo da incompetência para os deveres pastorais

O quê? A língua que fala o mal também haverá de falar para os deveres contra o mal? Criticará, caluniará, difamará enquanto despreza este comportamento e outros semelhantes nas outras pessoas? Olhem por vocês, pois, para não suceder que desprezem o pecado, e, contudo, não o dominem em si próprios. Sim, pois, como no-lo recorda 2 Pedro 2:19, “de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo”. E “a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis,

ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça”, adverte-nos Paulo (Romanos 6:16). Sim, é mais fácil julgar o pecado que dominá-lo.

Terceiro, precisamos olhar por nós mesmos para que não estejamos despreparados para as grandes tarefas que nos incumbimos de levar a cabo. É preciso que não seja um bebê no conhecimento aquele que quer ensinar aos homens as coisas misteriosas que necessitam saber para assegurar-se da salvação.

Ah, que qualificações são necessárias ao homem que tem sobre si a responsabilidade que temos! Quantas dificuldades da teologia precisam ser compreendidas! Que pontos essenciais da fé é obrigatoriamente necessário conhecer! Quantos textos obscuros das Escrituras têm que ser explicados! Quantos deveres precisam ser cumpridos, deveres nos quais poderemos falhar, se não compreendermos claramente o seu teor, o seu propósito e o seu contexto! Quantos pecados devemos evitar, o que não poderá ser feito sem compreensão e perspicácia!

Quantas tentações sorrateiras e sutis precisamos expor perante os olhos do nosso povo — a fim de que se possa escapar delas! Quantos opressivos e intrincados problemas de consciência temos que resolver quase todos os dias! Tanto trabalho assim, e tal tipo de labor poderá ser realizado por homens imaturos e incompetentes?

Que fortalezas — e quantas! — temos que pôr abaixo! Que resistência sutil, diligente e obstinada temos que esperar encontrar no trato de cada coração! Como o preconceito bloqueia o nosso caminho rumo à obtenção de bons ouvintes! Muitas vezes não discutimos em condições iguais, mas com crianças que não conseguem entender-nos.

Temos que trabalhar com gente desorientada. Temos que lidar com pessoas voluntariosas e nada razoáveis, que nunca ficam mais persuadidas do que quando

silenciadas com os seus próprios argumentos. Quando não nos apresentam razão nenhuma, apresentam-nos a sua resolução. Temos que enfrentar as vontades dos homens e suas paixões sensuais, bem como os seus modos de entender as coisas. Teremos que enfrentar, não uma, mas multidões de paixões violentas e de inimigos contraditórios, toda vez que sairmos em busca da conversão de um pecador.

Ah, diletos irmãos, que homens devemos ser, então, em habilidade, resolução e incansável diligência — nós, que temos isso tudo com que lutar e por que lutar? Não bradou Paulo, “para estas coisas quem é idôneo?” (2 Coríntios 2:16). Poderemos, então, dar-nos o luxo de sermos orgulhosos e preguiçosos, como se fôssemos capazes? Como diz Pedro a todo cristão, ao ponderar a responsabilidade, há o reflexo do nosso caráter; “que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade”? (2 Pedro 3:11). Assim posso eu dizer a todo ministro, vendo como estes desafios pesam sobre nós, que classe de pessoas devemos ser em todos os nossos santos esforços e resoluções para o nosso trabalho!

Tais responsabilidades exigem maturidade

Portanto, este não é um fardo que se coloque nos ombros de uma criança. Que habilidade cada parte da obra requer, e quanto tempo! Não pensem que a prédica é a parte mais dura do nosso trabalho. Todavia, quanta habilidade é necessária para dar clareza à verdade, a fim de persuadir os nossos ouvintes! Como é difícil fazer com que a luz Irresistível penetre na consciência deles, permaneça ali, e os capacite a compreender a verdade! Como é difícil acionar a verdade em suas mentes e introduzir Cristo em seus sentimentos! Que inteligência se requer do pastor para enfrentar toda objeção levantada e para responder com clareza aos que as levantam! Como é desafiador levar os pecadores a convicções que os façam enxergar que não há esperança para eles, a menos que sejam convertidos; que, do contrário, serão inevitavelmente condenados!

Fazer isso tudo numa linguagem e de maneira apropriadas ao nosso ministério e, ainda assim, ajustadas às capacidades dos nossos ouvintes, exige muito engenho e arte. Isso tudo e muito mais se requer para todo sermão que pregarmos com santa aptidão. Um tão grande Deus, cuja mensagem proferimos, deve ser honrado pela maneira como a transmitimos.

Quão lamentável será, então, termos uma mensagem provinda do Deus dos céus — mensagem com conseqüências eternas para as almas dos homens — e, contudo, entregar tão debilmente esta palavra! Que desventura, conduzir-nos tão imprudentemente, ou comunicar a verdade tão superficialmente, de modo que todo o trabalho do nosso Deus malogra em nossas mãos! Quando Deus sofre desonra, a Sua obra cai em descrédito e os pecadores se endurecem em vez de converter-se, devido à nossa fraqueza e negligência. Quão grande é a nossa responsabilidade!

Quantas vezes sucede que ouvintes mundanos vão para casa irritados com os fiascos óbvios e desonrosos do pregador! Quantos deles dormem diante de nós, porque os nossos corações e línguas estão dormentes! E não temos sequer capacidade e zelo para despertá-los!

Além disso, imaginemos quanta habilidade é necessária para defender a verdade contra os que se lhe opõem e para lidar com aqueles que argumentam contra ela. Que habilidade, pois, é necessária para lidar com uma pobre e ignorante alma acerca da sua conversão!

Será que uma porção comum de santa aptidão e habilidade, de prudência e outras qualificações servirá para tal missão? Bem sei que a necessidade pode levar esta igreja a tolerar os fracos. Ai de nós, porém, se formos indulgentes e tolerantes para com as nossas próprias fraquezas! Sua razão e sua consciência não lhes dizem que, se vocês ousarem aventurar-se a um trabalho tão elevado como este, não deverão poupar esforços no

preparo para realizá-lo? Não será um exercício ou experiência de estudos feitos de vez em quando, ocasional e preguiçosamente, que servirá para formar um valoroso homem de Deus.

Necessidade de diligencia

Será que uma porção comum de santa aptidão e habilidade, de prudência e outras qualificações servirá para tal missão? Bem sei que a necessidade pode levar esta igreja a tolerar os fracos. Ai de nós, porém, se formos indulgentes e tolerantes para com as nossas próprias fraquezas! Sua razão e sua consciência não lhes dizem que, se vocês ousarem aventurar-se a um trabalho tão elevado como este, não deverão poupar esforços no preparo para realizá-lo? Não será um exercício ou experiência de estudos feitos de vez em quando, ocasional e preguiçosamente, que servirá para formar um valoroso homem de Deus.

Podemos escusar-nos da necessária diligência intelectual dizendo que somente o Espírito Santo pode qualificar-nos e assistir-nos em nosso trabalho. Deus encorajará essa ociosidade? Dar-nos-á Ele miraculosamente conhecimento mediante sonhos quando estivermos dormindo? Ou nos levará ao céu e nos revelará os Seus conselhos? Ah, se os homens se atreverem tão pecaminosamente a extinguir o Espírito com tal ociosidade e, depois, pretextar que é o Espírito que o está fazendo!

Deus exige que não sejamos “vagarosos no cuidado” e que sejamos “fervorosos no espírito, servindo ao Senhor” (Romanos 12:11). Devemos instigar os nossos ouvintes a serem pessoas assim, como também a nós mesmos, a sermos pessoas assim. Portanto, irmãos, não percamos tempo: estudemos e oremos, palestremos e pratiquemos. Com estes quatro meios as nossas capacidades aumentarão.

Olhem, pois, por si mesmos, para que não se enfraqueçam por sua negligência, e para que não estraguem a obra de Deus com a Sua fraqueza. Pois, “qual o homem, tal a sua valentia” (Juízes 8:21).

Cuidado com a incoerência moral

Quarto, olhem por si mesmos para não virem a ser exemplos de doutrina contraditória. Cuidado, para que não venham a colocar pedras de tropeço na frente dos cegos e ocasionar a sua ruína. Cuidado, para não desfazerem com suas vidas o que dizem com suas línguas. Cuidado, para não se tomarem, vocês mesmos, o maior obstáculo ao sucesso dos seus trabalhos.

Dificulta muito o nosso trabalho quando outros homens contradizem na vida particular o que lhes declaramos publicamente acerca da Palavra de Deus. Acontece isso porque não estamos lá para contradizê-los e demonstrar a sua loucura. Mas será muito mais prejudicial ao nosso trabalho se contradissemos a nós mesmos. Se as nossas ações se tornam uma mentira para as nossas línguas, o que podemos edificar em uma ou duas horas de discurso, poderemos destruir numa semana com as nossas mãos. É deste modo que se faz com que os homens achem que a Palavra de Deus não passa de um conto ocioso e que a pregação não pareça melhor do que qualquer tagarelice. Ora, aquele que de fato põe sentido no que fala, certamente age de acordo com o que fala.

Assim é que uma palavra arrogante, grosseira, insolente, ou uma discussão desnecessária, ou um ato de cobiça, pode cortar a garganta de muitos sermões.

Digam-me, irmãos, no temor de Deus, vocês têm consideração pelo bom êxito dos seus trabalhos, ou não? Vocês esperam vê-los causar efeito nas almas dos seus ouvintes? Se não, por que pregam? Para que estudam? Por que se denominam ministros de Cristo? Mas se têm essa consideração e essa esperança, certamente não poderão achar dentro dos seus corações o desejo de prejudicar o seu trabalho com alguma coisa indigna.

É um erro patente aos olhos de todos o daqueles ministros da Igreja que abrem grande abismo entre a sua pregação e o seu viver. Eles estudam arduamente para *pregar* com exatidão, e, todavia, estudam pouco ou nada para *viver* com exatidão. A semana inteira é curta para preparar-se para falar duas horas; e, contudo, uma hora parece tempo demais para preparar-se para viver uma semana. Causa-lhes repulsa a má colocação de um vocábulo em seus sermões; mas não se preocupam nem um pouco em colocar mal os sentimentos, as palavras e as ações no transcurso das suas vidas. Ah, que pregações nobres e interessantes tenho ouvido de alguns homens, e quão relaxadamente os tenho visto viver!

Assim, irmãos, certamente nos sobram razões para termos cuidado com o que fazemos, bem como com o que dizemos. Se somos servos de Cristo, não devemos ser somente oradores, mas também devemos servi-LO com os nossos feitos. Aquele que for “fazedor da obra” será bem-aventurado no seu feito” (Tiago 1:25). Como esperamos que os que nos ouvem sejam “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes”, assim também nós devemos ser cumpridores, e não somente oradores, para que não nos enganemos a nós mesmos (Tiago 1:22).

Necessidade de sermos praticantes da Palavra

Assim, irmãos, certamente nos sobram razões para termos cuidado com o que fazemos, bem como com o que dizemos. Se somos servos de Cristo, não devemos ser somente oradores, mas também devemos servi-LO com os nossos feitos. Aquele que for “fazedor da obra” será bem-aventurado no seu feito” (Tiago 1:25). Como esperamos que os que nos ouvem sejam “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes”, assim também nós devemos ser cumpridores, e não somente oradores, para que não nos enganemos a nós mesmos (Tiago 1:22).

Uma doutrina prática deve ser pregada praticamente. Devemos preparar-nos tão arduamente para viver bem, como para pregar bem. Devemos pensar e repensar

como compor as nossas vidas (bem como os nossos sermões), para usarmos a melhor maneira de levar os homens à salvação.

Se a sua finalidade for a de salvar almas, irmãos, certamente vocês procurarão atentar para esse objetivo fora do púlpito como nele. Se esta for a sua finalidade, vocês viverão por ela e farão tudo que puderem para alcançá-la.

MOTIVOS PARA CUIDARMOS DE NÓS MESMOS

Tendo-lhes mostrado o que é olhar por nós mesmos, permitam-me apresentar-lhes a seguir alguns motivos para despertá-los para este dever.

As conseqüências eternas das nossas ações

Primeiramente, vocês têm o céu para ganhar ou perder. Esta é a sua meta, como também a de levar almas à felicidade ou à desgraça eterna. Portanto, devem começar em casa e cuidar de si próprios. É possível a pregação ter êxito na salvação de outros, sem trazer santidade aos nossos próprios corações ou às nossas vidas. Muitos dirão naquele dia, "Senhor, não profetizamos nós em teu nome?" (Mateus 7:22), e terão esta resposta: "Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (7:23). Quantos pregaram a Cristo e, no entanto, pereceram por lhes faltar o conhecimento salvífico de Cristo!

É uma tragédia termos em nossas bibliotecas sempre tantos livros que nos falam do caminho para o céu, e estudarmos a doutrina da vida eterna e, não obstante, a despeito disso tudo, nós a perdermos! Nós perdemos a vida eterna! Quão trágico é que preparemos e preguemos tantos sermões sobre a salvação — e, todavia, não a alcançamos! Não a obtemos porque negligenciamos Cristo, embora preguemos numerosos sermões sobre Ele; ou resistimos ao Espírito Santo, apesar de falarmos sobre Ele; ou falarmos da fé,

quando nós mesmos não cremos sinceramente; ou clamamos aos pecadores que se arrependam e se convertam, enquanto nós mesmos continuamos num estado carnal, num estado de pecado; apregoamos aspirações à vida celestial, ao passo que nós mesmos permanecemos na busca de interesses mundanos e terrenos.

Deus não faz acepção de pessoas. Ele não me salva por causa do meu colarinho clerical, nem por causa da minha vocação ministerial. Uma santa vocação não salvará um homem que não é santo.

Terei necessidade de dizer que os pregadores do evangelho deverão ser julgados pelo evangelho? Eles e os demais comparecerão ao mesmo tribunal e serão sentenciados ou absolvidos com base nos mesmos termos. Serão tratados tão severamente como qualquer outro. Vocês pensam realmente que podem ser salvos graças à sua profissão clerical? Ah, não será assim! Vocês sabem que não há posição na vida que sirva para salvá-los. Cuidem, pois, de si mesmos, para o seu próprio bem. Vocês também têm almas para salvar ou perder, como os demais.

Lembrem-se de que vocês têm uma natureza depravada

Segundo, olhem por si mesmos, porque vocês têm uma natureza depravada. Suas inclinações pecaminosas são como as de qualquer outro. Por mais que preguemos contra o pecado, ele ainda permanece em nós. Um degrau do pecado prepara o coração para outro, e um pecado inclina a mente para mais um. Como a centelha no princípio de uma chama, e como uma doença insignificante pode levar a outra mais grave, assim há dentro de nós uma aversão a Deus. Há uma alienação irracional e turbulenta. Visto, pois, que há tantos traidores em nossos corações, não é hora de tomar cuidado?

Aqueles de nós que parecem mais fortes — são realmente fracos. Como estamos sujeitos a tropeçar! Quão diminutas coisas nos derrubam! Com que facilidade as nossas

paixões e desejos desordenados se inflamam, pervertendo os nossos critérios de julgamento ou abatendo a nossa resolução, esfriando o nosso fervor e embotando a nossa diligência!

Os ministros não são somente filhos de Adão; são também pecadores contra a graça de Deus. Os nossos corações traiçoeiros nos enganarão, num momento ou noutro, se não tivermos cuidado. Aqueles pecados que parecem estar mortos, reviverão. Nosso orgulho, mundanismo, e muita maldade corrupta farão brotar aquilo que julgávamos já ter sido arrancado com raízes e tudo. Daí, é vital dar-nos conta de como somos realmente fracos. Então seremos cuidadosos com o regime e com os exercícios das nossas almas.

As responsabilidades maiores nos tornam mais vulneráveis

Terceiro, olhem por si mesmos porque vocês têm maiores tentações e estão mais expostos a elas que os outros homens. Dons e graças menores podem levar o homem por um louvável curso de vida, mas é porque ele não passa por provas muito severas. Uma força menor pode servir para um trabalho mais leve. Mas, se vocês se aventurarem a grandes empreendimentos no ministério, terão necessidade de grandes recursos.

Vocês também terão que esperar maior vexame e dores de consciência mais intensas, se o seu trabalho for mais elevado. O artífice deve ter cuidado com o peso da sua responsabilidade. Temos visto, por experiência, que muitos homens que viviam como cristãos obscuros com boa reputação e piedosamente, passaram a sofrer maior pressão quando se lançaram mais completamente aos labores da fé. E quando assumiram posição de maior responsabilidade, que superaram as suas forças, viram-se em desgraça. Assim, se vocês se aventurarem a avançar ao centro do campo de batalha e a suportar o fardo e o calor do dia, cuidem-se.

O líder é o mais vulnerável quando o inimigo ataca

Quarto, olhem por si mesmos porque o tentador fará a sua

primeira e mais dura investida contra vocês. Se forem líderes contra ele, ele não os poupará. Ele usa a

maior astúcia contra o homem que está empenhado em causar-lhe o maior dano. Ele odiou a Cristo mais que a qualquer de nós, porque Ele é o “Capitão da nossa Salvação”. Portanto, Satanás odeia os líderes subordinados a Cristo mais do que aos soldados rasos. Ele sabe muito bem que tumulto poderá causar entre os seguidores, se os líderes caírem diante deles. Ele fere o pastor para que o rebanho se disperse.

Cuidado, pois, irmãos, porquanto o inimigo os vigia de maneira especial. Vocês receberão as suas insinuações mais sutis, a sua incessante atenção, as suas investidas mais violentas. Por mais sábios e instruídos que vocês sejam, cuidem-se para que ele não lhes leve vantagem. O diabo é muito maior erudito que vocês. É um polemista muito mais poderoso. Ele pode transformar-se num anjo de luz para nos enganar. Ele pode lográ-los em sua ingenuidade ou fé, antes de vocês perceberem o que lhes aconteceu. A isca, pois, que ele usa é sempre própria para o temperamento e a disposição de caráter de cada um de vocês. Desta maneira, ele sempre pode abusar de vocês.

Muitos olhos estão fitos em vocês

Olhem por si mesmos também porque há muitos olhos fixos em vocês. Assim, serão muitos os que assistirão à sua queda. Se vocês se extraviarem, o mundo o fará ressoar. É como se dá com os eclipses solares ocorridos em plena luz do dia — raramente ficam sem testemunhas.

Se ocuparem posição de proeminência nas igrejas, poderão esperar que os olhos dos homens estarão postos em vocês. Outros homens pecarão sem que os observem, mas vocês não poderão fazê-lo. Ao mesmo tempo, podem ser gratos pela misericórdia de muitos os estarem potencialmente vigiando, pois isto os conterà.

Conquanto alguns estejam prontos a lhes falar, com más intenções, das faltas cometidas por vocês, todas estas circunstâncias os ajudam a sentir-se responsáveis. Ajudam-nos a evitar o pecado. Mas, Deus nos livre de praticar o mal em público e de pecar voluntariamente

enquanto o mundo olha para nós! “Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite” (1 Tessalonicenses 5:7).

Tenham cuidado, pois, consigo mesmos e com as suas obras. Lembrem-se de que o mundo os observa, porque os ágeis olhos da malícia estão prontos a fazer o pior uso da situação. Eles exploram e agravam o que encontram. Eles divulgam seja o que for que possa obter o máximo de vantagem para os seus próprios fins. Com que cautela, então, devemos andar, diante de tantos observadores mal intencionados! Lembrem-se de que “não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:14).

Os pecados dos líderes são salientados mais enfaticamente

Olhem por si mesmos. Os seus pecados sobressaem mais nas opiniões alheias. Um grande homem não pode cometer um pecado pequeno. Há várias razões para isto. Em primeiro lugar, vocês têm maior probabilidade de pecar contra o conhecimento, porque estão mais bem informados do que os outros. Com tanto conhecimento além do comum, quanto mais dispostos vocês provavelmente estarão a pecar?

Em segundo lugar, os seus pecados revelarão mais hipocrisia do que os dos outros homens, porque vocês têm falado muito contra o pecado. Que terrível coisa, quando nos preparamos para falar tudo que pudermos contra o pecado, para torná-lo odioso à nossa gente, e depois sermos achados vivendo em pecado, apreciando secretamente o que denunciemos publicamente! Que vil hipocrisia ter como nossa profissão diária a denúncia do pecado, e nutri-lo em nosso viver íntimo! Esta é a insígnia dos fariseus: “Dizem e não praticam” (Mateus 23:3). Muitos ministros do evangelho serão denunciados finalmente assim, com esta pesada acusação de hipocrisia.

Em terceiro lugar, os seus pecados contêm mais traição que os dos outros homens. Uma vez que vocês podem prestar mais serviço a Deus, podem prestar-Lhe também

mais

desserviço. Quantas vezes vocês proclamaram o mal e o perigo do pecado, e conclamaram os pecadores a deixá-lo? Quantas vezes vocês declararam os terrores do Senhor? Tudo isso implica que vocês mesmos renunciaram o pecado.

Pregar contra o pecado também deve significar renúncia pessoal

Todo culto em que vocês têm pregado contra o pecado, deve significar toda exortação particular, toda confissão feita dele na igreja — tudo isso implica que vocês estão renunciando a si mesmos. Todo batismo que celebraram e toda ministração da Ceia do Senhor em que vocês convidaram os homens a renovar a sua aliança com Deus implicavam que vocês estavam renunciando a carne enquanto estivessem no mundo. Estes atos proclamaram o seu compromisso com Cristo.

Quantas vezes e quão abertamente vocês deram testemunho da odiosidade e da natureza condenável do pecado? Ah, que traição será, então, fazer tanto reboliço no púlpito contra o pecado, se vocês o nutrem em seu coração e lhe dão o lugar que só Deus merece! Sim, nesse caso, vocês terão preferido o pecado até mesmo à glória dos santos.

Muitos agravantes mais dos seus pecados poderiam ser mencionados. Mas a falta de tempo nos obriga a deixar aqui o assunto.

Quanto mais perto estivermos de Deus, mais grave será nosso pecado

Olhem por si mesmos, pois, porque a honra do seu Senhor e Mestre e da Sua verdade e dos Seus caminhos mais grave será está mais sobre vocês do que sobre os outros homens, o nosso pecado. Quanto mais perto de Deus os homens estiverem, maior desonra Ele sofrerá por nossas faltas e delitos. E estas, Incoerências serão atribuídas mais a Deus, pelos Insensatos. O mais severo juízo foi imposto a Eli e à sua casa porque eles deram “coices contra o sacrifício e contra a minha oferta” (1 Samuel 2:29). “Era,

pois, muito grande o pecado destes mancebos perante o Senhor, porquanto os homens desprezavam a oferta do Senhor” (id. 2:17). Foi aquele grande agravo que deu lugar “a que os inimigos do Senhor blasfemem”, que levou Deus a tratar Davi mais seriamente (2 Samuel 12:11- 14).

Devemos apegar-nos mais a glória de Deus que as nossas vidas.

Se vocês são cristãos verdadeiros, então a glória de Deus é mais cara que as suas vidas. Cuidado, pois, com o que façam contra a glória de Deus, devotando-lhe a mesma consideração que dão às suas vidas. Como é terrível ver os homens apontando para vocês e ouvi-los dizer: “Ali vai um ministro ambicioso, um ébrio secreto, um homem escandaloso. Ele prega rigor, mas vive tão indulgentemente como tantos outros. Ele condena os outros em seus sermões, mas se condena a si próprio com a sua vida e a sua conduta. A despeito de toda a sua fala, ele é tão mau como qualquer de nós”.

Irmãos, poderiam os seus corações suportar ouvir os homens lançarem o lixo das iniquidades que vocês têm praticado diante do nosso santo Deus? Ou diante do evangelho? Ou diante dos que temem ao Senhor? Não quebrantaria os seus corações pensar que todos os cristãos piedosos ao redor de vocês sofrerão o opróbrio das suas más ações?

Se um de vocês, líder do rebanho, cair no laço de um crime escandaloso, dificilmente haverá alguém, dentre os que buscam diligentemente a salvação, que não fique acabrunhado ao ouvir falar do seu pecado. Os fiéis sabem que os ímpios lhes lançarão isso em rosto, por mais que lamentem e detestem o que lhe aconteceu. O ímpio dirá à esposa, os pais ímpios aos filhos, e os vizinhos e amigos dirão uns aos outros: “Estes são os seus piedosos pregadores. Agora vejam no que deu toda a sua bulha. Vocês são melhores do que os outros? Não, são todos iguais!” Tais são as palavras que você poderá esperar que os fiéis terão que agüentar, simplesmente por causa da

sua má

conduta. “É mister que venham escândalos, mas aí daquele homem por quem o escândalo vem!” (Mateus 18:7).

Portanto, tenham cuidado, irmãos, em nome de Deus. Sejam cuidadosos em toda palavra que disserem, em todo passo que derem, pois vocês levam a arca do Senhor. Foi-lhes confiada a Sua honra; e vocês se atreverão a deixá-la cair e ser lançada à sujeira? Irmão, se “confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos nécios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei”; se você, digo eu, viver de maneira contrária à sua doutrina e, pela sua transgressão da lei, estiver desonrando a Deus, o nome de Deus será blasfemado entre os ignorantes e os ímpios, por sua causa (Romanos 2:19-24) — cuidado!

Vocês não sabem que o decreto vigente no céu é simplesmente este: “Aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão envilecidos”? (1 Samuel 2:30). Nunca houve homem que desonrasse a Deus, sem que isso se evidenciasse em maior desonra para ele próprio. Deus arranjará meios pelos quais apagar tudo que seja lançado contra Ele. Mas vocês não se livrarão tão facilmente da sua vergonha e da sua tristeza.

Uma grande obra exige grande preparação

Olhem por si mesmos, pois as almas dos seus ouvintes e o sucesso dos seus labores dependem muito disso. Geralmente, Deus prepara e qualifica homens para grandes obras, antes de usá-los como Seus instrumentos em sua realização. Assim, se O Senhor não operar cabalmente dentro dos seus corações, como podem esperar que Ele abençoe os seus labores de modo que causem efeito noutros corações? Ele poderá fazê-lo, se quiser, mas vocês têm motivo para duvidar de que Ele o faça. Daí, desejo mostrar-lhes quatro razões pelas quais aquele que quer prestar serviço a outros deve cuidar de si mesmo. Porquanto, raramente Deus fará prosperar os labores de homens não santificados.

Poderá Deus abençoar o interesse próprio?

Em primeiro lugar, como se pode esperar que Deus abençoe o trabalho de um homem que, em vez de servi-LO, está trabalhando por seus próprios interesses? Este é o caso de todos os homens não santificados — pois ninguém senão o justo fará de Deus o seu fim principal, ou fará qualquer coisa sinceramente pela honra de Deus. Os não santificados fazem da carreira ministerial apenas um comércio com o qual ganham a vida. Escolheram-na, em vez de outra carreira qualquer, porque os seus pais a escolheram por eles. Ou são ministros porque acham o seu trabalho atraente.

É um tipo de vida que lhes dá maior oportunidade de fornecer à sua inteligência toda sorte de conhecimento. É também uma ocupação menos laboriosa. É uma carreira que muitos vêm com reverência e respeito. É atraente porque oferece campo para líderes e mestres e porque há nela outros que deles dependem e que recebem a lei da sua boca. Ou é uma atividade popular porque oferece alguma segurança.

Estas são as razões pelas quais eles são ministros e pregam. Não houvesse estas razões, eles desistiriam. Então, como se pode esperar que Deus abençoe os trabalhos de tais pessoas? Pois não é a Deus que eles pregam, mas a si mesmos, e a sua reputação ou lucro. Não é a Deus, mas a si mesmos que eles procuram servir. Não admira que Deus os deixe entregues aos seus próprios meios. Se os seus trabalhos não recebem a bênção divina, que podem eles dar de si mesmos? Pois a Palavra não vai além do ponto a que a força deles a pode lançar.

Como poderão outros crerem naquilo em que vocês não crêem e do que apenas falam?

Em segundo lugar, um ministério pastoral dificilmente terá bom êxito se o pastor não estiver fazendo o seu trabalho com sinceridade e fidelidade. Como é que os outros

poderão crer, quando ele não crê no que diz e não leva a sério o seu trabalho? Um homem não santificado desses poderá realmente realizar a obra do ministério? Não poderá. Poderá exibir certa seriedade, própria de uma fé comum, ou da opinião geral, ou de um fervor natural, ou com objetivos egoístas. Mas a seriedade e a fidelidade de um crente firme, cuja intenção é unicamente a glória de Deus e a salvação dos homens — estas ele não tem. Ah, senhores, toda a sua pregação e toda a sua persuasão de outros não passarão de sonhos e de pura hipocrisia, se o seu trabalho não for feito inteiramente para Deus.

Na verdade, como poderão vocês chamar os pecadores ao arrependimento e para virem a Deus com sério fervor, se vocês mesmos nunca se arrependeram? Como poderão pedir aos pecadores que tenham cuidado com o pecado e se dirijam para um santo viver, quando vocês mesmos jamais experimentaram a gravidade do pecado, nem a repreensão da santidade? Estas coisas nunca serão bem conhecidas, enquanto não forem experimentadas, e nunca serão experimentadas, enquanto não constituírem posse pessoal. Como poderão vocês ter compaixão em seus corações e lágrimas nos olhos quando imploram aos pecadores que se arrependam, quando vocês nunca experimentaram a necessidade disso em suas próprias vidas? O quê?! Vocês são capazes de amar os outros mais do que a si mesmos?!

Como poderão vocês lutar contra Satanás, se são seus servos?

Eis o terceiro aspecto deste desafio: vocês acham que alguém que é servo de Satanás pode lutar com todas as suas forças contra Satanás? Causará ele algum grande dano ao reino do mal, quando ele mesmo é membro e súdito desse reino? Será fiel a Cristo aquele que está em aliança com o Seu inimigo, e que não tem Cristo no coração? Esta é a situação de todo homem não santificado, seja qual for o tecido do seu casaco. Os que se acham neste caso são servos de Satanás e súditos do seu reino. É ele

quem governa os seus corações. Assim, terão alguma probabilidade de ser fiéis a Cristo os que são governados pelo diabo?

É desastroso que tantos pregadores do evangelho sejam inimigos da causa do evangelho que pregam. Quantos traidores desse naipe houve na Igreja de Cristo através de todos os séculos! Eles têm feito mais dano contra o Senhor Jesus usando as Suas cores, do que jamais poderiam ter feito no campo de combate aberto contra Ele. Falavam bem de Cristo e das Escrituras, da religiosidade em geral, e, todavia, fingidamente e no íntimo procuravam arruinar a Causa, pois faziam os homens crer que os seguidores de Cristo são todos um bando de hipócritas ou de fanáticos presunçosos. Assim, quantos lobos têm sido postos a dirigir ovelhas, vestidos de peles de ovelhas! Fingem-se de cristãos, mas não são. Se houve um traidor entre os doze do colégio dos apóstolos de Cristo, não há por que espantar-nos de que haja muitos deles hoje.

Como vocês poderão ser bem estimados, se não viverem o que pregam?

Um quarto aspecto deste desafio da coerência é que, com toda a probabilidade, o povo não terá muita consideração pela doutrina daqueles que não vivem o que pregam. Como poderá alguém acreditar numa pessoa que não acredita no que ela mesma diz? Desse modo, se os pregadores que falam da necessidade de um santo viver não têm vida santa, o povo pensará com razão que aquilo não passa de conversa. Ademais, pensará que o que vocês pregam é realmente desnecessário e que podem agir ousadamente como vocês agem.

O pior resultado disso tudo será levar o seu povo a julgar mal todos os que são genuínos e fiéis ministros da Palavra. Sua reação tenderá a ser como a seguinte: “Vocês são tão exatos e nos falam tanto do pecado e seus perigos, da necessidade de cumprimento do dever, e fazem tanto alarde dessas coisas! Então, por que será que tal e tal ministro, douto como vocês e grande pregador como

vocês, pode divertir-se com os rapazes e

deixar-nos em paz com as nossas diversões, sem nunca perturbar as nossas consciências como vocês perturbam? Por que nos afligir com o inferno e a condenação, quando ministros sóbrios, cultos e pacíficos podem estar tranqüilos e conviver conosco como os demais homens? ” Esta é a espécie de pensamentos e de prosa que a negligência de vocês ocasionará nos outros.

Finalmente, reflitam sobre a necessidade de ver que todo o sucesso dos seus labores dependa da graça e da bênção do Senhor. Deus prometeu aos Seus servos fiéis que estará com eles, e que porá o Seu Espírito sobre eles e a Sua Palavra em suas bocas. Deus pode fazer o bem à Sua Igreja por meio de homens ímpios, e por vezes o faz, mas não o faz usual e proeminentemente. Antes, o Seu método normal é utilizar os Seus servos fiéis.

O PASTOR E SUA NECESSIDADE DE ARREPENDIMENTO

O que temos que fazer, como pastores, diletos irmãos, é humilhar-nos a nós mesmos, pois, temos negligenciado dar nutrição espiritual e instruir pessoalmente os que foram entregues aos nossos cuidados. Nós necessitamos também do auxílio de Deus para o cumprimento das nossas futuras tarefas. Na verdade, sem perdão por nossa negligência passada, não podemos esperar energia para os nossos esforços futuros. Assim Deus deverá humilhar-nos primeiro, se quiser usar-nos. Todavia, a tristeza do arrependimento poderá vir sem mudança do coração e da vida. Portanto, aqui podemos dar início à nossa confissão — a necessidade de *verdadeiro* arrependimento.

É muito comum esperarmos que o nosso povo se arrependa, quando nós mesmos não nos temos arrependido. Que esforços fazemos para vê-lo humilhar-se, quando nós continuamos sem humilhar-nos! Quão duramente os pressionamos com os nossos ensinamentos, convicções e ênfases para arrancar deles algumas lágrimas de arrependimento! Todavia, os nossos olhos continuam secos e os nossos corações quase não são afetados pelo

remorso. Se gastássemos, para influir em nossos corações e corrigi- los, tão somente a metade do tempo que gastamos com os nossos ouvintes, como seriam diferentes as nossas vidas!

Arrependimento bíblico

Vemos nas Escrituras que os guias da Igreja confessavam verdadeiramente os seus próprios pecados, bem como os do povo. Esdras chorou e se prostrou diante do Senhor em sua casa. Confessou os pecados do sacerdote, como também os do povo (Esdras 9:6-7; 10:1). Assim agiram os levitas (Neemias 9:32-34). Daniel também confessou os seus pecados, bem como os do povo (Daniel 9:20). Joel 2:15-17 nos avisa que Deus mandou que seja assim. Leiam Atos, capítulo 20, e comparem a sua vida com a exortação feita por Paulo aos presbíteros de Éfeso, e vejam se seus corações não se confrangem com a percepção da sua negligência.

É triste pormos a nossa igreja a dormir com a nossa prédica, mas é trágico pôr-nos a nós mesmos a dormir. Quão terrível é quando falamos tão longamente contra a dureza de coração dos ouvintes, e, contudo, ficamos endurecidos e surdos ao ruído das nossas próprias repreensões!

Propósito da tristeza segundo Deus

Deus não nos causa tristeza desnecessária. Seu propósito é alertar-nos para que nos lembremos dos nossos pecados — que são mais que óbvios — e os coloquemos diretamente diante de Deus e dos nossos olhos. Deus poderá, então, lançá-los para trás de Si, se de fato procedermos com clareza e fidelidade em franca confissão. Se dermos algum motivo de vergonha ao nosso ministério, não o faremos com o nosso ofício, mas conosco mesmos, expondo aquilo que estamos fazendo. A glória do nosso elevado ofício não transmite nenhuma glória aos nossos pecados, nem propicia nenhuma capa que cubra a nossa nudez, pois “o pecado é o opróbrio dos povos” (Provérbios 14:34).

Cabe-nos, portanto, ser responsáveis por nossos pecados e dar a Deus toda a glória, descerrando os nossos pecados perante Ele, para que Ele os cubra, pois “o que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia Bem-aventurado o homem que continuamente teme; mas o que endurece o seu coração virá a cair no mal” (Provérbios 28:13-14).

Por que Jesus escolheu só doze discípulos?

Quando Cristo escolheu apenas doze apóstolos, Ele o fez deliberadamente, a fim de que pudessem ficar perto da Sua pessoa. Deste modo, eles poderiam familiarizar-se com o Seu ensino, com a Sua vida e com os Seus milagres. Entretanto, quão ignorantes permaneceram a respeito dEle, e por quanto tempo! Eles não compreendiam que Ele ia morrer como sacrifício pelo pecado do mundo. Tampouco sabiam que Ele seria sepultado, ressuscitado e ascenderia à glória. Nem ainda entendiam a natureza do Seu reino espiritual.

É-nos difícil imaginar como aqueles homens ignorantes podiam estar num estado de graça. Quantas vezes Cristo os orientou pública e privadamente (Marcos 4:34)! Como Ele tinha que repreendê-los por sua incredulidade e dureza de coração! No entanto, depois disso tudo, quão estranhos continuavam para eles os grandes mistérios da redenção!

Ali estava Pedro, que fora chamado “Satanás” por seus infelizes pensamentos, contrários à missão do Redentor. Ali estava Judas, representante do orgulho experimentado por todos eles, em sua luta por posição elevada. E também, que diremos do fato de que todos eles O abandonaram, e ainda dos seus fracassos após o derramamento do Espírito Santo?

Que dizer da contenda pública entre Paulo e Barnabé, que os separou? De Pedro, que entendeu tão mal a vocação dos gentios, e da sua conformidade com os judeus, que pôs em perigo a liberdade dos gentios? (Gálatas 2:11-16). Que dizer do abandono em que ficou Paulo em seu sofrimento, quando ele admitiu: “... a ninguém tenho de igual

sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado. Porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus”? (Filipenses 2:20-21).

Que dizer das acusações feitas às igrejas no Livro de Apocalipse? (capítulos 2 e 3). Não é provável que somente Arquipo precisava ser exortado a cuidar bem do seu ministério (Colossenses 4:17). Tampouco é provável que Demas fosse o único que abandonou o companheiro perseguido e saiu em busca das coisas do mundo (2 Timóteo 4:10). Nem ainda Diótrefes foi o *único* que, amando a preeminência, armou briga e agiu injustamente e sem misericórdia na igreja, por causa disso.

[Baxter faz amplo exame dos “pecados dos ministros do evangelho desde os tempos de Cristo até agora” nas vinte e quatro páginas subseqüentes do texto de sua lavra. Ele fala das manipulações políticas no grande concílio eclesiástico dos chamados pais primitivos, do amargo conflito entre os “pais” como as lutas entre o bispo de Alexandria e Crisóstomo, entre Crisóstomo e os seus contemporâneos, entre Jerônimo e Rufino, Crisóstomo e outros, e entre Agostinho e muitos hereges.

Ele fala da perseguição movida pela igreja católica romana contra os valdenses, das rivalidades entre luteranos e calvinistas, e da perseguição determinada por Maria na Inglaterra. Descreve ele o desprezo sofrido pelos que eram apelidados de “puritanos” e que eram lançados na prisão, a falta de pastores em muitas igrejas da Grã-Bretanha, o silêncio imposto a líderes da têmpera de Arthur Hildersam, John Brightman, Theodore Parker, William Ames, John Dodd, e muitos outros, e a falta de governo ou de disciplina na igreja. Estas coisas se juntaram e produziram muito relaxamento nas igrejas. Baxterse dirige então ao *presente estado* da Igreja.]

Pecados que clamam por nosso arrependimento.

Os grandes pecados de que somos culpados não serão enumerados aqui. Portanto, a omissão que faço de referência a algum pecado particular não deve ser interpretada como negação ou justificação desse pecado. Antes, considero necessário citar apenas uns poucos exemplos que bradam por humilhação e rápida reforma.

O apelido “puritanos”

O público deixou de limitar a aplicação da palavra “puritano” aos não-conformistas, estendendo-a comumente a todos os povos que falavam seriamente do céu, da morte, do juízo, e que dedicavam o dia do Senhor a esses pontos. Bastava que reprovassem um blasfemo ou um ébrio para serem taxados de “exatistas” e tornar-se um provérbio.

Nenhuma disciplina na Igreja

Raramente existe *disciplina* eclesiástica em *todo o* território nacional. Nunca pertencí a uma igreja, confesso, na qual uma única pessoa tenha sido admoestada publicamente ou levada à manifestação pública de arrependimento ou excluída da comunhão, mesmo depois de haver cometido os mais vis delitos. Assim é que a antiga disciplina na Igreja era desconhecida. Na verdade, a muitos pastores é impossível praticá-la, caso se decidam a fazê-lo, porque primeiro precisam conhecer os membros das suas igrejas.

Portanto, a questão não era: “Quais serão os governantes de tais ou quais igrejas?”, mas, antes, “Será que o governo da Igreja é eficiente?” Os que insistiam na necessidade da disciplina nas igrejas eram apelidados de “disciplinaristas”, como se fosse uma espécie de heresia querer disciplina na Igreja.

Perseguição aos puritanos

A perseguição aos que tinham essa intenção se agravou tanto que muitos milhares de pastores fiéis e suas famílias saíram da Inglaterra e foram para o continente europeu, e sobretudo para a América. Para lá foram John Cotton, Thomas Hooker, John Davenport, Thomas Shephard, James

Allen, Thomas Cobbet, Nicolas Noyes, Theodore Parker e muitos outros.

Mencionar estas coisas como exemplos de injustiça não basta. Mas muito pior foi a imoralidade dessa época, de maneira que, em vez daqueles homens piedosos, a Igreja estava repleta de homens que se diziam pastores, mas que não passavam de bêbados e profanos. A Igreja devia ter-se limpado deles.

Devido a essa influência, quem quer que protestasse contra a desordem da Igreja, imediatamente era escarnecido como puritano. Assim, tornou-se maior causa de reprovação viver como homem de Deus do que viver em franca profanidade. Era como se a Igreja estivesse outra vez sujeita à invasão dos godos e dos vândalos.

Prelado fiéis

Todavia, graças a Deus, nem todos os prelados da Igreja se desviaram da justiça. Ainda não passamos em revista líderes como o bispo James Ussher e Joseph Hall, homens doutos, tementes a Deus e pacíficos, cujos nomes nos são preciosos como os melhores que ainda vivem. Mas eles também foram injuriados por sua pureza e firmeza na fé, e também foram alvo de zombaria, como puritanos. Tragicamente, muitíssimos puritanos reagiram fortemente contra essa perseguição, em lugar de se mostrarem mansos e gentis. Tanto que, por sua vez, esses reacionários zombavam da mansidão de homens como o bispo Ussher.

Portanto, é necessário que resolvamos as nossas querelas, sejamos tolerantes para com os piedosos que retiveram ofícios episcopais, e que não percamos a esperança quanto ao ministério futuro da Igreja. É preciso, pois, que nos humilhemos, para que sejam sanadas as divisões e diferenças de convicção entre os verdadeiros pastores da Igreja.

CONFISSÃO DOS NOSSOS PECADOS ATUAIS

[Da revisão histórica dos pecados da Igreja, Baxter passa agora a considerar quatro pecados da Igreja atual: O orgulho, a falta de união, a falta de consagração à causa de Deus e a falta de disciplina na Igreja.]

1. Orgulho

Orgulho , o pecado mais odioso

Um dos nossos pecados mais odiosos e patentes é o orgulho. Ataca até os nossos pastores, e, todavia, é mais detestável e inescusável em nós, pastores, do que nos outros homens. Predomina tanto entre nós, que fica patente em nossa conversação, em nosso modo de viver, em nossa companhia e em nossas atitudes pessoais diante dos outros. Ele é a base dos nossos motivos, modela o nosso pensar, determina os nossos desejos, fomenta a inveja e pensamentos amargos contra os que são mais proeminentes do que nós, que recebem posição de celebridade.

Que companheiro astuto e sutil, que comandante tirânico e que insidioso inimigo é o pecado do orgulho! Ele acompanha os homens ao alfaiate para a escolha de roupas e para tirar as medidas do seu terno. Ele nos veste e determina a moda. Quantas vezes ele escolhe os temas da nossa alocução, e até as nossas palavras!

Necessidade de sermos simples

Deus quer que sejamos simples o quanto pudermos em nossa linguagem, para informarmos os ignorantes, e que sejamos sérios e convincentes o quanto pudermos, para que os não convertidos cedam e sejam transformados.

Mas o orgulho não sai de perto, e contraria tudo. Ele vulgariza e polui, ele desonra os nossos sermões, como se fosse um príncipe com traje de ator ou um palhaço disfarçado. Ele nos persuade a falar aos nossos ouvintes o que eles não podem entender, e, depois, a dizer-lhes coisas inaproveitáveis. Ele tira o fio da convicção e embota o vigor

dos nossos ensinamentos, com a desculpa de que não queremos ser grosseiros ou indelicados em nosso linguajar. Se damos com uma passagem franca e desafiadora, o orgulho a joga fora como rústica e inapropriada.

Assim, quando Deus nos manda agir com todo o zelo, o maldito pecado do orgulho domina e controla os mais santos mandamentos de Deus. Este pecado nos tenta, levando-nos a não sermos tolos ao expressar-nos sobre tais ou quais convicções, mas a falar suavemente. Desta maneira, o orgulho refaz muitos sermões do pregador, e o fim em vista não é a glória de Deus, e sim o progresso de Satanás.

O orgulho no púlpito

Tendo preparado o sermão, o orgulho sobe ao púlpito, púlpito Ele impõe a entonação, modela a eloquência e elimina tudo que cause ofensa, para conseguir o máximo de aplauso. O resultado final é que ele faz com que os homens, tanto no estudo como na pregação, busquem o seu próprio interesse e, após inverterem os papéis do culto, neguem a Deus, em vez de glorificá-lo e negar-se a si mesmos. Em vez de perguntarem, então, “Que falarei, e como falarei para agradar ao máximo a Deus e para fazer o maior benefício?”, o orgulho os leva a indagar: “Como pregarei, para ser considerado um pregador competente e para ser aplaudido por todos os que me ouvirem?”

O pecado da inveja

Entretanto, isto não é tudo; há outras coisas mais. Ah, se se falasse dos piedosos ministros de Deus que anelam tanto a popularidade que chegam a invejar as funções e a reputação dos seus colegas que são preferidos a eles! É como se Deus tivesse dado os Seus dons como puros ornamentos e enfeites das suas personalidades. E então se vão pelo

mundo exibindo a sua reputação, como também espesinhando e desmoralizando a dos seus rivais que se levantam em seu caminho impedindo que recebam as honras ambicionadas! Que vergonha encherem-se de inveja, os que deveriam ser santos e viver como pregadores de Cristo, pervertendo assim os dons de Deus — quando a Ele é devida toda a glória! Eles fazem todas essas coisas porque os outros parecem impedir a glóriadeles.

Não é verdade que todo cristão verdadeiro é membro do corpo de Cristo, de modo que cada um participa do todo? Não é verdade que todo homem deve dar graças a Deus pelos dons dos seus irmãos, como também por serem todos membros uns dos outros? Não é verdade que cada qual tem sua finalidade no todo? Pois se a glória de Deus e o bem-estar da Igreja não forem o seu propósito, ele não é cristão. Que coisa terrível é, então, que os homens estejam tão sem temor de Deus a ponto de invejarem os dons de Deus e deixarem que os seus ouvintes mundanos continuem não convertidos. É lastimável que prefiram que o ministério seja exercido por um dorminhoco que vive sonolento, a deixar que alguém O exerça, O qual goze da preferência geral em vez deles.

O pecado da censura

Sucede que muitos engrandecem tanto as suas opiniões pessoais, que censuram quaisquer pensamentos que difiram dos deles um mínimo que seja, esperando que todos se amoldem ao seu critério. É como se eles fossem os únicos regentes da fé da Igreja. Assim, enquanto condenamos a infalibilidade papal, temos tantos papas entre nós! Gostamos da pessoa que reitera o que dizemos, que concorda com a nossa opinião e que promove a nossa reputação. Mas a achamos ingrata quando ela nos contradiz, diverge de nós, fala com franqueza conosco sobre os nossos erros e nos aponta as nossas faltas.

Somos tão sensíveis que quase não agüentamos que nos repreendam, tão arrogantes que dificilmente os outros conseguem falar conosco e tão mimados, como crianças,

que não podemos suportar crítica de ninguém. Assim, a nossa indignação não vem do fato de escrevermos ou falarmos qualquer coisa falsa ou injusta. Vem do medo de sermos contraditados.

Irmãos, sei que é uma confissão triste e dura de ser feita. Se pudéssemos esconder-nos, nos esconderíamos, mas toda gente sabe da coisa. Trazemos desonra sobre nós mesmos transformando em ídolo a nossa reputação. Imprimimos e publicamos a nossa vergonha, e a contamos a todo mundo. Que o Senhor tenha misericórdia dos ministros desta terra, e depressa nos dê outro espírito, pois a graça é algo muito mais precioso do que pensamos.

Todavia, é pela graça de Deus que temos, aqui e noutros lugares, alguns que são humildes, modestos e exemplares para os seus rebanhos e para os seus colegas. A Deus se deve toda a honra por eles serem assim. Mas, infelizmente, não são todos assim. Ah, que O Senhor nos veja aos Seus pés, derramando lágrimas de não fingida tristeza pelos pecados deles!

Necessidade de humilhar-nos

A necessidade de humilhar-nos a nós mesmos constitui o âmago do evangelho. A obra da graça só é iniciada e sustentada pelo exercício da humildade. A humildade não é apenas um ornamento do cristão. É parte essencial da nova criatura. É contradição ser um homem santificado, ou um verdadeiro cristão, e não ser humilde.

Todos os que pretendem ser cristãos têm que ser discípulos de Cristo e vir a Ele para aprender; e a lição que recebem é que sejam mansos e humildes. Quantos preceitos e quantos exemplos admiráveis nosso Senhor e Mestre nos deu com este propósito! Podemos imaginá-LO deliberadamente lavando e enxugando os pés dos Seus discípulos a fim de mostrar-Se arrogante e despótico? Acaso Cristo Se relaciona com os cansados e oprimidos, e nós os evitamos, considerando-os desprezíveis? Achamos que só são aptos para a nossa sociedade os ricos e os que ocupam posição honrosa. Quantos de nós são

vistos mais freqüentemente nas casas de pessoas de alta classe, do que nos casebres dos pobres, justamente da gente que mais precisa do nosso auxílio!

Que temos nós de que nos orgulhar?

Ah, de que nos orgulhamos? De nossos corpos? Não são eles como os dos animais, como o pó da terra? Orgulhamo-nos das nossas graças ou bênçãos? Ora, quanto mais orgulhosos ficarmos delas, menos orgulhosos deveremos ser. Quando tão grande parte da natureza da graça é humildade, é absurdo ter orgulho dela.

Orgulhamo-nos da nossa cultura, dos nossos conhecimentos e dos nossos talentos? Pois bem, certamente devemos compreender que, se temos algum conhecimento, deveria humilhar-nos o fato de sabermos tão pouco! Se sabemos mais que os outros, certamente temos maiores motivos para sermos mais humildes do que eles.

Assim, a nossa real ocupação deve consistir em ensinar a lição da abnegação e da humildade ao nosso povo, e em mostrar como não nos fica bem orgulhar-nos de nós mesmos. Portanto, devemos estudar a humildade e pregá-la, bem como possuí-la e praticá-la. O pregador orgulhoso que prega a humildade é, para dizer o mínimo, um homem que se condena a si mesmo.

Todavia, como é triste que não discernimos facilmente o vil pecado do orgulho! Pois há muitos que jugam orgulhosamente o orgulho dos outros, e não o notam neles próprios. Estes têm tal arrogância, espíritos tão dominadores, que põem o mundo em polvorosa. Contudo, eles não enxergam isso neles mesmos.

Necessidade de humildade

Como poderá, então, a sinceridade caracterizar-nos quando temos tanto orgulho? Quando repreendemos um bêbado ou um adúltero e afirmamos que eles não poderão ser salvos sem arrependimento, não teríamos maior razão para dizer a nós mesmos que não poderemos ser salvos, a

menos que nos tomemos humildes? Na verdade, o orgulho é um pecado maior que o adultério e a bebedice. A humildade é tão necessária como a castidade e a sobriedade.

Vejam também quantos riscos há no trabalho ministerial — os perigos de tornar-nos egoístas, carnavais e ímpios, até na mais elevada obra de piedade cristã. A fama do homem piedoso é armadilha parecida com a do homem douto. E aí daquele que assume fama de piedoso sem ser piedoso! Na verdade, digo eu, ele tem a sua recompensa. Quando era moda ter erudição e exhibir formalidades vãs, as tentações da vaidade estavam ali presentes. Mas agora, pela indescritível misericórdia de Deus, é aceitável dar crédito à pregação e à piedade práticas.

A tentação do orgulho é sermos pregadores zelosos e pessoas devotas. Que coisa esplêndida ser elogiado como o mais espiritual e competente do país! Ser conhecido no país inteiro por possuir as mais altas qualidades espirituais! Ah, meus irmãos, basta que lhes dêem um pouco de estímulo, e vocês se encherão de orgulho, e se deixarão induzir. Como poderá virar a cabeça de vocês, serem considerados como colunas da Igreja, verem os homens pendentes das suas palavras e serem governados por vocês! Portanto, sejam vigilantes e, em todos os seus estudos, tratem de estudar a humildade. “E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mateus 23:12). Vigiem, pois noto que é muito comum quase todos os homens, tanto os bons como os maus, repudiarem os orgulhosos e gostarem dos humildes. Assim, o orgulho se contradiz a si próprio e furta a si mesmo de toda a glória.

2. Menosprezo pela unidade e paz da Igreja

Com muita frequência vemos homens avessos à unidade da Igreja e invejosos dela. Se os católicos romanos tendem a fazer da Igreja um ídolo, deverão os protestantes ir

ao extremo oposto, negando-a, desconsiderando-a e causando divisões? Pois é pecado grave e comum fazer parte da religião como facção e limitar o amor e respeito a uma denominação, em vez de estendê-lo à Igreja universal. Da multidão dos que dizem que são da igreja católica, é raríssimo encontrar os que são de espírito católico.

Os homens não têm um interesse nem respeito universal pela Igreja toda. Antes, eles em geral vêem a sua denominação particular como se ela fosse a Igreja completa. Luteranos, calvinistas e suas divisões subordinadas oram pela prosperidade dos seus respectivos grupos e se regozijam, dando graças quando as coisas vão bem com a sua denominação. Mas se outros sofrem, pouco se lhes dá, como se isso não trouxesse nenhuma perda para a Igreja.

Sofremos pela Igreja como pacificadores?

Como é raro encontrar um homem que sofra e sangre pelas feridas da Igreja universal, e que as leve para o seu coração, tomando-as como suas próprias feridas e dores. Igualmente, quão poucos há que compreenderam a verdadeira condição das controvérsias sectárias entre vários grupos da Igreja, ou perceberam quantas delas não passam de palavras, e viram quantas causas reais existem para divisão! Só uns poucos, como John Davenant, ou como o bispo Joseph Hall — cuja obra intitulada “O Pacificador” (*The Peace-Maker*) merece ser lavrada em nossos corações — compreenderam bem essas coisas. No entanto, é comum tais pessoas serem vistas suspeitosamente como hereges por seus esforços pela paz e unidade.

O que nos divide?

Na maior parte, as questões que nos mantêm divididos são relacionadas com o nosso governo eclesiástico: sua correta forma e ordem. Será tão grande a distância, que presbiterianos, episcopais e igrejas livres não possam entrar em acordo? Se os homens tivessem corações realmente sensíveis quanto à situação da igreja, e

procurassem amar- se uns aos outros com sinceridade e buscassem zelosamente a unidade, a produção da paz seria tarefa fácil. Em vez disso, a história é que muitíssimas vezes ilustres e devotos ministros da Igreja primeiramente se desentendem entre si e, depois, envolvem o seu povo naqueles desentendimentos. Lemos e pregamos sobre os textos que mandam os homens seguirem a paz com todos e conviverem pacificamente com eles, e, contudo, estamos longe de praticar aquilo que achamos ruim, maldizemos e censuramos uns aos outros. É como se o zelo pela santidade fosse a antítese do zelo pela paz, de maneira que a santidade e a paz fossem irreconciliáveis.

É o que temos visto, para nossa tristeza. Em vez de vivermos uns com os outros como um só coração, uma alma e uma voz (para a mútua promoção da fé e da santidade, e para admoestar-nos e ajudar-nos uns aos outros contra o pecado), vivemos, ao contrário, em recíprocos ciúmes e invejas, e afogamos o puro e santo amor em amargas contendidas. Estudamos para ver como infelicitar-nos e destruir-nos uns aos outros, com o fim de promover a causa da facção que nos interessa. E também arrastamos o nosso povo para estas brigas, dividindo-nos e caluniando-nos uns aos outros.

Os malefícios da divisão

- O público toma nota de tudo isso, e não somente escarnece de nós, mas também se endurece contra toda forma de religião. Quando tentamos persuadir as pessoas, estas vêem tantas facções que não sabem a qual juntar-se

— e acham melhor não se juntar a nenhuma delas. Assim é que milhares delas vão se tornando cada vez mais opostas a toda religião, por causa das nossas divisões.

Se vocês se ofenderem com a minha linguagem, poderei dizer-lhes que a aprendi de Deus. Vocês deveriam sentir-se muito mais ofendidos por tais práticas satânicas. O Espírito Santo nos ensina: “Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom

trato as suas obras em mansidão e sabedoria. Mas, se tendes amarga inveja, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade: Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica. Porque onde há inveja e espírito faccioso, aí há perturbação e toda a obra perversa. Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz” (Tiago 3:13-18). Rogo-lhes que leiam, releiam e estudem estas palavras.

Sei que as questões da verdade não devem ser creditadas unicamente a nós. Todavia, os nossos exemplos merecedores de crédito muito poderão fazer para tirar preconceitos e remover os bloqueios que impedem a penetração nas mentes dos homens. Eles podem, assim, facilitar uma atenção mais equânime à verdade e, desse modo, beneficiar o nosso povo. [Aqui Baxter acrescenta mais dez páginas de considerações acerca das controvérsias eclesiásticas do seu tempo que, afortunadamente, não são relevantes para as nossas circunstâncias.] ⁶

3.Falta de compromisso com a obra de Deus

O próximo pecado que mencionarei é que não levamos o nosso trabalho de maneira suficientemente séria, incondicional e conscienciosa. Dou graças a Deus por aqueles que declaram que o fazem. Mas, ai de nós, a situação geral, mesmo entre ministros piedosos, é de que agimos com reserva e até com negligência. Quão poucos há, em nosso ofício, que são verdadeiramente devotados a ele, e que dão tudo que têm para desempenhá-lo!

Permitam-me enumerar algumas das evidências que vejo a necessidade de confessarmos:

a) É comum sermos negligentes em nossos estudos. São poucos os que se preocupam em ser bem informados e bem

preparados para a realização progressista da obra. Alguns não têm prazer nenhum em seus estudos, tomando para isso uma hora aqui, uma hora ali, e ainda como uma tarefa não bem vinda, que são forçados a fazer. Alegram-se quando podem escapar desse jugo.

Que precisamos para manter-nos apegados aos nossos estudos e para fazermos a nossa penosa busca da verdade? Será o desejo natural de aprender? Será o impulso espiritual para conhecermos a Deus? Será a consciência da nossa grande ignorância e fraqueza? Ou será o senso do solene dever que temos para com a obra ministerial?

Muitos jovens formados em teologia

Requerem-se estes esforços diligentes tanto mais porque muitos que se formam na universidade são tão jovens que necessitam muito mais nutrição e firmes ensinamentos antes de entrarem no ministério. Isto não desanimará tais jovens, se eles forem competentemente qualificados e estimulados a desejarem ardentemente a salvação dos homens. Mas isto eu sei — que a teologia é matéria prática, de maneira que o conhecimento dela prospera melhor em cursos práticos. Um vigoroso empenho em comunicar-se e em fazer o bem não é de menor valia para sermos proficientes em nosso labor.

Na verdade, quantas coisas há, que o ministro tem que compreender! Quão defeituoso é ignorá-las! Quanto perdemos, quando não utilizamos esse conhecimento em nosso ministério! Muitos ministros só estudam o bastante para o preparo dos seus sermões e pouca coisa mais. Todavia, existem muitos livros que podem ser lidos e muitos assuntos com os quais podemos familiarizar-nos.

Mesmo em nossos sermões, muitas vezes negligenciamos estudar mais do que apenas reunir uns poucos dados, e deixamos de ir mais fundo, para ver como poderemos fazer que essas questões invadam os corações doutras pessoas. Devemos estudar as maneiras

de persuadir os outros, de conquistar-lhes o íntimo e de expor a verdade ao vivo — e não deixá-la no ar. A experiência nos diz que não podemos ser cultos ou sábios sem estudo árduo, sem trabalho incansável e sem exercício constante.

b) Além disso, se é que os ministros devem realizar *a obra do Senhor*, esta *deve ser realizada mais vigorosamente* do que é feita pela maioria de nós. Quão poucos são os ministros que pregam com todo o seu vigor, ou que falam do júbilo eterno ou do tormento eterno com convicção! Ao invés disso, falamos tão solenemente ou com tanta suavidade, que os pecadores adormecidos não nos ouvem.

Então, que tragédia ouvir um ministro desenvolver doutrinas e, contudo, deixá-las perecer nas mãos do seu povo por falta de uma aplicação viva e relevante. Poderíamos falar friamente de Deus e da salvação dos homens? Portanto, irmãos, em nome de Deus, esforcem-se para despertar os seus próprios corações, antes de tentarem despertar os corações dos pecadores.

Incoerência entre o assunto e a sua comunicação

Se vocês dedicarem às coisas santas de Deus o máximo de eloqüência verbal, e todavia, o fizerem com frieza, estarão contradizendo com o seu modo de agir aquilo que vocês dizem do assunto tratado. É na verdade uma espécie de desprezo falar de grandes temas sem o afeto e o calor apropriadamente grandes que eles merecem. Se nos é ordenado, “tudo que estiver em nossas mãos para fazermos, façamo-lo com todas as nossas forças”, certamente a obra da pregação que visa à salvação dos homens deverá ser feita “com todas as nossas forças”! Oh, como são poucos os que assim procedem! Aqui e ali, verão um ou dois que são tão firmes e zelosos em sua pregação, que os ouvintes se sentem realmente desafiados por eles.

c) Se estivermos sinceramente devotados à obra de Deus, também teremos *compaixão das pobres e desprovidas congregações que nos rodeiam*. Poderemos procurar ajudá-

las de maneiras imaginosas. Por exemplo, poderemos estruturar um programa de palestras ou aulas nas partes do país mais dominadas pela ignorância, o que ajudaria a levar avante o labor em prol da conversão dos pecadores. Isto poderia ser feito pelos pregadores mais dinâmicos, que preencheriam a falta de elementos locais competentes.

4.Falta de disciplina eclesiástica

A negligência nos deveres conhecidos só revela que não somos totalmente dedicados ao nosso trabalho como deveríamos ser. Se há necessidade de reforma entre nós, quantos não farão apenas o mínimo que podem para isso? E havendo deveres eclesiásticos para serem cumpridos, quantos não há que os negligenciam para ficarem cuidando dos seus interesses particulares? Daí, quando devemos reunir-nos para tratar dos negócios do Senhor, este e aqueles têm afazeres que recebem prioridade acima dos interesses de Deus. E quando a obra do Senhor se mostra difícil ou custosa, como recuamos para não realizá-la, apresentando mil desculpas!

Veja-se a disciplina na Igreja. Que outra coisa há, sobre a qual se tenha conversado e orado tanto nestes últimos anos? Entretanto, quando chega a hora de exercê-la e praticá-la, a maioria de nós não faz nada a respeito. Quantos ministros há na Igreja que nem sequer conhecem os membros das suas próprias igrejas? E que utilidade terá toda a nossa prosa sobre disciplina, se os membros das nossas igrejas nunca nos vêem exercê-la na prática?

Objeções

As objeções levantadas são que seremos odiados por todos, se quisermos pôr em prática a disciplina. São que os homens não nos ouvirão, se o fizermos. Daí, não farão o que lhes dissermos, se recusarem ouvir-nos. A tais objeções dou quatro respostas.

Primeira resposta

Primeira, Cristo não veio para dar-nos a paz do mundo, mas sim, a Sua paz. Ele predisse que o mundo nos odiaria. Mártires como John Bradford, ou o bispo John Hooper, ou quaisquer outros levados à fogueira no tempo de Maria Tudor, não poderiam apresentar a mesma desculpa? Eles poderiam argüir: seremos odiados e expostos às chamas se reconhecermos a validade da Reforma.

O que é, senão hipocrisia, fugir dos sofrimentos e escolher apenas ministérios tranquilos, fáceis de realizar, pura escapar dos sofrimentos? Mas, se vocês não podem sofrer por amor a Cristo, por que lançaram mão ao arado? Acaso não calcularam antes o preço? Isto faz que a obra do ministério seja feita com tanta infidelidade, porque, feita assim, estará segundo a moda do mundo. Muitos ingressam no ministério vendo nele uma vida fácil, de honra e respeito perante os homens, e, portanto, tomam a resolução de atingir os seus fins, e de obter o que esperavam, de qualquer maneira. Eles não previam ódio e sofrimento, e assim evitam estas coisas, mesmo que isto signifique evitar a própria realização da obra.

Segunda resposta

Segunda, em resposta à objeção de que somos incapazes de fazer o bem aos maus, replico que Deus mesmo abençoa as Suas ordenanças quanto à prática do bem. Doutro modo, Ele não as teria ordenado. Se vocês admoestarem e repreenderem publicamente os escandalosos, chamarem os homens ao arrependimento e excluírem os obstinados, poderão estar fazendo benefício a muitos que censuraram e, possivelmente, até mesmo aos que excluíram da comunhão.

Estou certo de que a exclusão da comunhão é um recurso de Deus. É o Seu derradeiro recurso, quando as reprovações não surtem efeito. É errado, pois, negligenciar o último recurso. Contudo, os que estão dentro e os que estão fora da comunhão da igreja poderão receber benefício desse recurso,

ainda que o ofensor não receba nenhum.

Deus será honrado quando se torna evidente que a Sua Igreja é diferente do mundo. Também é importante não confundir os herdeiros do céu com os do inferno. E não devemos permitir que o mundo pense que Cristo e Satanás não estão em conflito, tendo ambos idêntica inclinação para a santidade ou para o pecado.

Terceira reposta

Terceira — em decorrência da segunda objeção — eu gostaria de saber: “Não se deveria retirar da igreja toda a disciplina?” Com que base? Isto não iria contra a própria disciplina, e não apenas contra a sua oportunidade e o seu contexto? Os ímpios sempre se rebelarão contra os instrumentos da sua vergonha pública. A utilidade da censura eclesiástica está propositadamente em envergonhá-los, para que o pecado possa ser envergonhado. Que época houve, então, desde a era apostólica, em que a disciplina foi rejeitada, para que agora vocês queiram eliminá-la? E se a disciplina é tão intolerável de se exercer, por que vocês a procuram, oram por ela e discutem sobre ela, como têm feito?

Quarta resposta

Quarta, a conclusão deve ser que a disciplina não é uma coisa tão inútil como os homens a declaram ser. Posso falar por experiência própria, que ela não é exercida em vão. Mas bem sei qual é o motivo premente que está por trás das suas queixas. Eles querem que a disciplina seja estabelecida e imposta pelo poder secular, e não pela Igreja. Mas, se somos embaixadores de Cristo, enviados para falar em Seu nome, como poderemos fazê-lo em nome doutro príncipe?

Há ocasiões em que talvez tenhamos que pregar contra as próprias autoridades civis. Isso quer dizer que só vão pregar quando tiverem permissão das autoridades e quando forem impelidos por elas? Ninguém está lhes impedindo de ser regentes e pastores de

suas igrejas. Mas, para vergonha de muitos ministros da Inglaterra, temos liberdade para realizar a obra de Cristo e, contudo, não o fazemos.

É uma triste inclinação do estado dos nossos corações carnaís, quando os homens podem fazer conosco muito mais que Deus. Que tristeza será, obedecermos aos mandamentos dos homens, e não aos de *Cristo!* Poderá alguém estar pronto a ser um servo de Cristo e, contudo, não aceitar os Seus mandamentos como obrigatórios?

[Aqui Baxter assinala um abuso do seu tempo: pastores havia que aprovavam o desempenho das suas funções pelas mãos das autoridades civis, em vez de exercê-las na igreja.] Confesso que, nalguns ministros, vejo pouco do fogo do amor divino, da caridade cristã e da compaixão, e nenhum espírito que reflita o céu, como também nenhum senso das suas próprias fraquezas. Em vez disso, há muito daquele

outro tipo de zelo que Tiago descreve e que arde como fogo e os enche de suspeitas, censuras rancorosas e maledicências entre os seus irmãos (Tiago 3:14-15). Vivem eles com inveja e ciúme uns dos outros, em vez de conviverem em amor e paz.

O predomínio dos interesses mundanos e carnaís age de três modos contra o interesse e a causa de Cristo.

Compromisso com atividades mundanas

Primeiro, há compromisso com as atividades mundanas quando a pessoa procura tirar proveito de todas as oportunidades e ganhos seculares. Este mal não é uma doença particular, mas é uma enfermidade de proporções epidêmicas.

No tempo de Constantino, grande era o número de ortodoxos. Quase todos se tomaram arianos, de modo que bem poucos bispos não apostataram, ou não traíram a verdade. Assim também, hoje o mesmo espírito está entre nós, de maneira que os nossos inimigos fazem mofa de nós, dizendo que a fama e o progresso são a nossa religião e a nossa recompensa.

Envolvimento nos negócios do mundo

Segundo, há o envolvimento nos negócios do mundo. Como se cuida pouco da Igreja! Com que frequência os deveres para com ela são negligenciados! Acho que o dinheiro é um argumento forte demais para alguns homens, e eles não resistem. É o que digo. Mas, o que é pior: se foi um pecado tão mortal de Simão Mago, oferecer dinheiro para *comprar* o dom de Deus, que se dirá do pecado de *vender* os Seus dons, a Sua causa e as almas dos homens por dinheiro? Quanta razão têm os que fazem isso para temer que o seu dinheiro pereça com eles!

Predomínio de interesses mundanos

Terceiro (e deste eu tenho muito que dizer), se os interesses mundanos e carnaís não prevalecessem contra o interesse de Cristo e Sua Igreja, certamente muitos ministros seriam mais frutíferos em boas obras, e dariam mais do que têm dado para uso do Mestre. Pois a experiência prova sobejamente que as obras de caridade removem poderosamente o preconceito e abrem os ouvidos para as palavras da fé. Se os homens virem que vocês estão habituados a fazer o bem, acreditarão mais prontamente que é o bem que vocês querem que eles procurem.

A extensão da nossa caridade

Mas, irmãos, não se espera de vocês apenas a caridade comum. Proporcionalmente aos seus talentos, vocês devem ir além. Bem sei que vocês não podem dar o que não possuem. Sei também da objeção de que vocês têm que suprir as necessidades da esposa e dos filhos, e não os podem deixar na condição de mendigos. Poucos textos das Escrituras têm sofrido mais abusos do que este: "... se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel" (1 Timóteo 5:8). Fazem disso um pretexto para a avareza. As palavras subseqüentes àquele versículo mostram que o apóstolo tinha em mente a provisão presente, e não porções futuras.

Vocês devem educar os seus filhos, como outros fazem, para que sejam capazes de ser mais úteis a Deus. Mas não os façam ricos, nem se abstenham das necessárias obras de caridade, apenas para deixar-lhes maior herança. Deve-se guardar alguma proporção entre a nossa provisão para as nossas famílias, para a igreja e para os pobres. Um coração verdadeiramente caridoso e abnegado, que se tenha consagrado a si mesmo e tudo que possui a Deus, é o melhor juiz das proporções a serem estabelecidas. Uma pessoa assim é capaz de ver qual divisão do dinheiro tem a possibilidade de prestar maior serviço a Deus.

O celibato

Confesso que hesito em exortar com muita veemência os homens. Temo que falhem no cumprimento de um padrão alto demais e sofram dano. Mas é duro ver como são poucos os que se mortificam quanto aos fortes desejos da carne, para terem vida de solteiro, com maior liberdade e sem as tentações de mulher e filhos. Se aquele que não se casa não é melhor do que aquele que se casa, certamente os ministros deveriam procurar fazer o que é melhor no caso deles.

Por isso, se alguns forem chamados para uma vida celibatária, deveremos animá-los e ajudá-los. Este é um

dos pontos centrais da política católica romana, isto é, que todos os bispos, sacerdotes e membros doutras ordens religiosas permaneçam no celibato. É uma pena que, por melhor razão, não possamos fazer a mesma coisa, na sabedoria e na renúncia, como também noutros pontos.

Não induzo ninguém a extremos. Mas o homem que deseja pregar sobre uma coroa de glória perene não deve andar atrás dessa vaidade transitória. Quem prega sobre o desprezo para com as riquezas deve, ele próprio, desprezá-las, e demonstrar isto na sua vida. Aquele que prega a renúncia e a mortificação da carne deve praticar estas coisas ante os olhos dos que o ouvem.

Oh, irmãos, que abundância de boas obras estão diante de nós, e quão poucas delas nos empenhamos em praticar! Sei que o mundo espera de nós mais do que nós mesmos esperamos. Mas, se não podemos corresponder às expectativas dos tolos, então, façamos o que pudermos para corresponder às expectativas de Deus, de nossas consciências e de todos os justos. Logo, é da vontade de Deus que, com a prática do bem, silenciemos a ignorância dos insensatos.

Falta de dedicação

Não irei adiante com os pormenores destas falhas e confissões que precisam ser postas a manifesto. Mas considero francamente que o grande e lamentável pecado dos ministros do evangelho é que *eles não são plenamente dedicados a Deus*. Eles não se dão totalmente à bendita obra que se incumbiram de realizar.

Não é verdade que os interesses que agradam a carne e favorecem o ego — diferentemente dos de Cristo — nos fazem negligenciar o nosso dever e nos levam a proceder infielmente para com a grande confiança que Deus depositou em nós? Não é verdade que servimos a Deus de maneira singela e barata? Não o fazemos de modo

que recebemos grandes elogios? Não evitamos aquilo que nos custaria maior sofrimento? Isso não nos mostra que buscamos as coisas da terra, e não as do céu? Não nos mostra que nos preocupamos com as coisas que são de baixo? Não é verdade que, enquanto proclamamos as verdades do alto, idolatramos o mundo?

Então, irmãos, que nos resta dizer, senão confessar chorando que somos culpados de muitos dos pecados já mencionados? Não precisamos humilhar-nos em lamentação por nossos descaminhos diante do Senhor? Não é isto *olhar por nós mesmos!*

SEGUNDA PARTE

VELANDO PELO

REBANHOCUIDANDO

DO REBANHO

Havendo-lhes mostrado o que é olhar “por nós”, mostrar-lhe-ei agora o que é olhar “por todo o rebanho”. Era, pois, necessário considerar *o que devemos ser e o que devemos fazer por nossas almas*, antes de considerar o que deve ser feito pelos outros. “Para não suceder que, enquanto alguém cuida das almas alheias, apanhe ele mesmo a doença por negligenciar a sua própria segurança. Ou, enquanto auxilia os seus vizinhos, negligencie a si mesmo, ou caia ao levantar outros.”

A NATUREZA DESTE CUIDADO

Está implícito, antes de tudo, que todo rebanho deve ter o seu pastor (um ou mais), e que todo pastor deve ter o seu rebanho. A vontade de Deus é que cada igreja tenha os seus próprios pastores, e que todos os discípulos de Cristo reconheçam os que trabalham entre eles e que presidem »obre eles no Senhor, e os admoestam (veja 1 Tessalonicenses 5:12).

A Igreja universal de Cristo consiste necessariamente de igrejas particulares guiadas por seus próprios supervisores. Todo cristão deve ser membro de uma das igrejas,

exceto aqueles que, por razões especiais, não podem unir-se a um Corpo de crentes. “E, havendo-lhes, por comum consentimento, eleito anciãos em cada igreja” (Atos 14:23; Cf. Tito 1:5).

O tamanho do rebanho deve ser determinado pelo número de pastores

Ora, o tamanho do rebanho deve ser determinado pelo número de pastores. Não poderão ser pastoreados *todos*, se não houver suficientes pastores na igreja, ou se a congregação não for pequena o suficiente para possibilitar o cuidado pastoral de cada membro. Deus não nos impõe impossibilidades naturais. Acaso Deus exige que um bispo apascente um país inteiro, ou tantas igrejas ou tantos milhares de almas de que ele não seja capaz de cuidar? Portanto, não seria um absurdo que homens inteligentes ambicionassem isso como se fosse um privilégio? Feliz a igreja na qual o bispo ou os anciãos podem superintender adequadamente o seu rebanho.

Tal obra poderá ser delegada a outros? Alguém poderia forçar argumentos neste sentido. Mas a natureza da obra pastoral é tal, que deve ser realizada pessoalmente pelo pastor.

Sucede que alguns pastores têm igrejas maiores do que a sua capacidade de ação e, assim, não lhes é possível cuidar bem do rebanho todo. Nesses casos, então, o pastor só deve se encarregar *pelo rebanho o que puder* fazer bem feito, e não tentar ir além disso.

Esta obra pode ser considerada de quatro maneiras: (1) O supremo propósito do ministério; (2) o caráter da obra realizada^ (3) os objetivos da obra; e (4) a obra do ministério pastoral.

1.0 supremo propósito do ministério

O fim principal da nossa supervisão pastoral deve estar ligado ao supremo propósito de nossa vida. Esse propósito é agradar e glorificar a Deus. Também é estimular a santificação e a santa obediência do povo de Deus que está a nosso cargo. Promover a unidade, a ordem, a beleza, o poder, a preservação e o progresso do nosso povo há de ser a nossa tarefa. É a correta adoração a Deus. Isto significa que antes de um homem ter competência para ser um verdadeiro pastor de igreja, segundo a mente de Cristo, ele precisa ter estes objetivos em alta estima. Terá que fazer deles a grande e única finalidade da sua vida.

Um cristão insincero não pode ser um verdadeiro pastor

Portanto, o homem que não for totalmente sincero como cristão, não poderá estar apto para ser pastor de igreja. Isto se comprova quanto ao seu amor a Deus. Está ele tão envolvido em seu relacionamento com Deus e tão interessado em agradá-lo que faz de Deus o centro de todas as suas ações? Vive ele unicamente para ser agradável a Deus? Embora seja útil que o homem saiba e ensine as línguas originais das Escrituras e tenha um pouco de filosofia, a verdadeira prova da sua utilidade é se ele é dedicado a Deus de todo o coração ou não, pois ninguém poderá ser sincero em servir a Deus, se não tiver os fins em mente de forma sincera. Assim, o homem terá que amar a Deus com sinceridade acima de tudo, antes de

poder servi-IO sinceramente diante de todos.

Tampouco serve para ser ministro de Cristo o homem que não tem um adequado e notório espírito para com a Igreja. É preciso que ele se deleite com a beleza da Igreja, anele sua felicidade, procure a sua prosperidade e se *regozije* com o seu bem-estar. Ele deve estar *disposto a* gastar-se e a ser gasto por amor à Igreja.

Para ser pastor de igreja o homem também deve fixar seu coração na vida por vir e considerar as questões da vida eterna superiores aos interesses desta existência. Acima das frivolidades deste mundo, é preciso que ele avalie nalguma proporção as incalculáveis riquezas da glória. Sim, pois ele jamais porá o coração na obra da salvação dos homens, enquanto não crer e avaliar de coração essa salvação.

Também será inepto para ser pastor, se não tiver prazer na santidade, se não odiar a iniquidade, se não amar a unidade e pureza da Igreja, e se não detestar a discórdia e o divisionismo. Ele precisa ter prazer na comunhão dos santos e no culto público de Deus com o Seu povo. Estas coisas refletem os verdadeiros fins do pastor. Sem elas, é lhe impossível fazer a sua tarefa.

2.0 caráter espiritual do ministério

Desde que a obra do ministério compreende o agradar a Deus, assim como a salvação da nossa gente, seu caráter é *espiritual*. Não trata de coisas temporais e transitórias. É um abuso vil secularizar a Igreja com o envolvimento nas ocupações do mundo. Nossa verdadeira ocupação consiste em seguir duas coisas:

Primeira, nossa ocupação é revelar aos homens a felicidade ou o bem principal, que só pode ser o bem supremo.

Segunda, nossa ocupação é familiarizar os homens com os meios certos pelos quais alcançar este fim, e ajudá-los a usar estes meios. Na busca deste fim, é necessário que

não os impeçamos.

A primeira e suprema obra dos ministros de Cristo é tomar os homens cientes do Deus que os fez; Ele é a fonte da sua bem-aventurança. Devemos abrir-lhes os tesouros da Sua bondade e falar-lhes da glória que há em Sua presença, glória que todo o povo escolhido de Deus desfrutará,

Ao mostrar aos homens a certeza e a excelência da alegria prometida, e ao conscientizá-los da perfeita bem-aventurança da vida vindoura, em comparação com as futilidades da vida presente, podemos redirecionar o seu entendimento e os seus afetos, rumo ao céu. Levá-los-emos ao ponto em que se assumirão a devida atitude de desprezo do mundo e de apego dos seus corações a um tesouro mais duradouro. Esta é a obra de que devemos ocupar-nos dia e noite. Sim, pois, quando tivermos fixado os seus corações sinceramente em Deus e no céu, a parte mais importante do nosso ministério estará consumada. Tudo mais se seguirá naturalmente.

Os meios certos do ministério

Havendo-lhes mostrado os objetivos certos, nossa próxima tarefa será informar o nosso povo dos meios certos pelos quais atingi-los. Aqui o mal de todo pecado deverá ser posto às claras. Devemos mostrar os perigos do mal, e quanto dano ele já nos fez.

Depois, devemos descerrar-lhes o grande mistério da redenção: a pessoa, a natureza, a encarnação, a perfeição, a vida, os milagres, os sofrimentos, a morte, o sepultamento, a ressurreição, a ascensão, a glorificação, o domínio e a intercessão do bendito Filho de Deus.

Também devemos ajudá-los a saber o significado das Suas promessas, as condições a nós impostas e os deveres que nos mandou cumprir. Além disso, devem ser advertidos dos tormentos eternos com os quais Ele ameaça os que não se arrependem e negligenciam a Sua graça

Oh, que tesouro das bênçãos, graças e privilégios

distribuídos aos Seus santos, temos nós para revelar! Que bem-aventurada vida de santidade e comunhão temos para recomendar! Quantos deveres espirituais nos compete colocar diante deles, no cumprimento dos quais podemos também dirigi-los! Quantos deveres espirituais preciosos temos nós para pôr diante deles!

Todavia, quantas corrupções e inclinações pecaminosas nossas temos também que descobrir e desarraigar! Temos, sim, as profundezas do insondável amor e misericórdia de Deus, e até mesmo os desígnios dos mistérios da criação, da redenção, da providência, *da justificação, da adoção, da santificação* e da glorificação. Temos também as profundezas das tentações de Satanás e dos nossos próprios corações para pôr a descoberto.

Numa palavra, devemos ensinar ao nosso povo quanto pudermos da Palavra e das obras de Deus. Maravilhosos compêndios são estes dois, sobre os quais o ministro pode pregar! Que grandiosos, que excelentes, que maravilhosos, que misteriosos! Todos os cristãos são discípulos ou alunos de Cristo, e a Igreja é Sua escola. Nós somos os Seus atendentes. A Bíblia é Seu livro-texto. E é isto que devemos estar ensinando diariamente aos que estão aos nossos cuidados.

3.0 objeto do nosso cuidado pastoral

O objeto do nosso cuidado pastoral é *todo o rebanho*, como um corpo ou uma corporação, e como indivíduos.

Nossa primeira preocupação deve ser com *toda a comunidade* da Igreja. Portanto, os primeiros deveres são públicos. Como as pessoas tendem a preferir os deveres públicos aos pessoais, há pouca necessidade de dizer algo mais sobre isso.

Preocupação com os indivíduos

Nossa segunda preocupação deve ser também com os *indivíduos* da Igreja. Precisamos, portanto, conhecer cada pessoa das que estão a nosso cargo, pois como poderemos olhar por elas, se não as conhecermos? Devemos ter conhecimento completo dos que fazem parte do nosso rebanho. Como um pastor cuidadoso cuida de cada ovelha, individualmente, ou como um bom mestre-escola cuida bem de cada aluno, individualmente, ou como um bom médico conhece cada um dos seus pacientes — assim devemos conhecer as nossas ovelhas. O próprio Cristo, o grande e bom Pastor, toma conta de cada um, individualmente. Lembra-nos o evangelista Lucas que Ele “deixa no deserto as noventa e nove” e “Vai após a perdida, até que venha a achá-la” (15:4). Cristo nos conta que há “alegria no céu por um pecador que se arrepende” (15:7).

Os profetas, igualmente, muitas vezes foram enviados a indivíduos. Ezequiel era um atalaia a postos com relação a indivíduos. Ele foi enviado a dizer ao ímpio: “Certamente morrerás” (Ezequiel 33:14). Semelhantemente, Paulo ensinava publicamente, e de casa em casa. Ele também admoestava “a todo o homem” e ensinava “a todo o homem em toda a sabedoria”, para apresentar “todo o homem perfeito em Jesus Cristo” (Colossenses 1:28). Assim também Cristo expunha as Suas parábolas aos doze, à parte. ^

Nós também teremos que prestar contas da nossa vigilância sobre as almas de todos aqueles que estão no dever de obedecer-nos (Hebreus 13:7). Muitas outras passagens das Escrituras asseguram que é nosso dever cuidar bem, individualmente, de cada pessoa do nosso rebanho. E muitos trechos dos registros do antigo concílio da Igreja dizem-nos que também “era esta a prática naqueles tempos. Numa passagem, diz Inácio: “Que as assembleias se reúnam com bastante freqüência; verifiquem-se todos pelo nome; não se desprezem criados nem criadas”. Assim, vemos que

era considerado um dever olhar por todos e cada um dos membros do rebanho, nome por nome, mesmo nos casos do mais modesto criado ou modesta criada.

Mas talvez algum irmão discorde e pergunte: como poderá alguém realizar na prática tal mandado? Suponhamos que o questionador admita que não é capaz de fazê-lo e que necessita a assistência de outros. Será que ele tem renda suficiente para a sua família, de modo que possa reparti-la com outras pessoas para poder ter assistência pastoral? Não será difícil para a sua mulher e para os seus filhos viverem com menos? Sim, alguém poderá responder. Entretanto, não há muitas famílias da igreja vivendo com *menos* do que ele?

Vemos, então, que tem havido alguns que gostariam de pregar sem receber nada, contanto que tivessem liberdade para pregar. Mas eles vão além e perguntam: não é melhor viver em condições econômicas reduzidas do que serem perdidos os seus paroquianos? Acaso seu pão é mais importante do que a salvação deles? Então, o meu povo pode viver na ignorância simplesmente porque eu reluto em deixar que a minha família passe alguma necessidade?

Necessidade de cuidar de classes específicas de pessoas

Embora seja nosso dever olhar por todo o rebanho, devemos dar atenção a classes específicas de pessoas que necessitam individualmente da nossa ajuda. Esta é uma questão omitida com freqüência, ou muitas vezes compreendida imperfeitamente. Assim, discuti-la-ei um pouco mais.

- a) A obra da conversão é a primeira parte, e a parte mais vital do nosso ministério. Pois existem os que são cristãos só de nome, que têm necessidade de “nascer de novo” realmente. Não podemos ter certeza de que este ou aquele homem em particular não é firme e não foi santificado. Contudo, na medida em que há forte

probabilidade de que há várias pessoas desta categoria em nossa igreja, devemos trabalhar com todas as nossas forças para o bem delas.

Interesse pelos não-convertidos

Ai de mim! A miséria dos não-convertidos é tão grande, que clama pelo máximo da nossa compaixão! Eles são presas da amargura e ainda não compartilham a comunhão no perdão dos seus pecados nem na esperança da glória. Portanto, somos impelidos pela necessidade a lhes abrir os olhos e os conduzir das trevas “à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé” em Cristo (Atos 26:18).

Confesso que muitas vezes me vejo forçado a negligenciar coisas que aumentariam o conhecimento dos que amam a Deus, para dar entendimento às lamentáveis necessidades dos não-convertidos. Do mesmo modo como o espírito de Paulo se agitou quando ele viu os atenienses tão agarrados à idolatria, assim me comovem os apertos por que passam os não-convertidos. Parece-me que aquele que deixa um pecador ir para o inferno simplesmente por não lhe falar, dá menor atenção *ao* inferno do que o Redentor de almas deu. Assim, seja quem for que vocês não considerem, não se esqueçam dos não salvos. Digo e repito: concentrem a sua atenção na grande obra de evangelização, seja o que mais for que façam ou deixem de fazer.

Cinco necessidades do ministério espiritual

- b) A segunda parte do ministério é a edificação dos que são verdadeiramente convertidos. Isto varia muito, dentre os que são jovens, ou fracos, ou reincidentes na queda, ou que têm alguma outra necessidade. Daí, todo o nosso trabalho pode reduzir-se a cinco necessidades específicas: confirmação, progresso, preservação, restauração e consolação.

Os espiritualmente fracos

Primeiro, há os novos na fé e os fracos. Estes podem ter permanecido assim por muito tempo. Esta condição é típica de muitos cristãos, desde que, na maioria, eles se contentam com uma experiência espiritualmente fraca da graça de Deus. É muito fácil, então, tomá-los mais rijos quanto à verdade. Mas aumentar o seu conhecimento e os seus dons não é fácil. Fazê-los crescer na graça é o mais difícil.

O aspecto perturbador do fato de sermos espiritualmente fracos é que isso nos expõe a muitos perigos. Diminui a consolação e o prazer que podemos ter em Deus. Arrebata-nos o dulçor das veredas de Deus. Essa fraqueza nos deixa muito menos capazes de servir a Deus e ao homem. Dá menor honra ao nosso Mestre e à nossa carreira. Também nos entrava, levando-nos a fazer menos benefícios aos que nos cercam. Estando com fraqueza espiritual, somos seduzidos muito facilmente pelo diabo. E ainda ficamos com menor capacidade para resistir e permanecer de pé num combate. Sabemos menos a respeito de nós mesmos e estamos sujeitos a enganar-nos sobre as nossas condições. Numa palavra: somos menos úteis a nós mesmos; somos uma desonra para o evangelho. Desde que a fraqueza espiritual é um espectro tão triste, devemos ser diligentes em apreciar e aumentar a graça de Deus em tal *situação como essa. Pois a maturidade do cristão é a honra da Igreja.*

Quando os homens são inflamados pelo amor de Deus e vivem por uma fé dinâmica e operosa; quando os homens têm os seus corações desprendidos dos lucros e honras deste mundo; quando os homens se amam ardentemente uns aos outros com um coração puro —então são testemunhas verdadeiras. Quão honrosos são os que toleram e perdoam de coração o mal que lhes é feito, e que se regozijam em sofrer pela causa de Cristo.

Que ornamentos para a Igreja são os que se empenham em praticar o bem, que andam pelo mundo sem causar dano a ninguém, e que se dispõem a ser servos de todos. Como são formosos os que se fazem todas as coisas para todos a fim de ganhá-los, e, contudo, evitam toda a aparência do mal. Quando for exibido esse adequado equilíbrio de prudência, humildade, zelo e espiritualidade celestial, os não cristãos crerão mais depressa que o evangelho é de fato a palavra da verdade e de poder. Pois verão os seus efeitos nos corações e nas vidas daquelas pessoas.

O mundo tem maior capacidade de ler a natureza da religião na vida de um homem do que na Bíblia. Os que não obedecem à Palavra poderão ser conquistados pelo comportamento dos cristãos. Portanto, é parte essencial do nosso trabalho empenhar-nos mais no polimento e no aperfeiçoamento dos santos, para que sejam fortes no Senhor e preparados para uso do Mestre.

Os que têm impedimentos morais

Segundo, precisamos promover o progresso dos moralmente impedidos. Pois há outra categoria dos crentes que necessitam nosso auxílio especial, e é a dos que sofrem a dificuldade moral de algum defeito particular que os impede de desenvolverem-se mais completamente. São vulneráveis a tentações particulares. Isso afeta os outros também. É uma pena o grande número de gente assim! Uns são particularmente dados ao orgulho, outros ao mundanismo e outros ainda a este ou àquele desejo sensual. Muitos há também que são sujeitos à imoralidade e a outras paixões perturbadoras.

É nosso dever fazer o que pudermos por tais pessoas. Podemos ajudá-las mediante discussão, mediante a revelação das características odiosas dos seus pecados, e também mediante orientações adequadas quanto ao remédio. Tais palavras as ajudarão a dominar as suas fraquezas. Não devemos, porém, ser mais condescendentes com os pecados dos crentes do que com os dos incrédulos,

nem favorecer mais a uns do que a outros. Somos comandantes dos exércitos de Cristo contra os poderes das trevas. E assim devemos resistir a todas as obras das trevas, onde quer que as encontremos, mesmo que seja nos filhos da luz.

Quanto mais amamos suas pessoas, mais precisamos expressar nossa tristeza por seu pecado. Todavia, mesmo aqui devemos esperar encontrar alguns que são demasiado sensíveis e de difícil trato. Isso é especialmente mais verdadeiro com as pessoas nas quais o pecado se desenvolveu tanto, que elas ficaram apaixonadas por ele. Tais pessoas reagem como crianças mimadas e com impaciência, quando reprovadas, talvez mais do que aquelas que aparentam piores condições. Poderão queixar-se de que o ministro que prega contra elas, prega contra gente devota. Que crime odioso, fazer de Deus e da vida devota cúmplices dos seus pecados! Mas os ministros de Deus devem cumprir o seu dever, a despeito da irritação que causem aos homens. Eles não devem desprezar tanto o irmão, a ponto de se absterem de ministrarlhe a necessária repreensão, deixando isso a cargo do próprio pecado. Tampouco devem deixar que o pecado permaneça em sua alma. Conquanto se deva fazer esse trabalho com prudência, terá que ser feito.

Os tentados

Um terceiro aspecto da nossa obra ministerial é a preservação dos tentados. Os que caíram em grandes tentações precisam de muita assistência. Portanto, todo ministro deve ser capaz de discernir as astúcias do tentador. Devemos estar cientes de como são variadas, da sagaz esperteza com que Satanás dispõe os seus recursos ardilosos, que ficam à espreita para iludir, e devemos conhecer os métodos e artifícios do grande enganador. Alguns dos nossos são tentados pelo erro e pela heresia, principalmente entre os jovens, os instáveis e os presunçosos. Que santa prudência e engenhosidade se requer do pastor para impedir que o seu rebanho seja

contaminado por heresias! Que vital

importância há em manter o rebanho livre de divisões, e em promover a unidade e a concórdia! Só podemos fazê-lo quando perseveramos em dar bom testemunho público e demonstramos em nosso viver privado um caráter inculpável e exemplar.

Talvez outros convivam com a tentação para o mundanismo, ou para a gulodice, ou para o alcoolismo, ou para alguma forma de impureza. Assim, uns são propensos a uma forma de pecado, outros a outra. O pastor fiel deve ter os olhos postos neles todos. Deve esforçar-se para conhecer o temperamento natural de cada pessoa, sua situação e o contexto das suas ocupações no mundo. O pastor deve ter conhecimento dos companheiros com que eles vivem e se relacionam, para poder saber onde estão as tentações que poderão sobrevir-lhes. Assim, saberá ele socorrê-los rápida, prudente e diligentemente.

Livrar os tentados

Um quarto papel do ministério aos convertidos da nossa comunidade é a necessidade de providenciar a restauração dos cristãos que caíram. Caíram nalgum pecado escandaloso, ou seu zelo e sua diligência se esfriaram, ou eles mostraram de algum modo que perderam o seu primeiro amor. Visto que é triste demais vê-los perder tanta coisa da sua vida, da sua paz e da sua utilidade para Deus, devemos fazer tudo que pudermos para recuperá-los. Deixados como estão, serão cada vez mais úteis a Satanás e sua causa! Dá-nos tristeza ver todo o nosso labor chegar a isso, e sentir-nos frustrados quando nos preocupamos tão pouco com eles. Mas nos dá maior tristeza ainda ver que Deus sofre tantos abusos daqueles que Ele amou e por quem tem feito tanto! É trágico ver que o inimigo tira vantagem desta situação, e que Cristo é tão gravemente ferido na casa dos Seus amigos.

Deve-se considerar um desvio parcial como um precursor da apostasia total. Quanto mais lamentável for o caso de um cristão assim, mais obrigados nos sentiremos a ajudá-lo em sua efetiva recuperação. “Irmãos, se algum homem

chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão” (Gálatas 6:1). Façam isso de tal maneira que a ferida seja examinada e curada completamente, custe o que custar. Acima de tudo, procurem a honra do evangelho. Vejam que haja completa e voluntária confissão que evidencie arrependimento verdadeiro. Procurem conseguir que sejam feitas algumas reparações, a bem da igreja, pela ferida da desonra que essas pessoas lhe fizeram com o seu pecado. É preciso muita habilidade para restaurá-las.

Os desconsolados

Um quinto aspecto da nossa obra entre os convertidos é consolar os desconsolados. Dar uma base para a paz das almas do nosso povo, base que seja segura e duradoura, é um ministério de vital importância. Para este fim, necessitamos conhecer o caráter dos queixosos e sua maneira de viver, pois todos os que têm lamentações parecidas precisam das mesmas consolações. Visto que já falei disso noutro lugar, e que há muita coisa dita por muitos outros, principalmente pelo senhor Robert Bolton, em suas *Instruções para o Modo Certo de Consolar as Almas (Instructions for the Right Comforting of Souls*, 1631), nada mais direi aqui²

Os fortes

O restante do nosso labor ministerial é com o encorajamento dos fortes — pois eles também precisam da nossa assistência. Em parte precisam dela para evitar a tentação, como todos os demais, e também para preservar quantos bens da graça tenham. Precisam ser encorajados a progredirem mais e mais e a aumentarem sua fé. Precisam ser dirigidos

no aperfeiçoamento das suas capacidades para o serviço de Cristo. Sabedores de que os idosos, os tentados e os aflitos precisam ser encorajados de modo especial, os fortes devem agir de maneira tal que os fracos possam firmar-se e perseverar até obterem a coroa.

O trabalho do ministro compreende essas diversas necessidades do rebanho que ele apascenta.

4. A obra do ministério pastoral

Consideremos resumidamente as reais atividades do ministério pastoral.

Um aspecto do ministério — aspecto sumamente excelente — é a pregação pública da Palavra. É obra que requer grande habilidade e, principalmente, um viver e um zelo que estão além das possibilidades de qualquer um de nós. Pois não é coisa pequena postar-nos diante de uma igreja reunida e transmitir uma mensagem de salvação ou de julgamento como oriunda do Deus vivente, fazendo-o em nome do Redentor. Não é fácil falar com clareza tal que os ignorantes possam compreender-nos. Ou pregar com tal seriedade que os corações mais completamente mortos possam mostrar-se sensíveis à mensagem. Ou arrazoar de maneira tão convincente que os contestadores fiquem silenciados.

Sei que há um debate entre nós sobre o papel da pregação. A pregação é, deveras, uma atividade própria para o ministro que é pastor de igreja. Pregar ao mundo incrédulo noutras culturas onde há outras crenças é uma tarefa à parte. Mas a pregação dirigida à igreja local é evidentemente o papel do pastor.

Além disso, o chefe de família precisa pregar à sua própria família, como o mestre-escola aos seus alunos. O que é importante reconhecer é que há ofícios designados; cada um desses ofícios prepara a pessoa para ensinar no contexto da sua respectiva designação.

Ministração das ordenanças

Um segundo aspecto do nosso ministério pastoral é o de

ministrar as ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor.

Direção do culto público

Um terceiro aspecto é conduzir o povo nas orações públicas da igreja e nos louvores ao Senhor. Na verdade, até recentemente, grande parte do serviço de Deus nas reuniões da igreja consistia de louvor público e dos atos eucarísticos da Ceia do Senhor. O dia do Senhor ainda era guardado como um dia de ação de graças com hinos, com o regozijo dos fiéis em comum e com a especial comemoração da obra da redenção. Eu me preocupo tanto com os outros sobre a necessidade da pregação. Mas penso que os solenes louvores a Deus deveriam tomar muito mais tempo no dia do Senhor do que ocorre em muitos lugares. De fato, aí está uma indicação de quando engrandecemos os privilégios do evangelho, de quanto conhecemos a vida de amor e as alegrias celestiais, quando praticamos a ação de graças.

O cuidado específico de indivíduos

Um quarto aspecto da nossa obra pastoral é o cuidado especial que devemos votar a cada membro do rebanho. [Aqui Baxter repete o que já salientou — a obrigação de conhecermos as necessidades pessoais, o caráter e as inclinações dos indivíduos, e o dever que temos de instruir os ignorantes e orientar as consciências dos necessitados.]

Interesse pelas famílias

Também devemos dedicar cuidado especial às famílias, velando para que sejam bem ordenadas e que cumpram os seus deveres, porquanto a vida da religião, assim como o bem-estar e a glória da Igreja e do Estado, dependem muito do governo e dos deveres da família. Se negligenciarmos isso, arruinaremos tudo. Como poderemos providenciar o

avivamento de um rebanho inteiro, se todo o trabalho for lançado unicamente sobre o pastor? Ou, se os chefes de família negligenciarem suas responsabilidades, qual será a extensão de um avivamento da igreja?

Se alguma coisa boa foi iniciada pelo ministério pastoral, será sustada — ou ao menos será dificultada — se as famílias forem descuidadas, sem oração e mundanas. Mas se vocês conseguirem que os pais de família façam a sua parte, ponham mãos à obra onde vocês deixaram, e finalmente a levem a bom termo com sua ajuda, que copiosos benefícios serão feitos! Assim, eu os concito a verem a importância da cooperação das famílias no seu ministério.

Seu objetivo é ser eficiente no ministério com as famílias. Portanto, procurem informar-se sobre como cada família está organizada, e como Deus é adorado ali. Visitem as famílias quando elas estão desfrutando lazer e procurem ver se o chefe da família ora em seu lar, lê as Escrituras, presta culto doutras maneiras. Empenhem-se em convencer os negligentes sobre a validade desses deveres; peçam-lhes que prometam corrigir os seus caminhos para o futuro.

Se encontrarem alguns que não sabem orar pela família, verifiquem as suas necessidades e os dirijam na maneira de desenvolver uma vida de oração. Talvez os que nunca aprenderam a orar possam começar recitando de cor orações feitas. Providenciem também livros proveitosos e estimulantes que possam ser lidos pelas famílias (além da Bíblia). Essas obras poderiam incluir a de William Whately, sobre *O Novo Nascimento (The New Birth)*, e a de John Donne, sobre os *Mandamentos (Commandments)* [ambas populares no século dezessete]. [Baxter também acrescenta uma idéia de que a família que não é versada nessas práticas cristãs poderia passar o domingo com uma família das vizinhanças que pudesse ajudá-la a desenvolver esses hábitos e práticas devotos.

Interesse pelos pobres e fiéis

Dêem atenção também aos cristãos modestos, retos e obedientes, que podem ser envilecidos e receber maus tratos de ministros faltos de melhor saber. O pastor não poderá esperar que o seu povo o honre, se ele não dedicar àqueles o amor e o respeito devidos a todos os cristãos como membros de Cristo.

Visitação aos enfermos

Outro aspecto da nossa obra consiste em visitar os enfermos e ajudá-los a preparar-se para uma vida mais frutífera, ou ainda, mesmo para uma morte feliz. Quando virmos como podem ser vitalmente importantes os poucos dias ou horas que restam aos moribundos, começaremos a ver quão importante é dar-lhes acompanhamento e prestar-lhes serviço com vistas ao seu estado eterno. Tão grande é a mudança produzida pela morte, que deveria despertar a nossa mais profunda sensibilidade para compadecer-nos e interessar-nos por suas almas.

Quando o tempo dos moribundos vai chegando ao fim, e eles têm que reconciliar-se com Deus agora ou nunca, ficam desesperadamente desejosos de redimir essas horas. Ficam intensamente ocupados com a idéia de apossar-se da vida eterna! E quando vemos que a probabilidade é de estarmos com eles apenas uns poucos dias ou horas, não faremos todo o possível para a salvação deles nesse curto espaço de tempo? — a menos que nós mesmos sejamos incrédulos.

Atenção especial aos moribundos

Quando um homem está quase no fim da sua jornada, e o próximo passo o levará para o céu ou para o inferno, é tempo de nós, enquanto há esperança, o ajudarmos quanto pudermos, porque até os mais endurecidos pecadores nos ouvirão em seus leitos de morte, ainda que tenham zombado de nós antes. Como Cipriano dizia aos que estavam

gozando boa saúde: “Aquele que diariamente se lembra de que está morrendo, despreza o presente e se apressará rumo às coisas por vir. Quanto mais aquele que se vê no próprio ato de morrer!”

Talvez vocês argumentem que essas mudanças forçadas não são autênticas e que, portanto, não temos grande esperança de que venham a dizer ou praticar algo de bom.

Confesso que é muito comum o temor de fazer esforços para fins vãos. Agostinho ilustra isso quando diz: “Não poderá morrer mal quem vive bem; e dificilmente morrerá bem quem vive mal”. Toda vida “dificilmente” e “nunca” não se igualam. Assim é que há exceções, sendo essas exceções as pessoas que se converteram ao seu Salvador (à maneira do ladrão moribundo na cruz).

Desde que não é minha intenção oferecer um guia sobre toda a obra ministerial, não me detenho a dizer-lhes minuciosamente o que deve ser feito nos últimos momentos dos moribundos. Mas anotem três coisas:

1. Não esperem até se esvaírem as últimas forças e possibilidades do entendimento deles, e que o tempo fique tão curto que vocês mal saibam o que fazer. Procure-os tão logo adoeçam, quer mandem chamá-los quer não.
2. Quando o tempo é tão curto assim, vão direto aos pontos essenciais e demorem-se nas verdades mais apropriadas para os levarem à conversão.
3. Se eles se recuperarem, certifiquem-se de recordar-lhes suas resoluções tomadas durante a doença.

Procure-os com o firme propósito de colocar essas coisas em suas consciências. Depois, sempre que os virem falhar, lembrem-lhes das experiências que tiveram no leito de enfermidade. Como se conta que um bispo de Colônia respondeu ao imperador Sigismundo, quando este lhe perguntou como o homem pode salvar-se, “Ele deve ser o que se propôs ou prometeu quando atribulado pelo cálculo biliar ou pela gota”.

Precisamos também reprovar e admoestar os que vivem

cometendo transgressões ou que se portam impenitentemente. Antes de levarmos esses assuntos publicamente à igreja, devemos procurar agir particularmente. Muita habilidade se requer para fazê-lo de acordo com os diversos temperamentos dos transgressores. Mas, na maioria dos casos, é necessário começar com grande franqueza e poder de convicção para sacudir os seus corações relaxados e fazê-los ver que não podem brincar com o pecado. Precisam enxergar a sua malignidade, seus tristes efeitos — a malevolência, a insensatez, a inutilidade e todos os seus outros resultados negativos. Precisam enxergar o que eles estão fazendo contra Deus e contra si próprios.

Disciplina eclesiástica na forma de repreensão pública

Isto nos leva a toda a questão da disciplina eclesiástica. Depois de serem ministradas as repreensões particularmente, surge também a necessidade de repreensões públicas, isto é, persuadir as pessoas a encontrarem modos de expressar o seu arrependimento, orando por elas, restaurando os penitentes, e excluindo e evitando os impenitentes.

[Aqui Baxter insere uma longa discussão sobre os métodos de exercer a “disciplina da igreja”. Grande parte disso é omitida aqui porque se relaciona com as condições do tempo dele, no século dezessete, e não com as nossas circunstâncias atuais.]

Há, porém, princípios bíblicos que se aplicam a todos nós, e sempre. O primeiro é a necessidade de arrependimento público. “Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor” (1 Timóteo 5:20). Essa repreensão tem que ser “com toda a autoridade” (Tito 2:15). Sim, mesmo que fosse um apóstolo, se pecasse abertamente, teria que ser repreendido abertamente, como quando Paulo disse, “Pedro... lhe resisti na cara; porque era repreensível” (Gálatas 2:11,14).

Se os que forem repreendidos não se arrependerem, evite-os. “Mandamo-vos... que vos aparteis de todo o irmão que andar desordenadamente” (2 Tessalonicenses 3:6). “Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra... notai o tal, e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe” (2 Tessalonicenses 3:14; cf. 1 Coríntios 5:11,13).

Por exemplo, suponhamos que um pecador seja assim admoestado e seja objeto de intercessão. Se aprouver a Deus abrir os seus olhos e levá-lo ao remorso, é nosso dever buscar sua completa restauração — antes de fazermos maiores censuras. Não o desanimemos com uma severidade excessiva da nossa parte, nem desprezemos a disciplina com demasiada brandura e leviandade, pondo panos quentes relaxadamente.

Portanto, se ele pecou uma vez escandalosamente, mas o seu arrependimento parece profundo e sério, podemos nalguns casos restaurá-lo então. Mas se viveu muito tempo em pecado, é muito melhor para ele esperar por algum tempo em arrependimento, antes da sua restauração. Quando estiver pronto, asseguremos-lhe as riquezas do amor de Deus e a suficiência do sangue de Cristo para perdoar os seus pecados. Então, esqueçamo-los, como o faz Cristo. Demos graças a Deus por sua recuperação e oremos por sua confirmação e sua futura preservação.

Restauração dos penitentes

Na disciplina que envolve rejeitar e afastar da comunhão da igreja os que permanecem impenitentes depois de prova suficiente, observemos duas coisas: (1) Se alguém pecou só uma vez de maneira escandalosa, é apenas uma confissão de arrependimento que podemos esperar, devendo nós considerá-la satisfatória. (2) Se a pessoa está acostumada a pecar, ou muitas vezes quebrou sua promessa, então, o que nos cabe esperar é uma reforma real.

Quanto aos que continuam sem arrependimento, ou até excluídos da comunhão, ainda é importante que continuemos orando por seu arrependimento e restauração.

E se Deus lhes conceder o arrependimento, deveremos recebê-los alegremente outra vez à comunhão da igreja.

Fidelidade na disciplina

Oxalá fôramos, pois, fiéis na prática desta disciplina! A provisão da disciplina de Deus é vituperada quando professamos estar satisfeitos com o seu conteúdo e seu processo, todavia, a negligenciamos na prática. Nós, que somos pastores, não consideraremos estas coisas da maior importância? É bem provável que teremos que enfrentar as mais pesadas acusações concernentes a esta questão, quando comparecermos ao tribunal de Cristo.

Pode ser que haja os que se acham tão desiludidos que censurem a necessidade de qualquer disciplina da igreja ou que impeçam o seu exercício. Mas, que dizer de nós? Tê-la-íamos envilecido com a nossa constante omissão da sua prática enquanto falamos sobre a sua necessidade? Como esconderemos a nossa hipocrisia? Deveremos dar de ombros ao conhecimento da vontade do nosso Mestre e Senhor nesta questão?

Creio que o tentador obtém uma grande vitória quando consegue que um só pastor fiel, apenas um, negligencie a disciplina — vitória tão grande como a que ele obtém quando consegue que o mesmo pastor negligencie a pregação. Como os impuros costumavam lançar infâmia sobre os diligentes chamando-lhes “puritanos”, assim procuram infamar os pastores fiéis denominando-os “disciplinadores”. Se tão somente se compreendesse quanta autoridade e labor pastorais constam da direção da igreja, haveria muito menos preconceito contra o adequado exercício da disciplina. Pois, ser contra a disciplina é ser contra o ministério pastoral; ser contra o ministério pastoral é ser contra a igreja; e ser contra a igreja é ser contra Cristo.

Porventura, não foi o próprio Cristo o líder dos disciplinadores? Não foi Ele quem instituiu a disciplina, e fez dos Seus ministros os governadores e guias da Sua Igreja? O

que teriam dito aqueles homens, se tivessem visto a prática da Igreja no passado, durante muitos séculos depois de Cristo, que exercia uma disciplina muito mais rigorosa que a que se exerce entre nós? E isso era feito no meio das perseguições movidas pelos pagãos como as epístolas de Cipriano revelam.

Sei que a palavra “disciplina” tem sido conspurcada pelo legalismo e por imposições austeras como: “Não toque, não prove, não use”. Mas é pela antiga e verdadeira disciplina cristã que aqui se luta.

OS MOTIVOS DO CUIDADO PASTORAL

Passamos agora a considerar os motivos do nosso futuro ministério. Certamente, não devemos ser relaxados, nem no ministério, nem em nossa vida pessoal, como fomos no passado. [Aqui Baxter está pensando no estado de coisas em seu condado de Worcestershire. Esta foi a razão de uma convenção original, à qual ele submeteu este trabalho, em lugar de sua presença.]

I. SOMOS BISPOS SOBRE O REBANHO

O primeiro poderoso motivo que temos é a nossa relação com o rebanho. Somos *bispos* sobre ele — seus supervisores. Há cinco pontos para lembrar aqui.

A primeira função do pastor é ser vigilante

O primeiro ponto que devemos notar é que o ofício exige que *olhemos por* (cf. Atos 20:28). O que nos cabe supervisionar? Ser bispo, pastor ou presbítero não é postar-se como semideus ante o qual o povo deva prostrar-se, nem viver atendendo aos próprios desejos e prazeres carnavais. É trágico quando os homens aceitam uma vocação e não sabem qual é a sua natureza e, portanto, não sabem com o que se comprometeram.

Considerem, irmãos, onde estão e o que tomaram sobre os seus ombros! Vocês se comprometeram a estar sob Cristo, a conduzir um batalhão dos Seus soldados contra os principados e potestades e contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. Então, vocês terão que conduzi-los em meio às mais ferozes batalhas. Terão que aprender a estratégia do inimigo e seus planos de combate. Terão que vigiar-se a si mesmos e ter mãos

vigilantes. Pois, se vocês fracassarem, tanto eles comovocês poderão perecer.

Seu inimigo é sutil, pelo que vocês precisam ser prudentes. Seu inimigo é vigilante, pelo que vocês precisam estar de olhos abertos. Seu inimigo é malicioso, violento e incansável, pelo que vocês precisam ser resolutos, corajosos e infatigáveis. Vocês estão no meio de uma multidão de inimigos, rodeados deles por todos os lados; assim, se se cuidarem de um, e não de todos, vocês depressa cairão. Portanto, que tarefa vocês têm diante de si!

Observem com as pessoas podem ser cegas

Vejam também a multidão que se lhes apresenta. Vidalamentável é ter que arrazoar com gente que perdeu quasetoda a capacidade de usar a sua faculdade de raciocínio.

Que frustração é falar com gente obstinada e cheia de caprichos, que sabe o que quer, mas não sabe por quê.

Argumentar com gente assim é falar com pessoas que não se entendem a si mesmas — e muito menos a vocês.

Todavia, mostram-se tão confiantes em que estão certas, quando não têm outra razão para isso do que a sua confiança própria. A vontade delas é a razão para o seu critério e para as suas vidas. Uma vez que isso as satisfaz, terá que satisfazer a vocês.

Que mundo de iniquidade é o que temos, irmãos, no qual havemos de pelejar, mesmo que seja por uma alma apenas!

E quão numerosos os mundos como esse! Que raízes têm os seus pecados! Como soa estranha a verdade aos seus ouvidos! Assim que vocês acabam de fazer tudo que podem, homens ímpios estão em seus calcanhares para contradizer tudo o que vocês disseram. Eles cavilam, criticam e caluniam vocês com o fim de arruinar a

sua mensagem e afastar de Cristo os seus ouvintes. Cada alocução sua dirigida aos pecadores é respondida dez ou vinte vezes por mensageiros satânicos.

Também, com que malignidade os cuidados e ocupações do mundo cobrem e sufocam a semente que vocês semearam! Quanta abundância há de luxúria, paixões e maus espíritos quando vocês deixam as suas palavras com eles! Mesmo quando vocês acham que foram bem sucedidos e vêem as pessoas que estão com problema confessarem os seus pecados e prometerem reformar-se, e começarem a ser convertidos zelosos — ah, descubrem que, afinal de contas, no fundo tudo é falso e roto! Superficialmente mudaram, mas se relacionaram logo com novos companheiros e novas opiniões, e ainda lhes faltam novos corações. Quantos há que parecem ter tido uma significativa mudança de vida, mas quando os lucros e as honras do mundo os iludem, realmente não resistem!

Aceitem solenemente o seu encargo pessoal

Por isso, o segundo ponto é: ponderem que essa obra toda é lançada sobre *vocês*. Ninguém obrigou nenhum de vocês a ser um supervisor da Igreja. Assim, não seria questão de honestidade comum cada qual ser fiel ao seu próprio compromisso? Vejam quantos ficam orgulhosos antes de obterem sólido conhecimento. Vejam como os seus intelectos imaturos os levam a desprezar o próprio mestre de quem aprenderam. Vejam como eles menosprezam vaidosamente a orientação e os conselhos daqueles que Cristo colocou sobre eles. Vejam, irmãos, que campo de trabalho há diante de nós!

Não há pessoa que vocês encontrem que não precise de algum auxílio. Mesmo os devotados santos podem logo debilitar-se, se vocês deixarem de encorajá-los. Com que facilidade, então, pode qualquer cristão ser impelido a caminhos escandalosos e a desonrar o evangelho, se

vocês não levarem a sério o seu ministério. Portanto, levantemo-nos e ajamos com todas as nossas forças. As dificuldades devem ativar-nos, não desanimar-nos. Se não pudermos fazer tudo, pelo menos façamos o que pudermos. Sejam ministros fiéis, e não falhemos nem com os homens, nem com Deus.

Ponderem, em terceiro lugar, que a *honra* fica com vocês. Isto deveria estimular o seu labor. Que grandiosa honra é serem embaixadores de Deus, instrumentos para a conversão e a salvação dos homens! Mas lutar por preeminência e posição, como muitos têm feito no transcurso da história da Igreja, é olvidar a natureza ea obra do ofício pelo qual lutam.

Embora os homens lutem e se afaçam por esses ofícios honrosos, raramente vejo homens lutarem de maneira igualmente furiosa para serem o primeiro a chegar na pobre choupana de algum homem para ensinar-lhe, e à sua família, o caminho do céu. Ou, de fato, não vejo os homens competirem pelo primeiro lugar na ação de levar uma alma a Cristo, ou de tomar-se servo de todos. É estranho que, com todos os claros ensinamentos de Cristo, os ministros não querem entender a natureza do seu ofício! Se entendessem, cada qual lutaria para vir a ser pastor de um condado inteiro, e mais ainda onde houvesse dez mil pobres pecadores necessitados de socorro.

Reconheçam como são privilegiados

Quarto, vocês têm muito bons privilégios em seu ofício pastoral para animá-los em seu trabalho. Se não se dedicarem ao trabalho, como gozarão os seus privilégios?

Depois, vocês são subvencionados pelo trabalho doutros homens, e vivem às custas da riqueza comum. Portanto, ou façam o trabalho ou então deixem de receber o sustento. Mas vocês têm privilégios ainda maiores do que esse.

Acaso nada vale terem recebido tão boa educação, quando outros recebem instrução simplesmente para estarem atrás do arado ou no estábulo? Não seria um privilégio usufruir esse aprendizado, quando tão grande parte do mundo jaz na ignorância?

Mas, acima de tudo, não seria uma vida assaz maravilhosa poder estudar e pregar acerca de Cristo? Não seria bastante glorioso penetrar os Seus mistérios e alimentar-se deles, e explorar diariamente as veredas de Deus? Outros há que são gratos pelo dia do Senhor, quando têm umas poucas horas de lazer para fazê-lo. Mas nós não temos outra coisa a que dedicar a nossa atenção no estudo e no falar, senão a contemplação da sagrada e salvadora verdade do Senhor. Podemos ficar num contínuo *Sabbath* — num santo repouso semanal permanente. Quer a sós, quer com outros, a nossa ocupação tem a ver com o mundo por vir.

Quão prazeroso há de ser então o púlpito, e quão deleitáveis as nossas reuniões! Todos estes privilégios, e outros mais, devem refletir-se na infatigável diligência que devemos dedicar à nossa obra.

Reconheçam sua mordomia em Cristo

Quinto, vocês estão relacionados com Cristo, como o estão com o rebanho. Como estão relacionados com Cristo, não somente estão adiantados, mas também têm *segurança*, se é que são fiéis na realização da obra para a qual Ele os chamou. Afinal, vocês são mordomos ou despenseiros dos mistérios de Deus e administradores da Sua casa. Aquele que lhes confiou essa obra, também os manterá nela.

Assim então, “requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel” (*1 Coríntios 4:2*). *Sejam fiéis a Cristo*, e *jamais* duvidem de que Ele será fiel a vocês. Apascentem o Seu rebanho, e Ele os alimentará, como Deus alimentou

a Elias. Se estiverem na prisão, Ele lhes abrirá as portas, mas, então, vocês terão que socorrer as almas aprisionadas. Deus lhes dará língua e sabedoria a que nenhum inimigo poderá resistir. Neste caso, vocês terão que usá-las com fidelidade e a favor dEle.

Se vocês acreditam que Deus os resgatou para Si, vivam para Ele. Sejam incondicionalmente dEle, pois Ele fez tudo por vocês.

II. TEMOS UMA CAUSA EFICIENTE

O Espírito Santo está conosco

O ofício que nos toca é, ele próprio, o primeiro motivo para o serviço. Mas o segundo motivo é que temos uma causa eficiente. É Deus, por Seu Santo Espírito, que nos faz supervisores da Sua Igreja. Por isso temos que estar atentos.

É o Espírito que faz de homens pastores da Igreja, de três modos. Primeiro, Ele os qualifica para o ofício. Segundo, Ele dirige os já ordenados para discernirem as qualificações e saberem quais são os homens mais aptos para a tarefa. Terceiro, Ele dirige o povo e os pastores no sentido de lhes atribuírem uma responsabilidade particular. Era e é O Espírito Santo que nos guia destas maneiras.

Observem que esta é uma comissão celestial

Portanto, que obrigação é lançada sobre nós em nossa esta é uma co-vocação! Se a nossa comissão provém do céu, não ousemos desobedecer. Quando Paulo foi chamado pela voz de Cristo, ele não foi desobediente à visão celestial. Quando os discípulos foram chamados da sua ocupação secular por Jesus, tiveram que deixar os amigos, o lar, o negócio e tudo mais para segui-IO. Embora a nossa

vocação talvez não seja tão imediata, nem tão extraordinária, ainda assim vem do mesmo Espírito.

Portanto, não é empresa segura imitar Jonas e dar as costas à ordem de Deus. Se negligenciarmos nosso trabalho, Deus tem uma espora para nos acelerar. Se correremos demais, Ele tem mensageiros que nos alcançarão e nos trarão de volta, e nos obrigarão a fazê-lo de novo. Daí, é melhor fazê-lo bem logo na primeira vez, e não na última.

III. TEMOS GRANDE DIGNIDADE DE PROPÓSITO

Vimos que a motivação para o serviço é oriunda da causa eficiente do nosso serviço, como também do ofício no qual servimos. Um terceiro motivo é o objeto do nosso serviço, que é a *Igreja de Deus* — a qual nos cabe superintender e alimentar. É aquela Igreja à qual o mundo muito deve pela sua preservação, ela que é santificada pelo Espírito Santo, unida a Cristo e declarada Seu corpo místico. E aquela que os anjos anelam perscrutar e à qual atendem como espíritos ministradores. Ah, que incumbência recebemos! E então, seremos fiéis? Temos a nosso cargo a administração da própria família de Deus, e a negligenciaremos? Temos o comando dos santos que vivem para sempre com Deus na glória, e os negligenciaremos? Não o permita Deus!

Sejam destemidos em seu ministério pastoral

Lembrem-se disto quando regressarem do cumprimento de deveres penosos, desagradáveis e árduos, e se sentirem tentados a protelar o seu trabalho a favor das almas, passando a dedicar-se a coisas de menos importância e menos preocupantes. Vocês pensam que este é um modo honroso de tratar a “noiva de Cristo”? As almas

dos homens que Deus planejou reunir para verem Sua face e viverem para sempre em Sua glória não seriam dignas da sua máxima consideração e labor? Têm vocês uma idéia tão baixa da Igreja de Deus, como se ela não merecesse o melhor do seu cuidado e do seu auxílio? Como se atreverão a dizer que os homens não merecem atenção?

Procurem perceber a presença de Deus

Lembrem-se da presença de Deus com o Seu povo, e assim não serão tentados a menosprezar o seu ofício. Os louvores do Altíssimo estão no meio do Seu povo. Este é santificado, um povo peculiar, um sacerdócio real, uma nação santa, uma geração escolhida — para publicar os louvores d'Aquele que o chamou.

Ainda se atrevem a negligenciá-lo? Que alta honra ser membro desse povo, sim, um guardião da casa do Senhor. Ser sacerdote daqueles sacerdotes, governante daqueles reis; esta é a honra e a obrigação que vocês têm. Então, como multiplicar as suas obrigações para serem diligentes e fiéis em tão nobre causa?

IV. SUPERVISIONAMOS A IGREJA REDIMIDA POR UM PRECIOSO RESGATE

O motivo final mencionado no texto que escolhi (Atos 20:28) é o preço pago pela Igreja que supervisionamos. Deus o Filho comprou-nos com o Seu próprio sangue. Daí, que motivo é este, para aqueles de nós que precisam ser sacudidos da negligência em seu trabalho! Que argumento, para condenar os que não querem saber de animar-se para este dever! Será que o sangue de Cristo foi derramado em vão?

Quanto nos custou o fardo de Cristo?

Ouçamos, então, as palavras de Cristo, toda vez que sentimos crescer em nós a tendência para nos tomarmos lerdos e relaxados. “Morri por eles, e vocês não querem cuidar deles? Eles foram dignos do Meu sangue e, todavia, não são dignos do seu labor? Eu desci do céu à terra para buscar e salvar o que estava perdido, e vocês não querem ir à porta vizinha ou à próxima rua ou povoação para procurar ganhá-los? Quão pequenos são o seu trabalho e o seu compassivo cuidado, comparados com os Meus? Eu Me rebaixei para fazê-lo, mas para vocês é uma honra empregar-se nisso. Fiz e sofri muitíssimo pela salvação deles, Me dispus a fazer de vocês cooperadores Meus, e, contudo, recusam dar-Me o pouco que têm em mãos?

Assim, toda vez que olharmos para os que se congregam em nossas igrejas, lembremos vividamente que eles são a aquisição feita pelo sangue de Cristo. Devem ser acatados em conformidade com este fato.

Que vergonha passará um pastor negligente no dia final! O sangue do Filho de Deus pleiteará contra ele. Que vergonha, Cristo dizer contra ele: “O que você tratou com tanta leviandade, é a aquisição feita pelo Meu sangue”! Ó, irmãos, que isto nos impulse ao cumprimento do nosso dever, para que o sangue de Cristo não nos acuse e não nos condene!

Acabo de relacionar os motivos que encontro no próprio texto bíblico. Há muitos outros que poderiam ser colhidos do restante desta exortação do apóstolo. Mas, se o Senhor fixar estes poucos pensamentos dentro dos seus corações, ousa dizer que teremos boa razão para retificar os nossos caminhos. Quando esta incumbência atuar em nossos corações, ocorrerá o mesmo em nosso ministério. Então as nossas igrejas terão motivo para agradecer a Deus por ele.

Sei quão indigno instrutor sou para vocês; mas um instrutor vocês precisam ter. É melhor ouvir qualquer um falar-nos dos nossos pecados e do nosso dever, do que não ter ninguém que nos fale deles. Mas, antes de deixar este tópico, há algo mais que lhes quero dizer. Tenho oito exortações que desejo deixar com vocês.

MAIS EXORTAÇÕES SOBRE COMO E POR QUE DEVEMOS CUMPRIR NOSSO DEVER

1. Vejam que a obra da graça salvadora tenha sido realizada completamente em suas próprias almas.

Tremam ante a solenidade do seu encargo

É coisa temível ser um professante *não santificado*, e muito mais temível ser um pregador *não santificado*. Vocês tremem ao abrir a Bíblia, no caso de lerem ali a sentença da sua própria condenação? Quando escrevem os seus sermões, mal se dão conta de que estão redigindo as acusações dirigidas às suas próprias almas! Quando estão argumentando contra o pecado, estão agravando o seu próprio pecado. Quando proclamam aos seus ouvintes as riquezas de Cristo e Sua graça, estão publicando a sua própria iniquidade por rejeitá-las, e a sua própria infelicidade por estarem sem elas.

Que poderão vocês fazer para persuadir as pessoas a virem a Cristo, para arrancá-las do mundo e para concitá-las a uma vida de fé e santidade, quando, ao dizer essas coisas, as diz para a sua própria confusão? Se vocês mencionam o inferno, mencionam a sua própria herança. Se descrevem as alegrias do céu, descrevem a sua própria desgraça, de não terem direito a ele.

Que miserável existência o indivíduo ter que estudar e pregar contra si mesmo e passar todos os seus dias num processo de autocondenação! Tal indivíduo só pode ser a criatura mais infeliz da terra. Todavia, é comum estarele inconsciente da sua própria condição. Tem ele tantas imitações que se parecem com o ouro da graça salvadora, e tantas pedras brilhantes, parecidas com a jóia do cristão, que raramente se aflige com pensamentos sobre a sua pobreza pessoal. Julga-se rico, não tendo falta de coisa alguma, quando, na realidade, é pobre, miserável, cego e nu.

Saturem-se das Escrituras

Ele conhece as Escrituras Sagradas. Está empenhado em santos deveres. Reprova as faltas alheias. Prega a necessidade de santidade no coração e na vida. Então, como esse homem poderá escolher o que mais seja, senão a santidade? Fazer da ordenação de Deus uma ocasião para nossa ilusão, é uma tragédia.

Que terrível, mostrar a outros homens o espelho do evangelho para verem o verdadeiro estado das suas almas, e, no entanto, nunca o olharmos nós mesmos! Tais homens deveriam estacar, refletir e começar a pregar para si mesmos, antes de voltarem a pregar a outros. Doutro modo, no dia da prestação de contas, eles dirão: “Senhor, senhor, não profetizamos nós em teu nome?” E ouvirão as palavras: “Nunca vos conheci: apartai-vos de mim”.

Portanto, aconselharei o homem desse tipo a assimilar o sermão de Orígenes sobre Salmo 50:16-17. “Mas ao ímpio diz Deus: Que tens tu que recitar os meus estatutos, e que tomar o meu concerto na tua boca, pois aborreces a correção, e lanças as minhas palavras para detrás de ti?”

Tendo lido esse texto, que ele se assente, exponha-o e aplique-o com lágrimas. Depois, que faça uma franca confissão dos seus pecados, lamente a sua situação diante da assembléia, e eleve as mais fervorosas orações a Deus, rogando perdão e a graça renovadora.

Assim, acheque-se ele a Cristo de coração. (Anteriormente, só o admitia em seu cérebro.) Então, passe a pregar a Cristo, quando então O conhecer. Desta maneira, ele poderá falar do que realmente sente, e poderá recomendar as riquezas do evangelho por sua própria experiência pessoal.

Sejam francos a respeito do pecado

Realmente é um perigo comum à Igreja ter pastores não regenerados. É uma calamidade ter muitos homens que se tornam pregadores sem ainda serem cristãos. É trágico ver que eles acreditam que são santificados apenas pela posição oficial de sacerdotes, quando não foram santificados por um verdadeiro compromisso com Jesus Cristo, como Seus discípulos. Tais homens só podem adorar um Deus desconhecido, pregar um Cristo desconhecido, e agir diante de um Espírito desconhecido.

Desconhecido é também o seu estado. O provável é que eles sejam apenas pregadores desanimados, que não têm em seus corações nem Cristo nem a graça que pregam.

Certifiquem-se de que vocês pertencem realmente a Cristo

Ah, se todos os nossos estudantes universitários considerassem isto! Que pobre atividade, passarem eles o tempo todo aprendendo alguma coisa sobre as obras de Deus e serem um tanto versados nas línguas bíblicas, e, todavia, não conhecerem o Senhor! E que coisa mais sem sentido é não O exaltarem no coração, nem

estarem pessoalmente familiarizados com a única obra redentora capaz de lhes dar a verdadeira felicidade! ».

Em vez disso, os que não O conhecem andam com vã ostentação e passam suas vidas como sonhadores. Enquanto estão ocupados com os seus talentos e idiomas e com abundantes idéias e noções teológicas e técnicas, continuam alheios a Deus e às vidas dos Seus santos. Se Deus alguma vez os despertasse por Sua graça salvadora, eles confessariam todas as suas prévias atividades, emprego, estudos não santificados e disposições como as de um mundo de sonhos. Não se pode conhecer nada direito, se não se conhece a Deus. Tampouco algum estudo é bem conduzido — nem visa a algum grande propósito — quando não se estuda Deus.

Busquem a Deus em todos os seus estudos

Pouco sabemos da criatura, enquanto não a colocamos em relação com Deus. Ninguém que deixe de lado o Alfa e o ômega verá o princípio e o fim. Aquele que não O vê em tudo, e que Ele é o *todo* de tudo, não verá coisa nenhuma. Todas as criaturas, como tais, são sílabas truncadas. Nada significam, separadas de Deus. Onde quer que *de fato* estejam separadas de Deus, deixam de existir, e a separação é aniquilação. Portanto, o seu estudo de física e doutras ciências vale pouco, se não é a Deus que você busca.

Ver e admirar a Deus, revenciá-lo e adorá-lo, amá-lo e deleitar-nos nEle, visível que nos é em todas as Suas obras, e examinar Suas obras para conhecê-lo — esta é a verdadeira e a única filosofia. Esta é a santificação dos seus estudos, quando estes são dedicados a Deus. Quando Deus é a vida disso tudo, então se vê que eles O têm como o seu fim colimado e como o seu principal objeto.

Antes de tudo, conheçam bem a Deus

Quando vocês tiverem aprendido sobre Deus, ou sobre a Sua vontade, poderão dedicar-se prazerosamente ao estudo das Suas obras. Se vocês não se vêem a si mesmos e todas as coisas como vivendo, se movendo e existindo em Deus, não vêem nada, seja o que for que julguem ver. Enfim, Deus é tudo em todos (Romanos 11:36), e sem Ele vocês talvez possam pensar que sabem alguma coisa, mas não sabem nada como deveriam saber (1 Coríntios 8:2). Mas a mais elevada e nobre parte da santidade consiste em buscar, contemplar, admirar e amar o Criador em todas as Suas obras.

Não tratem a teologia apenas como uma disciplina acadêmica

Se, então, os instrutores das nossas faculdades e universidades se ocupassem principalmente em familiarizar os seus alunos com a doutrina da vida, e se trabalhassem para colocá-la em seus corações, isto seria um feliz meio para abençoar almas, e resultaria numa feliz Igreja e numa feliz comunidade. Mas quando fazem leitura de teologia como filósofos — como se fosse uma coisa não mais importante que uma lição de música ou de aritmética, e não a doutrina da vida eterna — eles a destroem e suprem a Igreja de mestres não santificados! Aí está por que temos tantos mundanos pregando as bênçãos invisíveis, e tantos homens carnavais declarando os mistérios do Espírito.

Gostaria de não precisar dizê-lo. Mas há tantos ímpios que também pregam a Cristo, e tantos ateus que falam do Deus vivo! Se lhes foi ensinada uma filosofia antes da verdadeira religião ou sem ela, será de admirar que a filosofia deles seja toda a sua religião ou a maior parte dela? Deificando os seus cérebros, não conhecem outro Deus. Alguns, como Campanella, reduzem toda a sua teologia à filosofia. Outros, como Thomas Hume, fazem do cristianismo nada mais que uma ilusão, para a produção de *Leviathan*. Ou,

como Lord Herbert, escrevem tratados que mostram ao mundo quão pouco eles valorizam a verdade.

Portanto, dirijo-me a todos vocês, responsáveis pela educação da nossa juventude. Vocês, que são professores e catedráticos — comecem e terminem tratando das coisas de Deus. Falem diariamente aos corações dos seus alunos acerca das coisas que precisam ser produzidas em seus corações, se é que vão escapar da condenação. Profiram com a autoridade de Deus algumas palavras desafiadoras, a respeito da vida vindoura. Não digam que eles são jovens demais para compreenderem esses pensamentos. Vocês pouco sabem das impressões que eles podem ter no presente.

2. Vivam segundo a graça que pregam.

Preguem somente partindo da experiência pessoal

Minha segunda exortação é que vocês preguem para si mesmos o sermão que têm em mente, antes de pregá-lo aos outros. Quando a sua mente tiver prazer nas coisas Celestiais, outros o terão também. Então as suas orações, os seus louvores e as suas doutrinas terão celestial dulçor para o seu povo. Este perceberá quando vocês passaram bastante tempo com Deus.

Inversamente, quando tenho a alma deprimida, meu rebanho sente a frieza da pregação. Quando estou confuso, minha pregação também o é. Aí, as orações dos outros refletirão a condição em que estou ao pregar. Portanto, se o alimento que oferecemos não for saudável, por ser composto de erros ou de controvérsias infrutíferas, nossos ouvintes passarão mal. Outrossim, se estivermos repletos de fé, amor e zelo, como isso tudo transbordará para refrigério das nossas igrejas e para o crescimento de outros nas mesmas graças!

Assim, irmãos, vigiem seus próprios corações. Evitem as paixões pecaminosas e as inclinações mundanas. Mantenham a vida de fé e amor. Familiarizem-se com Deus. Examinem seus corações séria e diariamente, subjuguem todas as formas de corrupção e vivam na confiante dependência de Deus. Se não, toda a sua obra, à qual vocês dão constante atenção, irá mal, e vocês matarão de fome os seus ouvintes. Se vocês só têm um fervor superficial, não poderão esperar que este seja acompanhado de bênçãos. Acima de tudo, dediquem-se muito à oração secreta e à meditação.

Examinem suas vidas

Pelo bem do seu povo, sondem os seus próprios corações. Se o orgulho espiritual tomar posse de vocês, e vocês desenvolverem perigosas idéias de cisão e tentarem levar avante as suas invenções pessoais supervalorizadas, arrastando discípulos atrás de si, imaginem como ferirão o corpo de Cristo! Portanto, olhem por seus julgamentos e seus sentimentos. O erro e a vaidade se insinuem dissimuladamente. Geralmente as apostasias têm começos diminutos. Com que facilidade, também, os maus espíritos se arraigam em nossos afetos, e o nosso primeiro amor ao Senhor se esfria!

O ministro deve ter especial cuidado com o seu coração, antes de comparecer perante a sua igreja reunida. Se estiver frio, como aperfeiçoará os corações dos ouvintes?

Recorra, então, especialmente a Deus, em busca de vida, e leia alguns livros estimulantes e desafiadores. Medite no tema e desenvolva anseio pelo assunto que está prestes a expor. Carregue o fardo das almas do seu povo, antes de se dirigir para a casa do Senhor.

3. Realizem a obra de Deus com todas as suas forças.

Desejo agora animá-los para a grande obra de Deus. Realizem-na com todas suas forças. Falem ao seu povo das suas necessidades, como quem tem que ser despertado aqui ou no inferno. Contemplem suas igrejas esperançosa e compassivamente. Não deixem escapar nem uma só palavra fria ou descuidada a respeito do céu ou do inferno.

Seja o que for que fizerem, que as pessoas os vejam agir com seriedade. Porquanto vocês não poderão quebrantar os corações das pessoas fazendo brincadeiras com elas, ou lhes contando pilhérias e empregando linguagem floreada. Os homens não vão jogar fora os seus mais caros prazeres por causa do sonolento pedido de alguém que não parece querer dizer o que diz.

Cuidem para que a sua entonação e a sua presença sejam as de Cristo

O próprio tom de voz e a forma de proferir a pregação são importantes. Os melhores temas não comoverão as pessoas, a menos que sejam expostos comovidamente. Portanto, falem íntima e francamente ao seu auditório. A falta dessa entonação e dessa expressão familiares é um grande defeito da maior parte da nossa pregação. O homem monótono é como o rapazinho de escola a dizer a sua lição; poucos se comovem com o que ele diz. Despertem-se para a obra do Senhor, e falem aos seus ouvintes como se as próprias vidas deles estivessem em jogo.

Nossos sermões precisam ser convincentes. Devemos mostrar como a luz das Escrituras e a da razão brilham fulgentemente nos rostos dos não-salvos. Pois um sermão de meras palavras, sermão sem o efeito convincente das evidências e outros sinais da vida, não passa de uma carcaça bem vestida — não importa quão bem elaborado seja.

Convençam os seus ouvintes com a realidade da sua pregação

A pregação deve fornecer suprimentos para a experiência de comunhão entre os santos, bem como para a nossa comunhão com eles. Como os que se acham no auditório são dotados de entendimento, vontade e afetos, assim devemos marcar os nossos para comunicar-nos com eles. Pois as coisas grandiosas que temos que recomendar aos nossos ouvintes são, não somente apresentadas de maneira bem racional, mas também estão claramente diante deles na Palavra de Deus. Portanto, devemos supri-los deste depósito de provas para silenciar todas as objeções vãs. Façamo-lo para animá-los a render-se ao poder da verdade. Façamo-lo para que vejam que a verdade é grandiosa, e que ela prevalecerá.

4. Dêem prosseguimento aos seus sérios desejos expectativa de êxito.

Seus corações estão postos em seu trabalho? Vocês não desejam ardentemente conversões e a edificação dos seus ouvintes? Não se preparam e não pregam esperançosamente? Se a resposta é não, não é provável que vejam muito fruto. Tenho observado que raramente Deus abençoa a obra de um homem, se o coração dele não está posto no bom êxito do que faz.

Daí, todos os que pregam a Cristo e a salvação do homem devem sentir-se insatisfeitos enquanto não obtiverem as coisas pelas quais pregam. Quando um homem prepara um sermão somente por seu próprio interesse e só tem sensibilidade para o modo como os outros avaliam as suas habilidades como pregador, sou forçado a pensar que esse homem prega somente a si próprio. O que ele está fazendo é proclamar seu negócio particular. Não prega a Cristo, nem mesmo quando prega a respeito de Cristo, por mais que pareça fazê-lo.

Seja um obreiro fiel

Aquele que não espera sucesso nos seus trabalhos não pode obter nenhum apoio de Deus. Esse obreiro não é fiel.

De minha parte, confesso que me espantam alguns homens idosos e venerandos que passaram vinte, quarenta ou cinquenta anos com uma igreja infrutuosa. Viram pouquíssimos frutos dos seus labores; não dá para entender. Como puderam ter tanta paciência para continuar ali?! Se essa situação fosse minha — se bem que não me atrevo a abandonar a vinha nem cancelar a vocação — ainda desconfio que eu me perguntaria se realmente não seria da vontade de Deus que eu partisse para algum outro lugar e deixasse que tomasse o meu lugar algum outro obreiro mais idôneo para a tarefa. Tampouco me seria fácil satisfazer-me em gastar todos os meus dias dessa maneira.

5. Pratiquem o bem, como vocês dizem que é bom.

Também sejam zelosos na prática de boas obras. Não poupem os custos, se é para a promoção da obra do Senhor. Em primeiro lugar, mantenham a sua integridade e andem sem cometer delitos. Que suas vidas condenem o pecado e persuadam os homens a cumprirem o seu dever. Vocês gostariam que os membros das suas igrejas fossem mais cuidadosos com as almas deles do que com as suas? Se vocês querem vê-los redimir o tempo, gostariam de desperdiçar o *seu* tempo? Se não querem ouvi-los falar frivolamente, vejam que vocês falem somente as coisas que edificam. Conduzam bem os seus insucessos, se querem vê-los proceder de igual modo. Não sejam orgulhosos e senhoris, se querem que eles sejam humildes. Não há virtude na qual o seu exemplo não faz mais para abater o preconceito dos homens do que a humildade, a mansidão e a abnegação. Perdoem as ofensas e não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.

Sejam como o seu Senhor que, quando injuriado, não injuriava.

Procedam espiritualmente com os outros

Se os pecadores forem rudes, voluntariosos e insolentes, a carne e o sangue poderão persuadir vocês a usar as armas deles. Talvez vocês concordem com isso porque precisam proteger-se, bem como conservar o patrimônio público. Mas não é esse o modo de reagir. Vençam-nos com a bondade, a paciência e a gentileza. A excelência espiritual é a verdadeira qualificação dos santos. Cristo é muito mais imitável que César. É mais glorioso ser cristão do que ser um conquistador. Sim, é melhor ser homem do que ser um animal, que muitas vezes nos excede em força

Assim, lutem com as armas do amor, e não da violência. Contraponham à força a mansidão, o amor e a paciência, e não a força. Lembrem-se de que são obrigados a serem servos de todos. Saibam ceder aos homens de posição. Não sejam estranhos para os pobres do rebanho, pois eles são bem capazes de tomar isso por desprezo. Não falem dogmaticamente, nem desrespeitosamente, com ninguém. Antes, sejam corteses para com o mais humilde, como seu igual em Cristo.

Aumentem o seu interesse pelos pobres

A segunda questão relaciona-se com os pobres. Vão até estes e vejam do que necessitam. Depois, demonstrem logo sua compaixão pela alma e pelo corpo. Adquiram para eles um catecismo e alguns opúsculos que possam trazer-lhes algum benefício. Façam-nos prometer que os lerão. Abram o máximo as suas carteiras, e façam-lhes todo o bem que puderem.

Não pensem em ficar ricos. Não busquem coisas boas para vocês e ou para a sua posteridade. Que acontecerá, se vocês se empobrecerem? Será perda ou lucro? Se

vocês acreditam que Deus é o seu mais seguro tesouro, e que investir cada vez mais tempo e riqueza em Seus serviços é ter o melhor negócio comercial, mostrem que isso é verdade.

Mas atentem para o que digo. Oxalá o Senhor esteja em seus corações. A pessoa que tenha alguma coisa no mundo, que lhe seja tão preciosa que se interponha entre ela e Cristo, não é verdadeiramente cristã. Um coração carnal não acredita que foi Cristo quem o chamou. Também digo que o homem que não vê o dever como dever, e não pode ceder nisso por Cristo, também não é um cristão verdadeiro. Pois um coração falso corrompe o entendimento e aumenta as suas ilusões.

6. Mantenham a sua unidade e comunhão cristãe fraternal.

[Baxter já discutiu isto no início do capítulo. Assim, faremos uma seleção das suas admoestações, para não repetirmos o que ele disse.]

Procurem comunhão com outros pastores

Os ministros têm necessidade uns dos outros. Necessitam aproveitar os dons de Deus, uns dos outros, pois os auto-suficientes são os mais deficientes. Em geral são orgulhosos e vazios. Alguns contestam: “Gostamos de viver privadamente”. Ao que replico: “Então, por que, com a mesma base, não param de ir à igreja — se gostam de viver privadamente? Se o que querem dizer é que gostam mais da sua comodidade, e das suas conveniências do que do serviço de Deus, então digam isso, e falem o que realmente está em suas mentes”.

Sejam sensíveis para o estímulo da unidade da Igreja

Outra necessidade é a paz e unidade da Igreja universal. Portanto, não se apressem a introduzir novidades na

Igreja. Tolerem falhas compreensíveis. Suportem uns aos outros nas coisas que podem ser suportadas. Não façam um credo mais longo e mais necessário do que Deus o fez. Assim, não deixem que os escritos de alguém, ou o julgamento de algum partido sejam tomados como pedra de toque ou como regra — embora estejam certos.

(1) Não dêem importância demais a pontos controvertidos que têm dividido homens fiéis nos dois lados da questão.

(2) Não dêem muita ênfase às controvérsias que, em última análise, são incertezas filosóficas, tais como o livre-arbítrio, a predestinação, a operação da graça pelo Espírito, etc. (3) Não dêem muita ênfase às controvérsias constituídas de mera argumentação verbal. (4) Não dêem muita ênfase às coisas que a Igreja não tinha ou desconhecia nas gerações anteriores, desde que as Escrituras nos foram entregues. (5) Muito menos deverão dar ênfase a questões que alguns períodos da história ignoravam totalmente. (6) E sobretudo, não atribuam muito valor a qualquer ponto que nenhuma época (desde os apóstolos) jamais recebeu e sobre o qual todas as épocas defendem opinião contrária.

Olhemos, então, para o tempo em que Deus irá curar as Suas igrejas feridas, e esta moderação levará à defesa da suficiência das Escrituras. Neste ínterim, devemos evitar os extremos, tanto na doutrina como na comunhão.

Evitem os extremos na doutrina

Os extremos doutrinários são perigosos porque tendem a caracterizar-se por estas três coisas: (1) Firmam novos pontos de fé ou dever. (2) Declaram que são fundamentais para a salvação pontos que não o são. (3) Têm a pretensão de acharem nas passagens proféticas e obscuras das Escrituras, evidência objetiva e maior certeza do significado do que na verdade têm. Deste modo, tenho encontrado alguns tão confiantes em sua tradução do Livro de Apocalipse (que até Calvino não teve a pretensão

de compreender), que estruturaram a sua confissão de fé baseados nela.

O outro extremo sobre questão de doutrina consiste em evitar toda e qualquer originalidade. Isso também é errado, pois precisamos: (1) Aumentar o nosso conhecimento da verdade. Sempre há muita coisa das Escrituras que nos é desconhecida. (2) O nosso conhecimento da verdade também necessita crescer subjetivamente, e de forma íntima, de acordo com o nosso desenvolvimento pessoal. O resultado será conhecer a verdade mais sólida e claramente do que nunca antes.

7. Não negligenciem o exercício da disciplina.

Vocês precisam exercer disciplina em suas igrejas. Sei que alguns de vocês ficaram desanimados com isso. Mas, poderemos arranjar desculpa para a negligência total por causa disso?

Sejam conscienciosos em todos os seus deveres

Como é triste quando, em nossa pregação, vivemos com a omissão voluntária de algum dever conhecido! Continuaremos a postergá-lo ano após ano — sim, por todos os dias da nossa vida? Se as escusas tirassem o perigo deste pecado, não as achariam todos os homens, como vocês acharam? Então, vocês pensam que é seguro viver e morrer na prática desse pecado conhecido?

Se vocês consideram algumas pessoas da sua comunidade como incapazes para a disciplina, elas só podem ser incapazes para a ordenança da Ceia do Senhor e para outras expressões da comunhão da igreja. Neste caso, elas não são igreja nenhuma. Vocês meramente pregam de acordo com o comportamento delas. Se o seu povo não é cristão, e vocês não têm igrejas que mereçam este nome, nem são pastores — digam-nos isso; não os culparemos.

Não sejam preguiçosos ou relaxados

Nós nos revelaremos preguiçosos e negligentes, se não formos fiéis à obra do Senhor. Falo por experiência pessoal, pois foi a preguiça que me manteve fora dos meus deveres por muito tempo. A obra que temos que realizar é de fato importunante e penosa; e ela exige abnegação, pois nos exporá ao desagrado dos ímpios. Mas, ousaríamos preferir nossa comodidade e nossa tranqüilidade, e o amor ou a paz dos ímpios, ao nosso serviço a Cristo, nosso Mestre e Senhor? Poderia o servo preguiçoso esperar boa recompensa?

A negligência da disciplina tem forte tendência para iludir as almas. Faz as pessoas pensarem que são cristãs, quando não são. Pois bem, se se lhes permite viverem com a aparência e a reputação de cristãs, quando não o são, o seu tratamento superficial das ordenanças de Deus será escandaloso, juntamente com a sua indiferença ante a realidade do pecado. Especialmente é esse o caso quando se vê que os que toleram tal frouxidão são os pastores das igrejas.

Sejam pessoas de convicção

Corrompemos o próprio cristianismo aos olhos do mundo quando fazemos supor que (1) ser cristão é pura questão de opinião, ou (2) a religião cristã não exige santidade maior do que a exigida pelas falsas religiões do mundo. Então, se os santos e os não santos forem admitidos em pé de igualdade, sem o nome de Cristo para diferenciá-los, difamaremos a Cristo com estas ações, como se Ele fosse culpado delas.

Também faremos que os bons se apartem das nossas igrejas por nossa frouxidão disciplinar, quando permitimos que os maus fiquem sem censura. Os numerosos cristãos honestos e sinceros sentirão que têm

que se retirar de uma igreja como essa. Traremos sobre nós a ira de Deus por tal negligência, do mesmo modo como o anjo de Deus da igreja de Tiatira condenou o erro daqueles santos (Apocalipse 2:20).

8. Logo, desincumbam-se fielmente do grande dever de ministrar instrução.

Finalmente, minha derradeira exortação é que se desincumbam com fidelidade do grande dever que assumiram. Consiste em instruir cada um dos membros das suas igrejas mediante catecismo pessoal. [Este foi o grande propósito da reunião dos associados de Baxter em Worcester, e para a qual ele escreveu este livro.] Qual será o resultado, não sei. Mas tenho motivo para esperar que será bom. [De fato, as orações e os estudos bíblicos familiares caracterizaram os lares da Inglaterra no período subsequente de um século e meio, deixando à vinda nação um maravilhoso legado de fé pessoal.]

RAZÕES PARA A INSTRUÇÃO PASTORAL

Faz-me saltar de alegria antecipar o que a obra pastoral, quando bem organizada, pode produzir. Verdadeiramente, meus irmãos, vocês são privilegiados nessa obra. Isso poderia levar os seus corações a regozijarem-se nela. Suas regiões de trabalho, e mesmo a nação toda, poderiam beneficiar-se dela. Apesar de precisarmos manter-nos humildes quando percebemos que negligenciamos durante muito tempo este ministério, a oportunidade de agora realizá-lo e dos seus possíveis resultados certamente há de ser uma fonte de muita alegria.

Isto não é a inovação de alguma abordagem diferente dos nossos deveres, mas sim a restauração de uma antiga obra pastoral. Desafortunadamente, a nossa época é tão tumultuada que, independentemente da questão

que focalizemos, um ou outro nos lançará pedras e falará mal dos nossos esforços. Se gente assim não aceita ser repreendida ou contraditada, ao menos que nos dê espaço no qual possamos fazer o que acreditamos ser uma prática certa. E acreditamos que é certo propagar o conhecimento de Cristo entre o nosso povo — pelo ministério pessoal do pastor.

Há três importantes razões pelas quais este dever pastoral deve ser empreendido: (1) seus benefícios, (2) seu desafio, e (3) sua necessidade.

I. OS BENEFÍCIOS DO MINISTÉRIO PESSOAL DO PASTOR

[“A catequização pessoal” e a obra de instruir “cada pessoa da sua região e da sua congregação ou do seu rebanho” que Baxter defendia com grande sucesso pessoal em seu distrito de Kidderminster, talvez não seja possível imitar hoje. Mas muita coisa que ele diz ainda é relevante para a visita pastoral moderna e a necessidade de contatos pessoais mais numerosos. Baxter resume os benefícios com vinte pontos sobre esta questão.]

Necessidade de manter encontros pessoais

1. O ministério pessoal constitui uma ajuda vital para a conversão de muitas almas. É necessário realizar o ministério pastoral com base sistemática. Encontrar-se apenas para resolver alguma questão controversa, ou encontrar-se esporadicamente, não produziriam os mesmos benefícios.

A conversão pessoal envolve duas coisas: um bem informado julgamento das questões básicas, e a mudança da vontade produzida por esta verdade. Além disso, temos a melhor oportunidade de imprimir a verdade nos corações dos homens quando falamos às necessidades

de cada um. Se vocês tiverem a compaixão de Cristo, exercerão este ministério pessoal. Se vocês são colaboradores de Cristo, não negligenciarão as almas pelas quais Ele morreu.

Ensinando os pontos fundamentais

2.O ministério pessoal do pastor, quando bem dirigido, também edificará os que estão sendo firmados na fé. Como vocês poderão edificar sem lançar bom fundamento? Como as pessoas poderão progredir na verdade quando ainda não lhes foram ensinados os pontos essenciais? A coisa fundamental a que precisamos levar os homens é mais verdade.

A pregação é melhor compreendida quando vocês também ensinam privadamente

3. Esse ensino pessoal fará com que a nossa pregação pública seja compreendida e considerada de maneira melhor. Quando tiverem familiarizado as pessoas com os princípios, elas entenderão melhor tudo quanto lhes digam. Compreenderão melhor a sua intenção quanto tiverem preparado de antemão os seus corações e as suas mentes. Assim vocês não falharão no seu ministério público se tiverem sido frutíferos neste ministério pessoal.

Os preconceitos são vencidos

4.O conhecimento pessoal uns dos outros sobrepujará a distância, a ignorância recíproca e outras causas de preconceitos e de mal-entendidos. Além disso, essa familiaridade tenderá a animá-los a abrir seus ouvidos para receberem mais ensinamentos. Quando conquistarmos a confiança pessoal deles, sentir-se-ão mais encorajados a expor as suas dúvidas íntimas, a buscar solução e a tratar livremente com o seu pastor. Mas quando o ministro

não conhece os componentes do seu rebanho, realmente não é capaz de exercer um ministério a favor deles.

Torna-se mais provável o conhecimento das condições espirituais

5. Por meio desse ministério pessoal ficamos mais inteirados do estado espiritual de cada um. Depois saberemos cuidar melhor deles e relacionar-nos melhor com eles. Saberemos pregar-lhes melhor quando conhecermos os seus problemas, tentações e sofrimentos pessoais. Conhecendo as suas necessidades de oração, o pastor será capaz também de orar mais inteligentemente por elas.

Mais capacidade para ministrar as ordenanças e para lidar como nosso povo

6. Igualmente, saberemos ministrar-lhes as ordenanças, quer dizer, saberemos se estão aptos para recebê-las ou não. Alguns poderão questionar se o ministro tem autoridade para fazê-lo. Contudo, seremos então capazes de discernir sua condição espiritual de maneira mais inquestionável.

Direção da alma contra a tentação

7. Também seremos capazes de auxiliar nossa gente a proteger-se contra as suas tentações particulares e a evitar erros ou heresias específicos. Quando os homens se abrirem mais livremente para nós, poderemos talvez evitar cisão e outras infecções espirituais; Como a realidade é agora, muitos só nos ouvem em público, e os corruptores desdizem em particular o que dissemos. Se não estivermos a par disso, nem soubermos quando ajudá-los, então o mal está determinado antes mesmo de tomarmos ciência dele.

O próprio ministério pastoral é melhor compreendido

8. Este ministério pessoal também informará melhor o povo sobre o verdadeiro caráter do ofício pastoral. É por demais comum as pessoas pressuporem que a obra do ministério é meramente pregar, batizar, ministrar a Ceia do Senhor e visitar os enfermos. Visto que estas coisas deixam vastas lacunas da vida, elas supõem que o seu pastor é irrelevante para tudo o mais. Como são bem poucos os que fazem visita pastoral, esta impressão geral, mas falsa, do ministério pastoral tende a prevalecer. Não tenho dúvida, porém, de que quando o povo começar a receber benefícios deste ministério pessoal e pastoral, terá uma nova perspectiva do seu pastor.

Na reação protestante contra a confissão auricular ao sacerdote, dentro da tradição católica romana, comumente reagimos negligenciando toda instrução pessoal. Todavia, acredito que a nossa negligência da instrução pessoal é maldição muito maior do que a confissão ao sacerdote. Em seu livro intitulado *The Soul's Preparation* (“O Preparo da Alma”), Thomas Hooker insiste na necessidade de tal instrução pessoal; a mesma coisa fazem outros escritores puritanos. Daí, se alguns dentre nós pensam que quando pregamos fazemos tudo que necessitamos fazer, tomem ciência de quanto mais precisaser feito, e não o negligenciem.

O rebanho entende melhor o seu papel e o papel do seu pastor

9. Outro benefício deste ministério consiste em ajudar o nosso povo a compreender melhor a natureza da sua relação com seus pastores. Não nos devem ver simplesmente como necessários em suas situações de emergência. Devem ver-se como discípulos ou estudantes que estão sendo ensinados por seus pastores mediante aconselhamento pessoal e que deles recebem auxílio para a sua salvação.

Entendimento nacional do ministério do pastor

10. Um lamentável estado de coisas na obra de reforma da Igreja e da salvação de almas é haver somente um ou dois homens superintendendo muitos milhares de pessoas num só município. Esta é a causa de muita miséria na Inglaterra, e uma razão da fome espiritual que grassa em nossas cidades. Assim, lamentavelmente, vemos ao nosso redor multidões de pecadores carnis, ignorantes e sensuais. Os governantes da nação precisam compreender as conseqüências disto, pois as nossas autoridades não têm visto a necessidade de mais de um ou dois ministros para cada município.

[Baxter pressente profeticamente uma coisa que de fato aconteceu na revolução industrial, quando a rápida expansão das cidades afastou a classe trabalhadora dos benefícios do ministério da Igreja. O resultado foi que surgiu um setor completo da população que nunca recebeu educação cristã. Assim, o processo de secularização nas cidades continua até o dia de hoje.]

Influência sobre as gerações futuras

11. Outro benefício que tem a probabilidade de seguir-se ao ministério pessoal é o efeito que terá na próxima geração. É preciso romper hábitos e costumes, e a nossa esperança ao fazê-lo está em que as gerações futuras o farão. Portanto, trabalhemos com o futuro em mente.

É possibilitado o arrependimento pessoal

12. Da mesma forma, trabalhar pessoalmente com as pessoas, habilita-nos a corrigir falsos valores e vaidades, e conduz ao arrependimento. Perde-se muito tempo, e milhares de pensamentos ociosos cuja culpa pesa sobre as nossas igrejas, precisam ser corrigidos pessoalmente.

O dia do Senhor é celebrado melhor

13. Estimula-se um uso muito melhor do dia do Senhor quando o chefe da família se encarrega de conduzir a sua casa na adequada celebração do dia do Senhor. O ministério pessoal promove isso.

Corrige as prioridades pessoais do pastor

14. Esse trabalho também dará aos ministros um critério mais elevado para estabelecerem a prioridade dos seus deveres e do uso do seu tempo. Corrigirá a ociosidade, o desperdício de tempo e o mundanismo, pois terão que velar mais cuidadosamente por seu tempo, para o desempenho do seu ministério pastoral.

Aprofunda a vida espiritual do pastor

15. Há também muitos benefícios pessoais para os próprios ministros, incluindo o desenvolvimento espiritual dos dons, a paz de consciência e a satisfação pessoal. Gerará uma disposição mental celeste. Esta constante ocupação com Deus, com Cristo e com a santidade muito fará para ajudar-nos a dominar a carne e suas inclinações.

Distancia o pastor das controvérsias

16. A ênfase sobre o ministério pessoal também desviará a nossa atenção das controvérsias vãs e do emprego do nosso zelo e cuidado em questões religiosas de menor valor. Tantas vezes estas questões menores impedem a nossa edificação espiritual. A centralização dos nossos esforços no cuidado pastoral, de forma pessoal, nos livrará de divisões e outros males.

Favorece a revisão das prioridades do povo

17. Esta ênfase surtiria grande efeito no sentido de posicionar corretamente o povo quanto a muitas controvérsias que agora perturbam a Igreja, e, assim, poria fim às nossas divergências. Firmaria o povo na

sã doutrina — o mero estudo dela não produz isto. Levar-nos-ia de volta à primitiva simplicidade da fé e nos ajudaria a viver baseados nos pontos fundamentais da fé. E ajudaria a resolver muitas das nossas contendas, que doutro modo não seriam resolvidas.

Reforma as vidas das pessoas

18. O propósito desse ministério pessoal é a reforma e salvação de todos os componentes das nossas igrejas. Embora não possamos esperar influir em todos, todavia o nosso êxito poderá ter bases mais amplas do que esperávamos. Se Deus quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade, precisamos proceder igualmente em nossa visão do ministério.

Contribui para a renovação nacional

19. Tal visão tem a probabilidade de produzir renovação espiritual em toda a nação. Que felicidade seria ver a Inglaterra toda levada a Cristo, e testemunhar um avivamento nacional!

Implementa o movimento da Reforma

20. Finalmente, tão grande é a necessidade de um ministério pessoal, que a maior ênfase à renovação da Igreja consiste disso. Ele constitui o principal fator em tornar eficazes todas as nossas orações, promessas, desejos e esforços por essa renovação. Há quanto tempo vínhamos falando acerca da necessidade de reforma! Quanto tempo passamos discutindo-a! Quão intensamente nos devotamos a trabalhar com vistas à sua finalidade! Todavia, quão vergonhosamente negligenciamos o ministério e a instrução pessoais, e agora vemos o significado disto dentro do contexto da Reforma!

Para muitos de nós, a Reforma é tal qual o Messias é para os judeus. Antes de Sua vinda, eles oravam e ansiavam por Ele, gloriavam-se nEle e se regozijavam na esperança de Sua vinda. Mas, quando Ele veio, eles O odiaram e não quiseram acreditar que Ele era de fato a Personalidade por excelência.

Daí, perseguiram-no e O levaram à morte, para maldição e confusão da sua nação. “Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3:1-2).

Necessidade de implementar as esperanças da Reforma

Assim se dá com a Reforma, para muitos. Esperavam por uma reforma que lhes traria mais riqueza e honra para com o povo, e poder para forçar os homens a fazerem o que eles quisessem. Em vez disso, agora vêem uma Reforma que os levou a maior humildade e sofrimento do que jamais poderiam ter previsto.

Isto não é bem recebido por eles. Quantas expectativas carnis são assim contraditadas! Daí, ocorrem semelhantes reações profundamente pessoais à Reforma.

Então, irmãos, se vocês realizarem com fidelidade aquilo que aceitaram fazer, na catequização, na instrução pessoal e na disciplina, farão muito mais pela verdadeira Reforma do que jamais poderiam imaginar. Se os bispos ou ministros realizarem esta obra, eu os verei como reformadores. Se os presbíteros o fizerem, também os considerarei reformadores. Os que o negligenciarem e lhe antepuserem obstáculos, só os verei como *deformadores*.

Portanto, diletos irmãos, são vocês, e pessoas como vocês, que devem dar a esta nação o fruto das orações e dos

pesares dos santos, com seu preço de sangue e de duros sofrimentos. Tudo o que eles fizeram, durante muitos anos, pelo bem da Igreja e da verdadeira Reforma, nada mais foi do que preparar o caminho para vocês realizarem a obra que eles queriam ver realizada.

Eles abriram as portas para vocês, custosamente e com sofrimentos exorbitantes. Colocaram nas suas mãos as ferramentas para a edificação. E agora, vocês vão ficar parados e vadiar?

Não o permita Deus!

Avante, pois, irmãos, e dêem à nação o fruto do preço e labor daqueles santos! Em nome de Deus, tomem todo o cuidado para não frustrar todas estas esperanças!

II. AS DIFICULDADES DOMINISTÉRIO PASTORAL

1. Consideradas em si mesmas, as dificuldades do ministério pessoal seriam desestímulos, e não estímulos. Mas, consideradas no contexto dos benefícios a que já nos referimos, estas dificuldades nos impulsionam para maior diligência. Concitam-nos a realizar a obra do Senhor. Pois, em nós mesmos, temos muita preguiça e indiferença.

2. Também temos a vil tendência, na disposição do caráter, para sermos bajuladores dos homens. Assim, preferimos vê-los perecer a perder sua consideração por nós. Preferimos vê-los caminhar impertubáveis para o inferno a importuná-los. Estamos prontos a aventurar-nos ao desprazer de Deus, a despertar a má vontade dos homens.

3. Alguns de nós temos uma tola timidez que nos leva a termos vergonha de falar com franqueza com as pessoas. Somos tão modestos que nos ruborizamos quando

falamos em favor de Cristo, contrariamos o diabo, ou quando queremos salvar uma alma. Ao mesmo tempo, ficamos menos envergonhados dos nossos atos vergonhosos.

4. Somos tão carnaís que os interesses da carne nos impelem a sermos infiéis na obra de Cristo. Tememos perder nossa renda, criar problemas para nós mesmos e colocar as pessoas contra nós. Para vencer tudo isso, requer-se aplicação diligente.

5. O maior obstáculo é que somos fracos na fé. Como poderemos, então, ajudar os que também são fracos na fé? Toda a nossa ação será fraca, se sua fonte dentro de nós for fraca. Daí o que se necessita é que todos os ministros cuidem bem de sua fé, tanto em si mesmos como em sua obra! Todos eles precisam ver principalmente que a concordância com a verdade das Escrituras — acerca do júbilo e dos tormentos vindouros — é segura e cheiade vigor.

6. Por último, comumente temos muita incompetência e inaptidão para esta obra. Como são poucos os que sabem lidar com a pessoa ignorante e mundana, pela sua salvação! Alcançar o seu interior, ganhar o seu coração e adaptar toda conversação pessoal com ela às suas condições e ao seu temperamento — isso tudo exige muita habilidade. Escolher os tópicos mais adequados e segui-los mediante uma santa mescla de seriedade, terror, amor, mansidão e jovialidade evangélica e cativante — é sempre vital importância.

Quem é apto para estas coisas? Acredito seriamente que é tão difícil, talvez mais difícil, conferenciar com uma pessoa mundana assim, quanto preparar os nossos sermões públicos. Portanto, todas essas dificuldades e desafios devem despertar-nos e levar-nos a tomar resoluções, a fazer preparativos e a exercer muita

diligência para não sermos dominados por elas. Tampouco devemos deixá-las impedir-nos na obra do ministério pastoral e pessoal.

Dificuldades a vencer

Quanto às nossas igrejas, também temos que vencer muitas dificuldades. Primeiro, muitos dos seus membros são obstinados e não querem saber de instrução. Recusam-se até a chegar perto de nós. Segundo, há os que desejam aprender, mas são extremamente lentos. Por isso, guardam distância porque têm vergonha da sua ignorância, a não ser que nós sejamos sábios e diligentes para os animar. Terceiro, quando vêm a nós, tão grande é a sua ignorância que é difícil fazê-los compreender. Estes saem tão ignorantes como quando chegaram da primeira vez. Além disso, e mais difícil ainda, podem sentir-se feridos e podem irritar-se, reagindo com dureza de coração. Portanto, se vocês não tiverem seriedade, fervor e propriedade de expressão, que benefício poderão esperar? Quando tudo tiver sido dito e feito, é preciso que o Espírito da graça faça a Sua obra.

Quinto, quando vocês causam algumas impressões desejáveis em seus corações, se não mantiverem estreito contato com eles, seus corações poderão recair em sua dureza anterior. Poderão retornar aos seus antigos companheiros e tentações, abortando efetivamente o trabalho todo.

III. A NECESSIDADE DO MINISTÉRIO PASTORAL

O ministro tem dupla obrigação

Já vimos as bases de preceitos bíblicos para esta obra. Vimos que todo cristão é obrigado a fazer tudo que pode para a salvação dos outros. Mas todo ministro é

duplamente obrigado, porque foi separado para o evangelho de Cristo, e também tem que se dedicar totalmente a essa obra (Romanos 1:1; 1 Timóteo 4:15).

Mesmo os mestres idosos precisam lembrar-se de Hebreus 5:12; eles também precisam ser exortados quanto aos “primeiros rudimentos das palavras de Deus”. Que os não-convertidos necessitam da salvação e que nós temos os meios — espero que estes fatos não sejam motivo de dúvida entre nós. Aqueles que mais se empenharam com suas igrejas, os examinem. Verifiquem se não há muitos em seus rebanhos que ainda são tão ignorantes e negligentes quanto ao evangelho como se nunca o tivessem ouvido.

De minha parte, preparo-me para falar tão franca e efetivamente quanto posso. Em seguida ao meu estudo privado, esta é a minha primeira prioridade. Todavia, com freqüência, encontro alguns dos meus ouvintes que me ouviram durante oito ou dez anos, e ainda não sabem se Cristo é Deus ou homem. Perguntam quando lhes falei do Seu nascimento, vida e morte. Ainda não sabem que as crianças têm o pecado original. Tampouco sabem da natureza do arrependimento, da fé, ou da santidade que deles se requer. Em sua maioria, têm apenas uma vaga crença em Cristo, na esperança de que Ele os perdoará, justificará e salvará. E o mundo ainda retém os seus corações.

O ministério pastoral

Sei que a pregação pública do evangelho é o mais excelente recurso do ministério, porque falamos a muitas pessoas de uma vez. Fora dessa única vantagem, geralmente é muito mais eficiente pregar a mensagem da Bíblia privadamente a um pecador particular. Em público pode ser que não usemos as expressões mais simples, e os nossos discursos são tão compridos que ultrapassamos o entendimento e a memória dos nossos

ouvintes. Deste modo, eles não conseguem acompanhar-nos. Mas, privadamente, podemos conduzi-los conforme o ritmo do entendimento deles e manter sua atenção por meio de argumentos, respostas e objeções, conforme as levarem. Concluo, pois, que a pregação pública não basta. Vocês podem preparar-se demoradamente, mas ainda assim podem pregar com pouca utilidade, a menos que exerçam este ministério pastoral e pessoal.

O exemplo de Cristo

Vejam pelos exemplos de Cristo como Ele utilizava o diálogo ao pregar aos Seus discípulos e aos judeus. Notem também o exemplo de Paulo. Igualmente Pedro pregou aos judeus (Atos, capítulo 2) e a Cornélio e seus amigos (Atos, capítulo 10), enquanto que Filipe conversou com o eunuco (Atos, capítulo 8) e Paulo falou com o carcereiro (Atos, capítulo 16). Estes são alguns dentre muitos outros exemplos. Paulo pregava aos que estavam em estima, para que não corressem nem trabalhassem em vão (Gálatas 2:2).

Não há dúvida de que esta necessidade do ministério pastoral está incluída na primeira incumbência que Paulo registrou em 2 Timóteo 4:1-2 — “Conjuro-te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redargues, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina”. Tanto a pregação como toda sorte de repreensão e exortações são exigidas aqui.

O ministério pastoral como um serviço permanente

Há também a necessidade de se cumprir esse dever indefinidamente. Primeiro, é necessário dar maior glória a Deus pelo sucesso mais completo do evangelho. Quando seguimos o processo que dá melhor resultado, nós

o fazemos para engrandecer a glória de Deus. Portanto, como seria engrandecida a glória de Deus, se este ministério pastoral fosse posto em execução em todas as comunidades da nossa nação! Se, pois, podemos aumentar o número e o vigor dos santos, com isso podemos aumentar a honra do Rei dos santos. Pois Ele receberá então serviço e louvor, quando antes recebia desobediência e desonra.

Este dever é necessário também para a felicidade do nosso povo. É óbvio que favorece a sua salvação. Assim, irmãos, poderiam estar por perto, ouvir o clamor macedônio, “ajuda-nos”, e recusar seu auxílio?

A fidelidade pastoral é essencial

Devo dizer-lhes mais, que esta fidelidade ministerial é necessária para o seu próprio bem, como também para o bem do seu povo. Portanto, se vocês não cuidarem dos outros, cuidem pelo menos de si mesmos.

Receio que chegue o dia em que os pastores infiéis preferirão nunca ter conhecido a responsabilidade pastoral a eles confiada. Pensarão que teria sido melhor terem seguido outras carreiras, em vez de serem pastores do rebanho de Cristo! Pois, além dos seus outros pecados, terão que responder pelo sangue de muitas almas.

A solenidade da nossa responsabilidade

Nós também vamos morrer. Temos que morrer; não há remédio, nem engenho, nem saber nem crédito, nem aplauso popular que possam dilatar o tempo. Querendo ou não, nossas almas irão para uma esfera onde as nossas pessoas e os nossos interesses terrenos não serão respeitados. Oh, irmãos, se houvesse uma consciência limpa que pudesse dizer: “Não vivo para mim mesmo, mas para Cristo. Não poupei esforços; não escondi

meu talento. Não oculte a miséria dos homens, nem o meio de sua recuperação”.

Portanto, cinjam os lombos das suas mentes, e tratem de conduzir-se como homens, para que possam terminar os seus dias com a triunfal confiança de Paulo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia” (2 Timóteo 4:7-8).

Sermos cooperadores com Deus e Seu Espírito não é honra pequena. Estarmos envolvidos na salvação dos homens por amor a Cristo não é coisa de somenos. Porventura, precisaremos empilhar uma multidão de palavras para persuadi-los a um dever conhecido e de peso? Decerto que não, embora muitas testemunhas estejam prontas a levantar-se contra nós, para nossa condenação, se não olharmos por nosso ministério pastoral: nossos pais, nossos mestres, nossos dons, nosso saber, nosso compromisso voluntário com as almas que confiaram em nós, todos os preceitos das Escrituras, todos os exemplos dos profetas e dos apóstolos, todos os sermões que pregamos, toda a honra que esperávamos do nosso ministério, todos os esforços para estabelecer a Reforma, e mesmo os nossos votos e promessas. Que será, se tivermos que dizer: “Grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós; porquanto *não agimos de acordo com esta aliança*”? (2 Reis 22:13; 2 Crônicas 34:21)

[Baxter em seguida trata de objeções específicas, relacionadas com a sua época, ocupando umas doze páginas, que não precisam ser repetidas aqui.]

Mas, para todos os tempos, uma coisa é necessária: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça” (Mateus 6:33). E mais: “Pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho” (1 Coríntios 9:16). É

isso que tornará leves todos os nossos fardos, e toleráveis todos os nossos sofrimentos, quando tivermos sempre diante de nós esta necessidade. Aquele que sabe que serve a Deus jamais será um perdedor, e não terá por que temer, seja qual for o risco que venha a correr.

Assim, irmãos, não gastarei mais palavras para exortar sábios negociantes que já venderam tudo que tinham pela pérola de grande preço. Tomarei como certo que vocês estão resolvidos a aplicar a máxima diligência e fidelidade a esta obra.

TERCEIRA PARTE

ALGUMAS DIRETRIZES PARA APRESENTAR DIRETRIZES PARA A DIREÇÃO EFICAZ DA OBRA PASTORAL

Podemos agora começar a ver as diretrizes para a condução eficiente deste trabalho do ministério pastoral. Tão grande é a obra que temos diante de nós, que seria trágico se nascesse morta. Seria trágico se ela perecesse em *nossas mãos*. Temos *que lidar com uma geração* difícil. E embora esteja fora de nossa capacidade transformar um coração carnal, sem a operação da graça eficaz do Espírito Santo, é comum Deus agir empregando meios. Nessa base Ele abençoa os bons esforços dos Seus servos.

Talvez o principal perigo da nossa parte seja a falta de diligência e de habilidade que podemos exercer. Da diligência já falei bastante. Quanto à habilidade, estou tão ciente da minha própria inabilidade, que me pergunto se posso dar alguma orientação, exceto aos pastores mais jovens e menos experientes. Contudo, devo dizer

alguma coisa, dado o profundo interesse que tenho pelo bem-estar da Igreja e da nossa nação. Ambas dependem muitíssimo da direção e do sucesso da nossa obra pastoral.

Há dois pontos com os quais vocês devem se preocupar. Primeiro, precisam animar as suas igrejas a submeterem-se a este curso de instrução ministrado privadamente. Se não se aproximarem, que benefício poderão receber? Segundo, meu interesse é que vocês sejam tão eficientes quanto possível, quando os membros das suas igrejas os procurarem em busca de auxílio e instrução.

I. DIRETRIZES PRÁTICAS

Assegurem-se de que o ministro se conduza pessoalmente, em seu ministério e em sua vida, de tal maneira que os membros do seu rebanho tendam a convencer-se da sua capacidade, sinceridade e não fingido amor por eles.

Se eles acharem que o pastor é ignorante, desprezarão seu ensino e se julgarão tão sábios como ele.

Se acharem que ele é interesseiro ou hipócrita, ou mesmo uma pessoa que não cumpre o que diz, desconfiarão de tudo o que ele disser ou fizer por eles. Não terão consideração por ele.

Se pensarem que o único pensamento dele é dominá-los, afligi-los e transtorná-los, fugirão dele, como se foge de alguém cujos esforços são vistos com desgosto e ódio.

Mas quando estiverem convictos de que ele sabe o que faz e confia em sua capacidade, então o respeitarão e serão dóceis ao seu ensino.

O pastor que conhece as suas limitações

Desde que escrevo aos que são modestos demais para pensarem que são muito capazes e, portanto, não esperam receber a referida consideração, direi três coisas:

primeira, vocês precisam preparar-se e trabalhar quanto puderem. Segunda, precisam ser tão fiéis quanto possível. Isso lhes granjeará o respeito daqueles que vêem que vocês são mais sábios do que eles. Terceira, o que lhes falta em habilidade poderá ser suprido por outras maneiras. Então, o seu conselho será tão eficiente como o dos que são mais capazes.

Se os ministros se satisfizessem só em buscar os interesses do seu rebanho de maneira auto-sacrificial, e se fossem íntimos, amorosos e prudentes em suas relações, abundantes em toda boa obra, fariam muito mais do que normalmente fazem. Não que nos interessássemos por eles por nosso interesse próprio; mas, em vez disso, somente pela promoção dos interesses, de Cristo e da salvação do Seu povo. Trabalhem, pois, de maneira que conquistem algum interesse dos seus apascentados mediante afeto e estima; depois serão capazes de conduzi-los mais eficientemente.

Que fazer, se o pastor perdeu o respeito da sua igreja?

Que deverá fazer o ministro que tenha perdido o respeito da sua igreja? Se os membros da sua igreja são indignos dele, insensíveis, ou se falseiam o seu zelo e bondade em prol do bem-estar deles, ele deverá ser paciente e manso, continuando a instruí-los. Chegará o dia em que se arrependerão. Mas se essa perda foi causada por algumas fraquezas que o pastor mostra em sua pessoa, ou diferenças de opinião, ou simplesmente preconceito pessoal, que ele trate de eliminar todos os preconceitos que puder. Se não puder fazê-lo, que lhes diga que não trabalha para si, mas pelo bem deles.

Se tudo isso não der resultado, e eles não puderem acatar sua personalidade e seu ministério, que renuncie. Isto permitirá que outra pessoa, mais adequada para a obra, seja pastor deles. Permanecer é frustrar os seus

próprios dons e privar a igreja de um benefício que ela estaria mais aberta para receber doutro ministro mais compatível.

Como convencer suas igrejas a verem mais positivamente o ministério pastoral

Essa dinâmica pessoal é óbvia. Suponhamos que vocês estejam satisfeitos com as suas igrejas. A interrogação subsequente será: quais os meios mais eficientes para convencê-las do benefício e da necessidade do seu ensino pessoal e pastoral às suas almas? A maneira de, convencer alguém do que vocês lhe estão oferecendo consiste, certamente, em mostrar que aquilo é bom e necessário para o indivíduo. Isto requer sermões claros e desafiadores. Mostrem-lhe o benefício e a necessidade da verdade divina e dos princípios básicos que eles deverão captar.

Hebreus 5:12 ilustra bem isto. Os oráculos de Deus devem constituir as lições para os homens. Os ministros devem ensiná-los, e o povo deve aprendê-los. Os oráculos de Deus contêm princípios básicos que todos devem conhecer para serem salvos. Então, é de esperar que eles progridam neste conhecimento e no ensino que deles é feito. Se não progredirem, será por causa de alguma enfermidade em suas vidas. Se alguém viveu muito tempo na igreja sem aprender esses princípios básicos da fé, então— por mais idoso que seja — ainda precisa começar de novo a aprendê-los desde o início.

Levem a sério o seu ministério

No mundo os homens não podem desempenhar as suas atividades sem terem conhecimento específico, nem podem saber levar adiante um negócio sem adequado aprendizado. Igualmente é uma contradição o cristão negar-se a aprender os ensinamentos básicos do cristianismo.

Portanto, se alguém, como cristão, é um discípulo de Cristo, como pode negar-se a ser instruído por Ele? Da mesma maneira, a recusa a deixar-se instruir pelo ministro de Cristo é, pois, uma recusa a deixar-se instruir pelo próprio Senhor.

Por conseguinte, façam ver à igreja que não se trata apenas de uma questão de inventar e impor aos crentes esta questão de ensiná-los. É-nos imposta a necessidade de fazê-lo, pois fomos vocacionados por Deus. Mas procurem levá-los a ver que isso é proveitoso para o seu progresso moral e para o seu desenvolvimento na realidade da sua salvação.

Como vêem, constitui toda a visão deste livro, e por trás disso está o programa da igreja de cada um de vocês ensinar o catecismo — ou os princípios básicos da fé — a todas as famílias da circunvizinhança da igreja. Façam que saibam que visitarão cada um dos seus lares levando em mente essas instruções, e providenciem para eles os livros necessários para ajudá-los. Já observamos um dia de arrependimento e de humilhação por toda a igreja. E temos levantado uma coleta que cobrirá os gastos com a circulação dessas obras. Dêem-lhes, então, um mês ou seis semanas para terem tempo de ler os livros sobre o cristianismo básico, distribuídos por vocês.

Procurem animá-los quanto puderem

Sejam amáveis com eles. Animem-nos quanto puderem. Digam-lhes que, se quiserem estudar as bases da fé cristã nalgum outro livro, vocês aceitarão isso.

Aceitem também a realidade de que os membros mais idosos podem ter memória fraca, não podendo aprender com a mesma facilidade dos mais jovens. Não eliminem aqueles que não estão querendo submeter-se ao sistema de ensino introduzido por vocês. Mas, argumentem

com eles e sejam pacientes, pois a caridade é
sofredorae benigna.

II. ENSINO EFICAZ

Uma vez que as famílias comecem a estudar o catecismo, vejam como ensiná-las mais eficazmente, pois é mais fácil compor um sermão do que lidar pessoalmente com um ignorante acerca dos necessários princípios da fé. Além disso, não tem importância quantos sermões vocês preguem, se não puderem lançar os alicerces da instrução pessoal básica. Sem esta, todo o seu trabalho será em vão.

1. Quando vocês reunirem em sua casa uma família ou mais para estudo em grupo, ponham os participantes à vontade e mostrem-lhes quanto realmente se interessam por eles. Mostrem-lhes, por seu próprio exemplo, que não fogem de nenhum problema; que consideram uma alta prioridade estar com eles, a fim de estudar com eles o catecismo. Levem a sério o desejo de serem conselheiros espirituais.

Ensinem-lhes um por um

2. Havendo-lhes falado desse modo, tomem as pessoas, uma a uma, e trabalhem com elas privadamente, quanto puderem, longe dos ouvidos dos restantes, pois alguns não conseguem falar livremente diante de outros. Alguns não suportam que os interroguem na presença de outros, porque acham que é vergonhoso a pessoa ficar embaraçada pelo fato de outras pessoas ouvirem as suas respostas. Outros, ainda, são tímidos, e será melhor que discutam as questões privadamente. Portanto, precisam ser muito prudentes, para ver como impedir essas dificuldades.

Mas a principal razão para ministrar o ensino um por um (como sei por experiência) é que as pessoas

receberão melhor as discussões pessoais e francas acerca dos seus pecados, da sua infelicidade, do seu sentimento de culpa, deste modo: quando vocês lhes falam privadamente. Mas cuidado para não provocarem escândalo desnecessário, falando com mulheres isoladamente, quando seria mais prudente fazê-lo na presença doutras pessoas. Todas essas pequenas coisas merecem atenção, porque fazem parte de uma obra que é muito importante. Pequenos erros podem obstruir um relevante trabalho pelo bem.

3. Comecem o seu trabalho levando em conta o que eles já aprenderam do catecismo; recebam as suas respostas a cada pergunta. Se só conseguirem recitar pouco, ou nada, do catecismo, procurem ver se eles conseguem conhecer bem o Credo Apostólico ou os Dez Mandamentos.

Selecione doutrinas importantes para ensinar

4. Depois escolham algumas das mais importantes questões doutrinárias. Perguntem-lhes o que acham que acontecerá com o homem depois da morte. Ou o que crêem acerca do pecado. Ou que sentença o pecado merece. Ou que remédio Deus providenciou para a salvação das almas pecadoras e infelizes. Ponderem com eles como são salvos pelo sangue de Cristo.

Estas e outras questões os habilitarão a focalizar as realidades do que são o arrependimento, a fé e o perdão do pecado. Façam-lhes perguntas sobre a regeneração e a santificação. Em cada caso, disponham de tal modo as suas questões que eles possam ver claramente o que vocês pretendem e de modo que enxerguem as respostas que esperam deles. Sejam gentis com eles. Se virem que há alguém que não sabe responder, tirem o fardo de cima dele e respondam vocês mesmos a pergunta. Façam-no completamente e com toda a clareza, e dêem uma explicação tão completa quanto puderem da

matéria.

Ofereçam-lhes um amplo estudo da fé

5. Havendo-lhes ministrado um amplo estudo dos pontos fundamentais da fé, continuem a instruí-los de acordo com as necessidades e o caráter específicos de cada um. Se, por exemplo, estiverem ensinando alguém pouco instruído, concentrem-se naquilo de que ele mais necessite quanto a uma explicação mais ampla das doutrinas do evangelho ou dos deveres que ele precisa cumprir. Se, por outro lado, for alguém muito ignorante, repitam para ele o estudo completo do caráter da fé cristã com o mínimo possível de palavras. Como cada qual difere em suas capacidades, dirijam-se às suas necessidades específicas.

Apliquem a verdade de maneira pessoal e amigável

6. Chegou a hora de se fazer uma investigação que permita conhecer bem a vida pessoal deles. Da melhor maneira possível, e quanto menos agressiva, melhor, procurem persuadi-los das suas necessidades pessoais. Lembrem-se, é o Espírito Santo que ilumina as mentes dos homens, abrandá-lhes os corações e os converte do poder de Satanás a Deus, pela fé em Cristo, fazendo deles um povo peculiar e santificado para Deus. Procurem discernir e ver se eles são verdadeiramente convertidos. Verifiquem se eles têm senso de segurança e do perdão do pecado. Perguntem-lhes se eles sentem um real gozo de Deus em suas vidas.

7. Se, nas pesquisas que fizerem para conhecer as suas condições espirituais, vocês descobrirem que alguém dá a impressão de que ainda não se converteu, esforcem-se com toda a sua habilidade e com toda a sua energia para levar o seu coração a aperceber-se do estado em que se encontra. Mostrem a todos os que se acham nessas condições que, como o enfermo precisa de médico, assim eles precisam de Cristo. Argumentem que, se eles sabem

realizar as suas atividades no mundo, realmente não têm razão para não aprender a fazer a vontade de Deus.

Assim, procurem zelosamente pôr essas coisas todas nos corações deles. Sim, pois, se vocês não penetrarem em seus corações, terão feito pouco ou nada que preste para Deus.

8. Concluo esta discussão toda com uma exortação prática. Consiste de duas partes. A primeira é: Saibam que o dever do coração é estar aberto para Cristo e para ser ocupado por Cristo. A segunda é: Mostrem exteriormente, pe-10 abandono dos pecados passados e pela mudança de vida, que houve arrependimento verdadeiro. Animem-nos a mudar de companhia para o abandono dos velhos hábitos que tinham outrora. Façam-no solenemente, lembrando-lhes que estão na presença de Deus, que ouve as suas pro-tnessas e espera que as cumpram.

Demonstrem sensibilidade para com eles

9. Antes de dar por terminado esse trabalho com eles, mostrem que estão preocupados em ver que não os tenham ofendido com a sua forma de expressar-se. Digam-lhes que, como a eles, aborrece a vocês terem que pô-los à prova.

Tenham zelo por eles. Façam-nos ver que vocês estão com seriedade agindo e que, para vocês, nada é mais sério do que o destino eterno deles e o seu bem-estar futuro. Visto que não poderão vê-los com freqüência, assegurem-se de que os chefes de família assumam a responsabilidade de dirigir e alimentar espiritualmente suas respectivas casas.

Anotem os seus contatos pastorais

10. Anotem num livro próprio todos os que vocês visitaram da maneira aqui indicada. Anotem os seguintes dados, a respeito de cada um: suas reações

peçoais, suas condições espirituais particulares e suas necessidades. Tomem nota dos obstinados e dos que talvez precisem receber mais disciplina.

Tratem cada qual como uma pessoa única

11. Vejam também, quando estiverem com alguém, que suas maneiras reflitam o caráter daquilo que estão comunicando. Assim, falem com propriedade e, portanto, diferentemente, com cada um.

Com os tardos e teimosos, sejam rijos e severos. Com os brandos de coração e temerosos, sejam amáveis e insistam na necessidade que eles têm de direção espiritual. Com os jovens, dêem mais ênfase à questão das tentações dos prazeres sensuais e à grande necessidade que eles têm de dominar as suas paixões. Aos idosos, preparem-nos para a morte e para sua necessidade de abster-se dos estultos caminhos do presente mundo. Com os jovens, sejam francos; e com os velhos, sejam respeitosos. Aos ricos, preguem a abnegação e o caráter enganoso da prosperidade. Aos pobres, mostrem a glória do evangelho.

Observem, também, a tentação própria de cada faixa etária, de cada sexo, de cada profissão e de cada emprego. Sejam tão simples e humildes diante deles quanto puderem. Dêem-lhes provas bíblicas de tudo que lhes disserem. Daí verão que não é apenas vocês que lhes falam, mas Deus.

Sejam sérios em todas as coisas, mas especialmente no modo como aplicam a verdade às necessidades específicas das pessoas. Não há nada que eu receie mais do que o modo descuidado e superficial como alguns ministros exercem o seu ministério, de maneira tão sem vida e formalista! Colocar algumas questões indiferentes aos seus paroquianos, dizer-lhes duas ou três frias palavras

de aconselhamento, e fazê-lo sem vida ou sem sentimento — eis um método seguro de conseguirem resultados negativos dos seus ouvintes.

Meditem com o coração diante de Deus

Evitem isso tomando o especial cuidado de passar tempo com os seus corações. Avivem e fortaleçam a sua confiança na verdade de Deus, acima de tudo. Sim, pois esta obra porá à prova a força da sua fé. Aquele que é cristão só superficialmente, e que não é firme na fé, verá o seu zelo fraquejar facilmente. O fervor insincero e a hipocrisia não agüentarão por muito tempo os deveres a serem cumpridos. Para o hipócrita, o púlpito é apenas um palco.

Sejam homens de oração

É vital que nos preparemos para o púlpito, e, portanto, com oração praticada privadamente. Demonstrem claramente o seu amoroso interesse pelas almas do seu povo. Nas discussões particulares com as pessoas, mostrem-lhes que vocês não lhes dão nada mais, nada menos que a sua salvação.

Se tiverem tempo limitado, reúnam as pessoas em grupos. É muito melhor do que agir às pressas com indivíduos e manter contatos superficiais com eles. Assegurem-se de que os que vocês reúnem são amigos comuns, para não se negarem eles a confidências, quando vocês falarem comeles.

Procurem os mais pobres, para ajudá-los

Por último, se Deus os capacitar, estendam a sua caridade aos mais pobres do povo. Dêem-lhes uma contribuição para aliviá-los, e compensem-nos pelo tempo em que forem tirados do seu trabalho para instrução. Sei que vocês não

lhes podem dar o que não têm. Mas falem com os que podem ajudar nisso.

Quanto aos que estão sob temor e depressão, não tratarei deles agora. Pretendo focalizar a discussão disso noutro plano. Já fiz o necessário, penso eu, na obra publicada com o título, *Directions for Peace of Conscience* (Orientações para a Paz de Consciência).

ALGUMAS

DIFICULDADES DO ENSINO PASTORAL

Provavelmente vocês encontrarão elementos molestos, que criarão dificuldades durante o seu trabalho. Haverá os perguntadores cheios de opiniões, movidos pela presunção e pela vaidade. Estarão mais prontos a ensinar que a receber ensino. São capazes de argumentar como se vocês fossem ignorantes, necessitados de instrução. Se também forem contestadores, farão vocês perder tempo com tolos argumentos e com muita discussão, ao invés de procurarem aprender alguma coisa.

Também é provável que alguns os procurem para acusá-los de pertencer a uma igreja falsa, por causa dos maus crenes. Criticarão sua maneira de ministrar as ordenanças, o funcionamento da administração.

Se encontrarem pessoas assim, façam-nas saber que o seu ministério catequético não oferece o lugar próprio para a discussão das referidas questões. Façam-nas saber que estão tentando evitar as suas críticas e perguntas. Irão recebê-las numa ocasião mais propícia.

Especifiquem os pontos fundamentais da fé

Peçam aos questionadores que, antes de tudo, concentrem a sua atenção no catecismo e reconheçam que este é o propósito pertinente a esta reunião em particular. Também é mais importante focalizar os fundamentos da fé, que os minuciosos escrúpulos daqueles que insistem em argüir. Se eles aceitarem isto, examinem com eles os pontos essenciais da fé, especialmente dentro do contexto das Escrituras. Sim, pois o mais provável é que vocês descubram que eles são bastante ignorantes dos pontos bíblicos fundamentais.

Sejam sensíveis às necessidades das pessoas

Tenham cuidado com eles, se forem indivíduos pervertidamente asmáticos ou hereges dogmáticos em suas opiniões e cheios de orgulho. Se for este o caso, pouco vocês poderão esperar quanto à sua recuperação. Mas se virem que são moderados e piedosos, poderão alimentar grandes esperanças sobre eles. Não os menosprezem, nem deixem escapar palavras ásperas. Isso é essencial, uma vez que precisamos velar pela reputação de todos os bons homens. Devemos levar as cargas uns dos outros, e não aumentá-las. Devemos restaurar com espírito de mansidão os que acaso caíam em fraquezas, lembrando que nós também estamos sujeitos à tentação. Lembrem-se igualmente de que é improvável que possam ajudar aqueles que vocês exasperaram e fizeram voltar-se contra as suas pessoas.

Sejam amáveis com as pessoas

Vejam que aquelas pessoas, a respeito das quais vocês têm algumas esperanças, sejam tratadas com brandura e amor, pois, quando são maltratadas, podem tornar-se tão egocêntricas e orgulhosas, e até mais impacientes com a repreensão do que muita gente profana.

Ao concluir a sua reunião, se vocês se virem a braços com os que contendem e entram em controvérsia e discussão, digam-lhes isto: seria melhor vocês tratarem de aprender do que discutir. Tendo ouvido tudo que eles têm para dizer, deixem claro que nada daquilo é novo para vocês. Se lhes derem provas teológicas de suas razões, significa que vocês receberam tal conhecimento há muito tempo. Se for contrário à verdade, ser-lhe-ás melhor ficar com a verdade. Se mostrarem desejo de ouvir as suas provas, digam-lhes. É bom desafiá-los a examinarem as provas da própria fé. Se se recusarem, só poderão provarque são infiéis à verdade.

Não exagerem os escrúpulos denominacionais

Lidando com os divergentes, não deixem de tentar resumir a verdade acerca da qual estão de acordo. Se as diferenças não forem fundamentais, discutam isso com eles. Se as diferenças forem pequenas, advertam-nos sobre cisões e sobre os tristes meios pelos quais a causa do Senhor pode ser retardada por causa dessas diferenças insignificantes. Naturalmente, falo só das diferenças pessoais sobre as quais podemos discordar, e não de graves questões de heresia e de erros importantes.

[Aqui Baxter cita um sermão que o bispo Ussher pregou diante do rei Tiago I, sobre a unidade da Igreja. Esse sermão contém comentários sobre a tragédia de que, enquanto há desunião entre católicos romanos e puritanos, as multidões continuam iletradas, religiosamente. Isso é fruto da negligência resultante das dissensões e invejas.]

COMO LIDAR COM OS CISMÁTICOS

Tendo-os advertido do que fazer com tais homens, quando comparecem a instrução ministrada privadamente, consideremos como vocês deverão proceder

para com eles noutras ocasiões. A preservação da paz e da unidade em sua igreja local pode depender muito da maneira correta de lidar com essa gente. Ah, com demasiada frequência as pessoas que nos dividem na igreja, geralmente são as que professam zelo religioso além do comum!

Protejam dos causadores de problemas a comunidade

1. Sua primeira responsabilidade é proteger dessas pessoas a igreja. Sim, pois o mais provável é que, se procurarem corrigi-las dos seus falsos caminhos, elas se voltem para algum outro erro. Raramente recuperam a fé verdadeira. Como a abelha que voa de flor em flor, elas vão de uma causa de erro para outra.

Cumpram a sua tarefa doutrinária

2. Normalmente o ministro possui mais conhecimento e capacidade do que o seu rebanho nas questões espirituais. Ele deve ser capaz de ensiná-lo francamente, assumindo postura enérgica.

Quando o sedutor tem língua destra, e o ministro é lerdo e ignorante, este pode ser levado a ficar confundido e pode cair no desprezo. Isto só serve de pedra de tropeço para os fracos. Assim, quando o ministro pode desmascarar esse tipo de gente, ajuda grandemente a proteger a igreja contra a sua influência.

Concentrem-se nos pontos bíblicos fundamentais

3. Ponham em destaque muitas vezes para os membros da sua igreja a natureza, a necessidade e a utilidade diária dos grandes, inquestionáveis e fundamentais princípios do cristianismo. Levem-nos a compreender que é dos principais princípios da fé que a vida ou a morte depende. Não depende daqueles pontos

triviais ao redor dos quais tão frequentemente a controvérsia gira.

4. Façam-nos sensíveis aos danos que a cisão causa. Ensinem-nos a captar as grandes e certas obrigações que pesam sobre todos nós, de mantermos a unidade e a paz da igreja.

Sejam vigilantes quanto à ameaça de cisma

5. Quando um fogo se acende, tratem logo de apagá-lo no início. Não deixem nem sequer uma fagulha rebrilhar, antes de vocês extingui-lo. Assim, vão logo a todas as pessoas que vocês desconfiam estarem contagiadas. Aconselhem-nas até estarem certos de que se recuperaram daquele mau espírito.

6. Pode-se permitir redirecionar uma importante questão controvertida levantando outra, que vocês dominem melhor, desde que a segunda não tenha a probabilidade de dividir a igreja como a primeira. Façam essas pessoas verem que existem dificuldades muito maiores que as delas para serem resolvidas. Desta maneira, poderão humilhar-se ao tomarem consciência da sua ignorância e presunção.

7. Tenham o cuidado de não alimentar sempre o seu povo com leite quando precisa de alimento mais forte, pois, se fizerem isso, os ouvintes tenderão a inchar-se de orgulho. Fazendo uma colocação diferente, se as pessoas ficarem ouvindo continuamente de seu ministro as mesmas coisas, que já estão cansadas de ouvir, vão pensar que são iguais ou até mais sábias do que ele.

Façam constantes desafios aos seus ouvintes, com um ministério sempre renovado

Mesmo que vocês não costumem deixar de lado as grandes e fundamentais verdades, nem negligenciarem os pobres e os ignorantes das suas igrejas, ainda

poderão incluir nos seus sermões uma parte que dobre os presunçosos e os levem a humilhar-se. Eles precisam aprender a enxergar que não passam de crianças e que vocês são capazes de pregar com profundidade que excede a capacidade de assimilação deles.

Não se dêem a fazer ataques pessoais do púlpito

8. Vejam que não preguem contra eles do púlpito. É prudente não mencioná-los especificamente, nem falar da seita deles, pois, em geral, tais pessoas são sensíveis, arrogantes, temperamentais e atrevidas. Elas os odiarão e voarão sobre vocês, tendo-os como inimigos, e os acusarão de maledicência anticristã. Portanto, em vez de mencioná-las nominalmente, exponham com clareza as verdades que refutem plenamente os erros que elas andam ensinando. Se vocês trabalharem direito, o erro cairá sob o seu próprio peso.

Quando precisarem dirigir-se diretamente a elas, não façam aplicações curtas e insatisfatórias, e muito menos censuras irritantes. Antes, abordem a questão sem especificá-la nominalmente, façam a exposição dela sem preconceito, conduzam-na de maneira completa e branda, mas também com convicção. Dêem as mais completas provas, tiradas das Escrituras. Mas não digam tudo que poderiam dizer; em vez disso, selecionem aqueles pontos que têm menor probabilidade de parecer controvertidos.

Certifiquem-se de que as suas reuniões edifiquem realmente

9. Tratem de manter as suas reuniões familiares, pois elas os habilitarão a levar as pessoas a uma comunhão na qual lhes será possível trabalhar com elas mais prudentemente. Deste modo, vocês poderão impedi-

las de dividir-se entre si, pois elas terão liberdade para dizer o que quiserem, sem restrição.

Nesse tipo de reunião, nunca deixem de comparecer pessoalmente. Não permitam que ocorram contendas. Portanto, não deixem que a reunião seja usada de modo que indivíduos particulares possam buscar a sua glória pessoal, mas sim que edifique as pessoas. Levem todos os presentes a entenderem que podem fazer perguntas sobre qualquer coisa de que ainda tenham alguma dúvida em suas mentes. Elucidem vocês mesmos as dúvidas.

Se virem alguns exibirem conhecimento e habilidade que tenham a possibilidade de dividir o grupo, repreendam-nos com brandura, pois é para o bem deles que vocês fazem essas coisas. Façam-nos saber que é sinal de coração orgulhoso ensinar quando está presente um mestre designado para isso.

Aparelhem bem os talentos descrentes

10. Ao mesmo tempo, procurem utilizar todas as habilidades dos membros dos seus rebanhos, quanto puderem. Utilizem-nos como auxiliares em seu ministério, de maneira ordenada e sob a sua direção. Doutro modo, poderá suceder que os vejam trabalhando de maneira desordenada e em oposição a vocês. Não é incomum o desenvolvimento de cismas quando o ministro despreza friamente a pregação dos leigos, não se dispondo a usar os dons que Deus concedeu a esses homens para ajudarem a igreja.

Alguns ministros jogam fora as pessoas talentosas da sua igreja como se fossem profanas. Quando nenhuma outra mão, senão unicamente a do ministro, é empregada na obra da igreja, a tendência será de que essa obra vá

mal. Ora, Deus não entrega dons aos homens para serem enterrados, mas para o uso comum da igreja.

Meios de promover o pleno uso das habilidades dos membros da igreja

Eis alguns meios pelos quais vocês poderão fazer melhor uso das habilidades dos membros das suas igrejas:

(1) Concitem-nos a serem diligentes no ensino e na oração por suas famílias. (2) Concitem-nos a visitar os seus vizinhos pobres e ignorantes. (3) Concitem-nos a procurar seguidamente os pecadores impenitentes e escandalosos ao seu redor, procedendo com eles com toda a habilidade e sinceridade possíveis. Levem-nos a fazê-lo com amor e paciência, para converter, reformar e servir as suas almas. (4) Dêem-lhes a conhecer o dever que têm de velar uns

pelos outros, com amor fraternal. (5) Em suas reuniões privadas, nos dias de humilhação e nas ações de graça em privado, usem-nos para orar. (6) Encarregar diáconos os ajudará a manterem a unidade da igreja e o exercício da disciplina, bem como a manifestar-lhes o reconhecimento pela utilidade dos seus serviços.

Cautela com os causadores de problemas!

11. Com os que causam problemas e tendem a causar divisões, mantenham o amor cristão e comunhão. Mantenham o amor mesmo quando eles comecem a desviar-se e a agir impensadamente. Não percam o interesse por eles, enquanto não acharem que podem ajudá-los a recuperar-se.

12. Se eles se ausentarem das suas reuniões privadas, vão atrás deles e fiquem entre eles constantemente — o mais que puderem. Repreendam com suavidade a ilegitimidade daquilo que estão fazendo, mas garantam-lhes

que estão dispostos a ouvir o que têm para dizer. Uma causa muito comum de cisão neste país é a atitude dos ministros, condenando-os, ou se ausentando das suas reuniões particulares, ou falando deles por trás, em tom condenatório, ou até reprovando-os do púlpito. É mais fácil fazer isso do que desempenhar o papel de um médico habilidoso que procura curar o seu paciente.

13. Se todos esses esforços forem infrutíferos, convidem o ministro mais capaz da vizinhança que vocês conheçam. Peçam que venha ajudá-los privadamente.

14. Não deixem que os autores da cisão excedam em qualquer coisa boa. A verdade tem que ser mais eficaz para a santificação do que o erro. Mas se vocês derem aos promotores de cismas a vantagem de parecerem mais obedientes à verdade do que vocês, terão ganho o dia. Toda discussão mais que vocês fizerem significará muito pouco, pois muitos julgarão só pelas aparências e pelos efeitos, sendo muitas vezes incapazes de julgar pela própria doutrina. Talvez pensem que quem for considerado melhor, também haverá de ter a melhor causa.

Então, quando um libertino pregar a livre graça de Deus, vocês terão que pregá-la mais eficazmente. Se ele engrandecer a graça do amor, dêem tudo para viver no puro amor a Deus. Não o contradiga nos aspectos positivos, mas somente nos aspectos negativos e destrutivos dos seus ensinamentos. Esta é a maneira mais eficaz de colocar os seus rebanhos contra a sedução dos ensinamentos falsos. Lembrem-se também de que pregar a verdade é o mais vitorioso meio de confundir o erro.

Impeçam também os causadores de divisões de os excederem na prática da justiça e do santo viver, com o mesmo empenho com que não devem deixar que os excedam no ensino diligente e sadio. Dediquemos amor a todos, e especialmente aos santos. Façamos o bem

a quantos pudermos. Sejam mais justos do que os divisionistas, mais misericordiosos, mais humildes, mais mansos e mais pacientes. “Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos” (1 Pedro 2:15).

Sejam conhecidos pelos frutos do Espírito

Sobrepujemo-los com uma vida santa, não prejudicial, reta, misericordiosa, frutífera, uma vida que reflita o céu — como fazemos com relação à firmeza doutrinária. Sejam conhecidos por estes nossos frutos. Então, os irmãos mais fracos poderão ver a verdade em nossas vidas, quando são incapazes de vê-la na doutrina. Resplandeça, pois, a nossa luz diante dos homens, para que vejam as nossas boas obras e glorifiquem a nosso Pai, que está nos céus (Mateus 5:16).

Como teria sido feliz a Igreja se, em lugar de brigarem por causa de erros e cisões, os ministros do evangelho seguissem esse modo de agir. Ela teria muito mais poder.

O CRISTÃO APÁTICO E VACILANTE

Cuidem com zelo especial dos que não crescem

Temos considerado três tipos de pessoas com que nos defrontamos: (1) os ignorantes e não-convertidos; (2) os crentes que têm dúvidas e problemas; (3) os críticos cheios de opiniões ou cismáticos sedutores.

Há também um quarto tipo de gente que se nos apresentará, a nós ministros, com grande desafio. Trata-se de pessoas que podem ter tido verdadeiro arrependimento e fé, mas que permanecem indiferentes, vacilantes, sem nenhuma profissão de piedade que as fizesse notórias, ou talvez incoerentes em seu andar. Tais

pessoas fazem-nos mais temerosos que esperançosos a seu respeito.

Assim, oscilamos entre a esperança e o temor por elas, mesmo quando não as podemos acusar de não-convertidas, impenitentes e não santificadas. Julgo que perto da metade das que vêm a mim são dessa classe. Delas direi, apenas e resumidamente, os seguintes pontos:

1. A primeira orientação que temos a respeito desses elementos é dizer com franqueza a cada um: “Sua situação é triste. Espanta-me você atrever-se a arriscar a sua salvação, como está fazendo”. Depois talvez vocês possam requerer algum grau de confiança ou aplicar-lhe uma severa censura. Cabe-lhes escolher o que julguem bom para despertá-los para as suas reais e verdadeiras condições.

2. Sejam muito cautelosos quanto a aplicar censura precipitada ou absoluta a qualquer deles, pois não é coisa fácil discernir entre alguém totalmente destituído da fé verdadeira e alguém que se professa cristão. Alguns podem pensar que é fácil fazê-lo; mas não é. É necessário, pois, que vocês procurem ouvi-los, mas não façam um julgamento prematuro e terminante sobre eles.

3. Os seus deveres gerais como ministros lhes propiciarão outros meios de lidar com tais pessoas. Acrescentarei somente estes: (1) Mantenham-nas assíduas ao culto público e à devoção particular, como na frequência às reuniões da igreja, na leitura da Bíblia, etc.

(2) Tomem tempo muitas vezes com os indiferentes, para despertá-los, e com os negligentes, com o fim de admoestá-los. (3) Se adoecerem, aproveitem a oportunidade para usar os recursos que possam para abrandar os seus corações e abrir os seus ouvidos. (4) Vejam que esses crentes passem o dia do Senhor com devem e que cuidem bem das suas famílias. (5) Mantenham-nos longe das

tentações e doutras ocasiões propícias ao pecado. (6) Instem com eles a entrarem em contato com vocês quando forem tentados ou quando precisarem do seu auxílio noutros apertos ou perigos. (7) Ataquem fortemente os grandes pecados radicais: a busca dos interesses próprios, as preocupações terrenais, o sensualismo, o orgulho e a infidelidade. Ajudem-nos a desenvolver o hábito de leitura da Bíblia, e orientem-nos para a leitura de bons livros, que lhes dêem bom auxílio. (8) Animem os vizinhos deles, desde que sejam fiéis a Deus, a estarem atentos neles. (9) Não afrouxem a disciplina, para fazê-los temer o escândalo em potencial. (10) Mantenham em si próprios a vida da graça, para que ela possa transparecer em todos os sermões que pregarem. Desse modo, todos aqueles que chegarem frios na igreja, poderão estar aquecidos e cheios de vigor ao saírem.

Agora ponham esses conselhos em prática.

Concluí meus conselhos a vocês. Agora os deixo com vocês para os porem em prática. Embora o orgulhoso possa recebê-los zombeteiramente, e o egoísta e o preguiçoso com desgosto e indignação, não tenho dúvida de que Deus fará uso deles, pois, apesar da oposição de Satanás, eu os escrevi a fim de despertar muitos servos de Deus para o seu dever. E os escrevi para promover a obra de uma Reforma verdadeira. Amém.

25 de dezembro de 1655.

APÊNDICES

Certo dia da primavera de 1652, realizou-se uma reunião mensal dos ministros locais na casa de Richard Baxter. Nessa reunião, Baxter propôs que adotassem uma base comum para a disciplina eclesiástica. Ele preparou um Acordo que, posteriormente, foi aceito por menos da metade das 112 paróquias de Worcestershire.

O plano foi amplamente estudado e adotado por Associações similares nuns outros treze condados. Isso aconteceu durante a transitória vida política sob a República (*Commonwealth*), quando vinha de ocorrer certa queda da máquina diocesana. Baxter tinha grandes esperanças de que estas experiências seriam um meio de fomentar a eficiência do ministério. Ele as via como um passo em direção à unidade da Igreja, que anelava ver.

CARTAS DE APELO

Na primeira edição do seu livro, Baxter incluiu duas cartas relativas a uma proposta que ele havia feito. Escrevera *The Reformed Pastoreara* ajudar “a propagação do evangelho e a salvação das almas”.

Agora, ele acrescenta outra preocupação. Escrevendo a pastores e a cavalheiros interessados, oriundos de vários condados, mas que moravam em Londres, disse ele: “Bem sei, e não duvido, que há grande desigualdade nas habilidades ministeriais, e que muitos lugares têm ministros destituídos das qualidades de interesse persuasivo e dons dinâmicos. Alguns têm que ser tolerados, pela necessidade da Igreja, embora exerçam fraco impacto sobre o mundo e sobre os ignorantes. E outros, conquanto doutos e capazes, talvez não sirvam para lidar com gente simples. ... Suponho que, se vocês examinarem bem todo o ministério de um condado, não acharão tantos pregadores vigorosos e convincentes como gostaríamos de ter”.

Eleve-se o padrão do ministério pastoral mediante ensino ministrado por especialistas, Por que, sugeriu Baxter, não selecionar quatro homens de cada condado? Cada um poderia delegar a outrem os seus deveres uma vez por mês,

ficando livre para pregar nos locais que acaso tenham maior necessidade dos seus serviços.

Baxter propusera isto em Londres, e alguns amigos de Worcestershire captaram a idéia, providenciando o dinheiro necessário para pô-la em prática. Isto animou Baxter a redigir um amplo apelo em Londres, dirigido a outros comerciantes, cavalheiros estabelecidos e ministros, no sentido de fazerem o mesmo em prol doutros condados.

Numa segunda carta enviada a todos os ministros de Worcestershire (não pertencentes à sua Associação), ele fala do programa, agora com suporte financeiro de Londres, e os concita a abrir as portas das suas igrejas para o possível ministério dos quatro homens para isso designados em Worcestershire.

“Assim, solicitamos, por meio desta, a vocês, como irmãos, que quando algum deles oferecer os seus préstimos à sua igreja local, pela prédica,... que o recebam e façam tudo que puderem para favorecê-lo em seu trabalho. Visto que não pensamos em lançar sobre vocês a ajuda deles sem pedir-lhes consentimento, também não podemos senão esperar que vocês, homens tementes a Deus e que almejam o bem eterno do seu rebanho, alegre e agradecidamente obsequiarão a solicitada assistência. E esperamos que nenhum de vocês o ache desnecessário, nem o tome como uma acusação de que o seu ministério é insuficiente, pois o Senhor outorga variadamente os Seus dons”.

Desde que, de fato, Baxter tinha solicitado insistentemente aos seus mantenedores financeiros que contribuíssem para a causa do padrão desigual do ministério, não sabemos até que ponto os seus colegas de ministério se sentiram ameaçados pelo seu plano. Nem

deveras sabemos em que medida as Associações(ministeriais) conseguiam bom êxito naquela época.

II. O ACORDO DA ASSOCIAÇÃO DE WORCESTERSHIRE

Este Acordo foi publicado em 1653 como *Concórdia Cristã*, três anos antes do lançamento de *The Reformed Pastor*. Continha vinte proposições, de cujos principais pontos damos um sumário aqui.

Nós, ministros do evangelho ... concordamos e resolvemos o seguinte:

Não seremos denominacionalistas

1. Não nos prenderemos a nenhuma facção, nem nos comprometeremos com ela, nem seguiremos seus ditames. Em vez disso, disponhamo-nos unânimes a praticar somente as verdades nas quais os membros moderados e devotos dessa facção estão de acordo. Confiamos que, assim, não se dará ocasião a que nenhum desses elementos moderados e devotos se aparte de nós.

Cumpriremos fielmente o nosso dever

2. Concordamos e resolvemos, com a ajuda de Deus, fazer aquilo que Deus revela ser o nosso dever. Nós o cumpriremos fielmente. Faremos isso, ainda que nos custe o temor de sofrer alguma perda em nossas condições sociais atuais, ou nos custe a reprovação e o desagrado dos homens, ou a perda de quaisquer incentivos carnavais semelhantes.

3. Estamos particularmente convencidos de que é dever de todo ministro procurar conhecer pessoalmente, se possível, todos os que estão a seu cargo. Se o ministro se familiarizar assim com as pessoas do seu rebanho, saberá qual é o seu dever especial para com cada uma delas, e o cumprirá.

Exerceremos disciplina moral

4. Também estamos convencidos de que é dever dos ministros e do povo da igreja, quando surja a ocasião, admoestar e repreender aqueles que vivem nalgum pecado conhecido, voluntariamente ou por negligência. Isto deve ser feito com terno amor e, todavia, com grande seriedade e discrição, e não com malícia, amargor e desdém. Deve adequar-se às necessidades e à personalidade de cada pessoa e de cada falta.

Se o faltoso não der ouvidos, nem obedecer à admoestação mediante arrependimento e mudança, deverá ser admoestado diante de testemunhas. Isto nos comprometemos a praticar fielmente, conforme se nos dê ocasião. E faremos que a nossa gente conheça bem o seu dever, no tocante a esta questão. Isso é extremamente importante em nossas grandes igrejas onde, devido à grandeza doutras obras, pode-se esperar que poucas dessas admoestações serão feitas pelos próprios ministros.

5. Se alguém, após a admoestação, ainda se recusar a mudar de vida e se arrepender, os que podem prová-

lo deverão dizê-lo aos líderes da igreja. Estes deverão ouvir o caso e admoestar com autoridade o ofensor. Cautela aqui: se pessoas não credenciadas acusarem publicamente os faltosos antes de seu caso ter sido ouvido pelos líderes, isto poderá gerar perigosas calúnias e contendas. Determinamos certas ocasiões próprias para ouvir tais casos.

6. Nos lugares que dispõem de magistrados, julgamos conveniente, se conseguirmos persuadi-los, que estejam presentes nessas reuniões. Deste modo, poderão eles tanto testemunhar nosso procedimento, como apoiá-lo, quanto lhes permita a lei.

7. Se ainda alguém se negar a arrepender-se e corrigir-se, ou se alguém tiver cometido pecado de maneira tão grave que trouxe escândalo público à igreja, será dever dos ministros censurar os faltosos perante a igreja toda e chamá-los publicamente ao arrependimento.

8. Todavia, quando o pecado de alguém o expõe às leis do país, resolvemos não antecipar-nos à justiça pública. Tampouco faremos denúncia baseada em confissões feitas na igreja. Ao invés disso, esperaremos para ver o que a justiça fará com os implicados. Mas, depois da sentença civil, podemos e devemos exigir arrependimento manifesto.

9. Estamos determinados a não mencionar em público o pecado de ninguém, antes de se obterem provas cabais a respeito.

10. Se após a admoestação pública o pecador recusar-se obstinadamente a mostrar arrependimento ou mudança, é dever do ministro dar-lhe conhecimento da ameaça com que Jesus denunciou tal pecado voluntário, falando em nome de Cristo. Ele deverá abster-se da Ceia do Senhor. A igreja deverá ser exortada, em nome de Cristo, a

evitar toda intimidade com ele — não somente no culto de Deus, mas também nos contatos comuns, salvo aquilo queas relações mútuas e civis obrigam.

11. É impróprio admitir tal pessoa à pública comunhão da Ceia do Senhor enquanto estiver sob justoprocessamento de julgamento.

12. Também devemos repreender tal pessoa publicamente, a fim de evitar escandalizar os fracos, agravar os devotos, causar escândalo à nossa carreira, e ofender a Deus.

13. Não será um arrependimento superficial, feito com má vontade ou apenas verbalmente, que deverá satisfazer a igreja para restauração.

14. Ora, se após uma ou duas ocorrências de pecado escandaloso ou obstinado, o faltoso professar sério arrependimento, nós o admitiremos à comunhão.

15. Conquanto os membros da igreja não tenham poder ministerial ou de governo, cabe-lhes todavia o julgamento da descrição criteriosa. Com isto poderão julgar discernir cada caso.

16. Se os crentes não evitarem o companheirismo e a intimidade com os que foram julgados e suspensos publicamente, deverão ser admoestados. Mas, se uma grande parte deles agir assim, os restantes deverão privar-se de manter comunhão com eles. Concordamos em que, para evitar grave e perigosas conseqüências, se a situação for essa, será aconselhável reunir-nos com os nossos irmãos pertencentes à respectiva Associação e ouvir os seus julgamentos.

Delegaremos deveres pastorais

17. Tem sido costume da Igreja, desde os dias apostólicos, ter muitos cargos. Ora, muitas vezes a parte

desempenhada pelos deveres pastorais é muito grande. Assim, julgamos legítima a utilização de toda a assistência que pudermos obter, tratando de conseguir mais ministros e presbíteros ou anciãos, quanto a igreja necessitar.

Julgamos cabível utilizar membros da igreja que sejam instruídos e competentes para ensinar nos trabalhos de instrução privada e na supervisão. Mas, como Associação, não determinamos que lhes seja permitido ministrar as ordenanças, nem que eles sejam equiparados aos ministros ou presbíteros docentes. Simplesmente concordamos na prática em deixar as respectivas funções e posições ao critério das igrejas locais. Também achamos aconselhável ordenar homens idôneos como diáconos.

Governaremos democraticamente

18. Visto que estas regras de disciplina todas não poderão ser exercidas sem o consentimento do povo, deverão ser adotadas com a sua aprovação. Portanto, achamos necessário que o povo da igreja dê seu assentimento às regras desta Associação, e não as deixe somente à aprovação do ministro.

19. Para obter esse consentimento, e sabedores que o nosso povo talvez ignore os pontos fundamentais da fé cristã, primeiramente instruiremos o nosso povo com vários sermões sobre a natureza da Igreja, sua constituição e governo, os deveres e a autoridade dos pastores, e os deveres do povo de Deus. Buscaremos a direção de Deus para formular uma confissão feita com acordo geral em público. Cópias dela serão postas à disposição do nosso povo, para leitura e reflexão. Só então lhe pediremos sua aprovação.

Fomentaremos o companheirismo dos pastores de cada região

Subseqüentemente a este acordo, a Associação combinou reunir-se em cinco localidades do condado, uma vez por mês, ou mais, se a necessidade exigisse. Cada ministro podia escolher qual dos cinco lugares (a saber, Worcester, Evesham, Upton, Kidderminster e Bromsgrove) favorecia mais o seu comparecimento.

Dever-se-ia fazer uma preleção pública nessas ocasiões, para sua edificação. Questões de disciplina e culto seriam discutidas. Deveriam debater quaisquer novos pontos doutrinários, bem como as diferenças de opinião. Queixas contra algum membro da Associação e questões de disciplina seriam discutidas.

Dever-se-ia encarecer todo o auxílio que se pudesse solicitar às igrejas próximas. Deveriam ser admitidas as igrejas dos condados vizinhos que não pertenciam a nenhuma Associação congênere. Antes de se aceitar a renúncia de membros da Associação, deveriam ser expostos todos os motivos da renúncia. Tomou-se também a resolução de não exceder os limites da convocação, no sentido de evitar intromissão nos assuntos civis ou do estado.

O propósito da Associação era, pois, buscar o bem-estar *das almas; a propagação do evangelho; a unidade, a paz e a reforma da Igreja; e glorificar e agradar a Deus em tudo.*

III. OBJEÇÕES À OBRA “THEREFORMED PASTOR”, DE BAXTER

Pratiquem a catequese pessoal

Este apêndice, acrescentado às últimas edições de Baxter, indica as suas reações e a sua percepção das críticas que recebeu desde a primeira edição do seu livro. Mostra que estava animado, quando diz: “Bendigo a Deus por ter eu vivido o bastante para poder ouvir que muitos fiéis servos

de Cristo seguem rigorosamente esta obra de *Instrução Pessoal*, não somente neste condado, mas também noutras partes do país. Agora começo a ter a esperança: de que o encargo pastoral será compreendido, graças a essa experiência, tanto por nosso povo como por nós mesmos. ... Agora espero que os desentendimentos entre os do povo e os seus mestres sejam removidos.

Espero que percebam qual é o nosso objetivo e quão longe estamos de querer feri-los ou dominá-los, pois desejamos que vejam que a nossa grandeza e a nossa dignidade consistem simplesmente em *sermos servos de todos*.

Evitem a preguiça

“Em seguida à *incompetência*, a coisa que mais temo nos ministros é a *preguiça*. Que comecemos a favorecer-nos a nós mesmos... e a permitir que a carne perverta a nossa razão e nos faça dizer: “Acho que não preciso dar tão duro assim... já fiz o bastante, por que tenho que fazer mais...?” Na maior parte, as objeções que tenho ouvido desde a publicação deste livro são as mesmas a que respondi no Prefácio.” (Capítulo Um.) [Mas houve vinte novas objeções levantadas contra a primeira edição, e algumas destas Baxter trata da seguinte maneira].

Objeção 1: Objeta-se que o meu livro inteiro se baseia numa falsa suposição, qual seja, que a disciplina e a instrução pessoal são indispensáveis ao nosso ministério.

Não foi o que eu disse, declara Baxter, “mas estas palavras eu escrevi de fato: *Governar é tão indispensável ao encargo do pastor como pregar, disto estou certo*. Concluo: (1) que é indispensável ao ofício ou ministério do pastor de uma igreja particular ter capacidade para o governo e para a pregação pública, e ser obrigado, em ocasiões próprias, tanto a governar como a pregar. (2) Na

verdade, governar não é indispensável para ser pastor, pois, ser pastor é estar habilitado ou sob obrigação. (3) Governar se relaciona com o seu ofício ministerial como a capacidade do médico para orientar e aconselhar pacientes se relaciona com a sua categoria profissional. (4) Um homem pode ser um ministro fiel e, contudo, nunca pregar um sermão. Se uma grande igreja tem seis ou mais pastores, e dois ou três deles são pregadores mais eficientes, os outros poderão usar mais sabiamente as suas energias para a conversação (em trabalho pessoal) e para a supervisão privada”.

Objeção 2: Não tomamos a paróquia como nossa igreja, mas distinguimos entre os membros do nosso rebanho, a igreja e o restante da paróquia.

Se eles tomam toda a paróquia como sua igreja, não podem concordar em fazer catequese e instrução pessoal porque não tomamos todos os que são das nossas paróquias como sendo membros da igreja? Também poderão deixar de pregar pela mesma razão. Só excluimos da nossa instrução aqueles que se retiraram da nossa responsabilidade e de uma igreja em particular, recusando-se a serem membros dessa igreja.

Objeção 3: Outros fazem objeção ao nosso procedimento, quando julgamos desprezadores contumazes da instrução e os achamos incapacitados para participarem da Ceia do Senhor.

De que outra maneira poderemos cumprir fielmente o nosso ministério? Quem não condenaria o médico que levasse os seus pacientes a acreditarem que não estão em perigo, para livrar-se da amolação de ter que cuidar deles?

Talvez o que mais os melindre seja a intimidação. Mas não podemos tolerar dentro da Igreja o relaxamento no

viver, sem transformar em deserto o jardim do Senhor.

Objeção 4: Você nos dá sapatos apertados demais. Você julga todas as nossas igrejas pela sua. Acontece que a nossa gente é difícil, não é tratável como a sua, talvez.

O fato é que, quanto piores forem as pessoas, mais precisarão de instrução. Poderá o povo estar apto para a Ceia, se estiver acorrentado pela má disciplina? É uma contradição.

Objeção 5: Mas você edifica demais com o material do texto de Atos 20:20. Os apóstolos safam a ensinar “pelas casas” (ou “de casa em casa”) simplesmente porquẽ não tinham igrejas.

Levem a sério os seus deveres pastorais

Sim, é verdade que o ministério apostólico era muito limitado, ensinando eles nas sinagogas, em lares-igrejas, e a grupos mistos, compostos de pagãos e cristãos. Mas eu baseio a minha preocupação pelo dever geral no sentido de que ser pastor é ser pastor deveras — assim como ser mestre ou professor, médico ou comandante militar significa que a pessoa assume papéis pertinentes ao ofício visado. É certo que não se tem autoridade para prescrever especificamente dois dias por semana para a referida instrução pastoral. Mas o tempo consagrado a isto é apenas uma indicação da seriedade com que a pessoa assume os seus deveres pastorais.

Objeção 6: Se todos os ministros tomassem dois dias por semana para o ministério pastoral (de instrução pessoal), teriam muito pouco tempo para estudar e, assim, os seus adversários os encontrariam inabilitados na apologética.

Estudem diligentemente

Depois de tantos anos de estudos universitários, quatro dias por semana não é tempo suficiente para o seu estudo? E vocês estudam mesmo? Aquele que acrescentar a prática e a experiência proporcionais aos seus estudos será o mais hábil médico, teólogo ou advogado.

Objeção 7: No tempo em que Paulo vivia, exigia-se mais diligência do que a que se exige de nós. As igrejas estavam sendo fundadas, os inimigos eram numerosos e a perseguição era grande. Mas agora os tempos mudaram.

Não passem por alto as necessidades do seu rebanho

Essa foi a resposta dos bispos contra a insistência dos puritanos na importância da pregação. Mas isto cheira ao homem que se fecha em seu escritório, desconhecendo o mundo lá fora.

Deus bondoso! Não existem ao redor de nós multidões que não sabem se Cristo é Deus ou homem, o que Ele fez por elas, e no que devem crer para obterem o perdão e a salvação? Não há milhares e milhares à nossa volta que estão se afogando na presunção, na confiança própria e no sensualismo, partindo os corações dos pregadores, e nem sequer nos percebendo nem nos compreendendo depois de termos feito tudo que pudemos?

Que ministro consciencioso não acha bastante trabalho para realizar do começo ao fim do ano? Mesmo que tenha menos de cem almas das quais cuidar, ainda não é assim?

Objeção 8: Você determinou com demasiada confiança quanta assistência se requer para os deveres do ministro numa grande igreja. Isto lhe deixa uma pequena verba financeira.

Terei que recorrer à Bíblia para mostrar-lhes que a alma humana vale mais que o mundo inteiro, e muitíssimo

mais que o salário do ministro? Acaso todo cristão não deve perguntar primeiro: de que modo poderei honrar mais a Deus?”

As objeções 9 a 19 tratam mais especificamente de práticas relacionadas com as Associações ministeriais e, portanto, não são relevantes para nós hoje.

A última objeção em que Baxter tocou referia-se à questão do Credo Apostólico. Replicou ele que o uso do “antigo credo ocidental” indica que a Igreja tem vários credos, orientais e ocidentais, antigos e modernos. Sua defesa do Credo Apostólico foi como segue:

Façam do seu credo uma fé viva

Um credo é uma realidade viva, e não uma ortodoxia morta, constituída de palavras estáticas. Portanto, não posso acreditar que a forma atual das palavras que ora temos em mãos tenha sido composta pelos apóstolos, ou tenha sido o credo universal desde o princípio. Os pais expressaram o Credo da Igreja de várias formas, de modo que, mesmo trezentos anos depois de Cristo, existiam diferentes formas do Credo. Inácio, Irineu, Orígenes e Tertuliano referem pelo menos três diferentes formas dele.

Citando extensamente o “Sermão Sobre a Unidade da Igreja”, do bispo Ussher, Baxter observa que:

Este Credo era o mesmo, na *substância*, mas *sua forma* era um tanto diferente e, nalguns lugares tinha maior extensão que noutros. Creio que a maioria de nós gosta tanto da nossa comodidade carnal que, se soubéssemos onde achar um livro ou uma igreja que pudesse dar-nos uma *segura* exposição das Escrituras (como vindo diretamente dos apóstolos), nós a abraçaríamos entusiasticamente.

[Como é usado o Alcorão], a usariamos, não somente para tranquilizar as nossas mentes, mas também para poupar o tempo e o esforço que agora dedicamos aos nossos estudos das Sagradas Letras.

Fim